

mIRC32 - [#pelotas [+dnrSt]: Não esta gostando das mensagens de publicidade que tem recebido ao conectar ou não quer c...

File Tools DCC Commands Window Help

Status

BRASNET

#pelotas

[02:19] *** JANJAN- has left #pelotas

[02:19] *** CECO

[02:19] *** Bombe

Rozane da Silveira Alves

[02:19] <CECO> oiiiiiiiiiii ruga

[02:19] <FbRcID> o CLEVERSON DANIEL BARBIEIRO TU TA AI SEU

CORNO!!!!!!!!!!!!

[02:20] <CECO> nossa que discreto

[02:20] *** Louize has quit IRC (Quit: fui'ss :***** pro'6)

[02:20] <skin_malz> cleverson?

[02:20] <skin_malz> auhasuhahas

[02:20] *** socram has left #Pelotas

[02:20] <FbRcID> sera q exagerei?

[02:20] *** Pepsi sets mode: +v Guest108301

[02:20] <FbRcID> *****

[02:20] ***

Jovens, Chats e Escola

As relações que emergem desse contexto

[02:20] <sk

[02:20] * A

[02:20] <CECO> CADE O FOX

[02:20] *** Gauchinha-Agro has left #Pelotas

[02:20] <skin_malz> cleverson vai se dificil meu

[02:20] *** _Morpheus_- has joined #pelotas

[02:20] *** ZiggStardust is now known as Eu_vi_John_Constantine

[02:20] <skin_malz> sabe come ki e nome comun

[02:20] *** PhYbEr-OpTiK is now known as Lauro

[02:20] *** Ninguem has joined #pelotas

[02:20] *** U has joined #pelotas

[02:20] <skin_malz> tem di na pessa essa!

[02:20] *** Karno

Faculdade de Educação - UFPEL

Junho de 2002

[02:20] *** _bassman_ has joined #pelotas

[02:20] *** Ninguem is now known as Guest108365

PATRIQUE-EM

Pedone

PEDRO20

Perceu--

Piers

PITA_

Polga

PREZUNTINHO

Pyro

RatinhoRoch

RaU

RBonini

Rebs

ruana_

saninha_

screamers

Senna-RS

Silveira

SiLvEr_SlAv

skin_malz

socram

Stapafurdio

Stephen Kin

Subversivo_

SuRFIsTa_d

susu

the_evil_Dr

Toto

trick

TSAPHKIEL

TUTTI

U

Iniciar

Conect...

TextoP...

Docum...

CapaP...

mIRC...

02:21

Rozane da Silveira Alves

Jovens, Chats e Escola

As relações que emergem desse contexto

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dra Tânia Maria Esperon Porto.

Pelotas
Faculdade de Educação da UFPEL
2002

Dados de catalogação na fonte:
Zilda M. Franz Gomes CRB-10/741

A474j Alves, Rozane da Silveira

Jovens, chats e escola: as relações que emergem desse contexto. / Rozane da Silveira Alves; orientadora Tânia Maria Esperon Porto. – Pelotas, 2002.
171f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2002.

1. Internet e educação. 2. Educação e comunicação.
3. Adolescente e Internet. I. Porto, Tânia Maria Esperon, orient. II. t.

CDD 371.39445

302.23



Dedicatória

Dedico este trabalho aos educadores, pois em algum lugar, em algum momento, eles fizeram os olhos dos jovens brilharem.



Agradecimentos

Agradeço aos meus familiares, amigos e grupo de pesquisa pelo incentivo, e apoio durante o desenvolvimento desse trabalho.

Agradeço de forma especial a minha orientadora, Prof. Tânia, pela dedicação, amizade e competência com que me acompanhou.

Agradeço a todos os jovens do canal Pelotas que me ensinaram e auxiliaram durante o trabalho.

E finalmente, um agradecimento especial ao AYS, que tornou possível essa pesquisa.



“Educadores: onde estarão? Em que covas terão se escondido? Professores, há aos milhares. Mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança.”

Rubem
Alves

RESUMO

Correio eletrônico e salas de “bate-papo” são, segundo pesquisas, os recursos mais utilizados por usuários do ciberespaço. Nesse contexto, onde os jovens são maioria, encontramos uma nova forma de comunicação: rica, inovadora, irreverente, cheia de símbolos, fazendo com que as relações aconteçam independente da localização geográfica dos usuários. Esta pesquisa, resultado da aplicação de questionários (através da rede), entrevistas, fotos dos *IRContros*, análise das mensagens trocadas nos *chats*, procura estudar as relações que emergem nesse contexto. Para tanto, buscamos auxílio em autores como BABIN, MORAN, PORTO, LÉVY e KENSKI para estudarmos essa nova forma de comunicação e levantar os fatores que influenciam a vida dos jovens conectados na rede, dando um enfoque especial as relações desses com a escola.

Palavras chave: Adolescente, Internet, Chat, Relações, Escola.

ABSTRACT

E-mail and chats are, according to research, the features more used by users in the cyberspace. In this context, where young people are majority, we can find a new way of communication: rich, innovate, irreverent, full of symbols, making with that relations happen independent of users' geographic location. This research, resulted of questionnaires' application (by means of the network), interviews, IRContro's photos, analysis of messages changed in chats and it looks to study the relations that emerge of this context. For in such a walf, we search aid in authors as BABIN, MORAN, PORTO, LÉVY and KENSKI to study this new form of communication and to raise the factors that influence the life of the young connected in the network, giving a special approach to relations of the young people with the school.

Key words: young people, Internet, Chat, Relations, School

SUMÁRIO

Lista de figuras.....	010
Lista de gráficos.....	011
Lista de Tabelas.....	013
1. Origem e Justificativa.....	014
2. As questões da Pesquisa.....	023
3. Os meios de comunicação e as novas tecnologias.....	025
4. A Internet.....	032
4.1 Um pouco da história.....	032
4.2 A Internet e seus recursos.....	034
4.3 A Internet no Brasil.....	047
4.4 Canais de “bate-papo”.....	049
4.5 A Netiqueta.....	051
5. Metodologia.....	054
6. Os adolescentes do canal Pelotas.....	065
6.1 A adolescência.....	065
6.2 A linguagem dos adolescentes.....	068
6.3 O comportamento dos adolescentes.....	074
6.4 As relações com a família.....	085
6.5 Outras relações que emergem.....	095
7. Os adolescentes e a escola.....	107
7.1 A escola, as novas tecnologias e as relações.....	107
7.2 O aprendizado.....	115
7.3 Os professores.....	122

8. Conclusões e Reflexões.....	136
9. Referências Bibliográficas e Eletrônicas.....	141
Anexos.....	146
Anexo A – Glossário de termos usados na Internet.....	146
Anexo B – CD ROM com o site da pesquisa.....	154
Anexo C – Resultados da pesquisa on-line.....	155
Anexo D – Roteiro das entrevistas com jovens.....	168
Anexo E – Roteiro das entrevistas com professores.....	169
Anexo F – Fotografias dos IRContros.....	171

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Trecho de “bate-papo” ocorrido em 04/01/01 no canal Pelotas.....	021
FIGURA 2: Backbone de alta velocidade que transporta o tráfego entre redes de menor porte.....	036
FIGURA 3: Endereçamento de mensagem na rede.....	038
FIGURA 4: Janela para digitação de mensagem.....	043
FIGURA 5: Transferência de dados entre o servidor e o cliente.....	045
FIGURA 6: Tela do mIRC com relação de <i>nicknames</i>	051
FIGURA 7: Tela do mIRC com exemplo de <i>flood</i>	052
FIGURA 8: Exemplo de imagem usada no questionário <i>on-line</i>	056
FIGURA 9: Exemplos de <i>quits</i> de usuários.....	073
FIGURA 10: Reação dos pais diante do filho internauta	093

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Idade dos estudantes aprovados no Vestibular UFPel de jan/01.....	020
GRÁFICO 2: Crescimento do número de computadores conectados à Internet.....	048
GRÁFICO 3: Freqüência diária de acesso a Internet e IRC.....	075
GRÁFICO 4: Tempo de contato com a Internet.....	078
GRÁFICO 5: Nível sócio-econômico da família.....	079
GRÁFICO 6: Trabalha.....	079
GRÁFICO 7: O que você considera que mais precisa para ser feliz.....	082
GRÁFICO 8: Como você gasta seu tempo livre.....	083
GRÁFICO 9: O que você lê mais?.....	083
GRÁFICO 10: A situação dos pais.....	086
GRÁFICO 11: Você faz programas com sua família?.....	088
GRÁFICO 12: Seus pais costumam aplicar-lhe castigo?.....	089
GRÁFICO 13: Quando seus pais o punem você.....	091
GRÁFICO 14: Como considera a educação que recebeu dos pais.....	091
GRÁFICO 15: A maioria de seus amigos atuais você conheceu.....	097
GRÁFICO 16: O que você acha de “ficar com”.....	100
GRÁFICO 17: Grau de escolaridade.....	109
GRÁFICO 18: A respeito de sua escola, você.....	110
GRÁFICO 19: Na escola, você.....	111
GRÁFICO 20: Durante suas provas você.....	112

GRÁFICO 21: Em termos da avaliação na escola, você se sente.....	114
GRÁFICO 22: O que você pensa a respeito do que aprende na escola.....	118
GRÁFICO 23: Na sua opinião, qual a melhor forma de aprender.....	118
GRÁFICO 24: Já repetiu de ano alguma vez.....	121
GRÁFICO 25: Com relação aos professores que você teve.....	123
GRÁFICO 26: Na escola você teve professores como modelo.....	124

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Custo da ligação telefônica local – Pelotas/RS.....	040
TABELA 2: Canais mais freqüentados da Brasnet em jan/2001.....	050
TABELA 3: Alguns símbolos e smileys usados na comunicação.....	070

1. Origem e justificativa

Pelotas, RS, outubro de 2000. Sento ao computador e começo a escrever. Início a contar uma história, que para mim, é linda e cheia de significados. Eu me tornei uma educadora há poucos anos. Antes, eu era muitas outras coisas, talvez um simples professor, como diz ALVES (1985) que sabe descrever como ninguém a poética do ser educador. Ele brinca com as palavras e vai enfileirando idéias e dizendo tudo aquilo que trazemos guardado no peito, tudo aquilo que pensamos, mas não conseguimos transcrever tão cristalinamente quanto esse poeta maior da educação.

Eu sei que me apaixonei e me prostrei completamente rendida, quando li o que ALVES (1985, p.11) dizia sobre educadores: “Educadores: onde estarão? Em que covas terão se escondido? Professores, há aos milhares. Mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança”.

Naquele momento, quedei-me pacientemente, e fiquei a pensar como não tinha descoberto antes a magia, o ardor, a paixão de ajudar as pessoas a aprenderem. A angústia que me torturava era o fato de que tantos alunos tivessem passado por mim e eu, por pudor ou por recato, tivesse me mostrado tão pouco e ter deixado coisas acontecerem, ou pelo contrário, não ter deixado acontecerem.

Talvez por ter uma formação em Engenharia (graduação) e depois Informática (pós-graduação), ambas na área das Ciências Exatas, eu tenha, obedientemente, aceitado a idéia de que as máquinas resolveriam a situação da Educação e do mundo.

Trabalhei com afinco no Centro de Processamento de Dados da UFPel, desde que completei a graduação em 1975 até 1990, período esse interrompido somente durante o tempo que estive afastada para o Mestrado em Ciência da Computação na UFRGS. Depois, naturalmente, migrei para a função de professora universitária; muitas

chances já haviam surgido, porém, sempre virei a cabeça e pensei “*gosto das minhas máquinas, de meu computador, aqui sou realmente feliz*”.

Neste ano de 1990 começavam a se multiplicar as turmas das disciplinas de informática nos diversos cursos da Universidade e, com a aposentadoria de um dos professores surgiu uma vaga, que obtive após concurso. Ao iniciar a carreira como docente universitária, já trazia comigo a experiência de trabalhar na área de informática há muitos anos; mesmo assim, estudei muito, preparei-me bem e lembro que, na minha opinião, dei aulas inesquecíveis. E continuaria assim por muito tempo, se ao final do primeiro mês de aulas, um aluno da engenharia Agrícola, timidamente não tivesse se acercado de mim e dito: “*Professora, a senhora é brilhante, mas me desculpe por favor, eu sou muito ignorante, não entendi nada da sua aula, mas com certeza eu nunca conheci uma pessoa que soubesse tanto sobre computadores*”.

Olhei no fundo daqueles olhos, claramente inocentes, que me fitavam com profunda admiração e me perturbei muito. E aí começou a minha busca. Em todos os lugares, em todos os momentos, em livros, em conversas... Eu queria aprender “como fazer os alunos aprenderem”. Quando eu ensinava algoritmos, eu observava a dificuldade que a maioria dos alunos apresentava para entender, para elaborar raciocínios; e eu queria respostas. Mas ao mesmo tempo, sempre que eu ia ao quadro e explicava pacientemente como resolver alguns problemas e exercícios, parecia que eu tirava deles o direito de elaborar alternativas de soluções e de mostrar formas mais mirabolantes e não pensadas.

Corri para o mundo de mente aberta e coração ansioso; deixei de lado os preconceitos, parei de fazer juízos e comecei a querer conhecer quem eram as pessoas que se escondiam ou se disfarçavam como alunos. E começaram as descobertas, as vivências, tantas riquezas e também muitos sofrimentos, porque quando nos expomos estamos literalmente dando aos outros a oportunidade de olharem e julgarem, de gostarem ou não de nosso trabalho.

Voltei aos bancos escolares, queria me sentir aluna novamente. Depois de conviver três anos em um curso de Licenciatura em Matemática, onde cursei da primeira até a última disciplina como se fosse a primeira vez que freqüentava a Universidade, descobri que era extremamente gratificante ser aluna em um curso e professora em outro. Isso me permitia vivências impossíveis de serem descritas, fazia com que quase adivinhasse os

pensamentos dos meus alunos, porque eram quase os mesmos que eu deixava fluir quando atrás de uma classe fazia os trabalhos e acompanhava, atenta, infundáveis aulas de Cálculo e Álgebra.

A segurança de me sentir capaz de entender os jovens estudantes, coisa que nem imaginava ser possível, fez com que eu começasse a ousar nas minhas aulas e que começasse a conversar cada vez mais com os alunos. Comecei a entender que eles percebiam quando um professor conseguia sair do círculo vicioso de seu egocentrismo e buscava conhecê-los de verdade. Quando isso ocorria, eles se mostravam claramente, sem receios. Eles apontavam o caminho, e sugeriam. Às vezes, eu não me sentia segura para adotar suas sugestões, mesmo que concordasse com elas; em outras, eu não concordava mesmo com as inovações e, em algumas situações, tinha algumas recaídas sérias e voltava a ser meio “dona da verdade”.

Mergulhada nessa nova visão de mundo, onde os seres humanos se mostram tão sedutores pela sua diversidade, pelos seus erros, por suas limitações, fui deixando a informática de lado. Descobri que tinha algum talento para me comunicar e comecei a explorar, ao máximo, essa potencialidade que, até então, desconhecia.

Comecei a usar todos os recursos que tinha ao meu alcance e que via funcionar bem no cotidiano dos jovens, fora da sala de aula: vídeos, fotos, jornais, revistas, tv, jogos, brincadeiras. Já estava trabalhando com disciplinas da área de Matemática e comecei, realmente, a me divertir, enquanto trabalhava com os alunos. Algumas vezes, poderia até parecer que a nossa sala de aula virava uma grande bagunça. Os jovens são naturalmente barulhentos, alegres, ruidosos e, quando estão fazendo alguma coisa que realmente os motive, é o momento em que se deixam ser eles mesmos, sem máscaras e sem disfarces. É claro, que tive que aprender muito duramente a conviver com a crítica dos outros e a minha própria, mas senti que isso me levou a amadurecer não só como educadora, mas também como pessoa.

Quando ALVES (1985, p.13) fez sua célebre analogia entre educadores e jequitibás, ele realmente foi muito feliz.

Eu diria que educadores são como as velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma “estória” a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma “entidade” sui generis, portador de um nome, também de uma “estória”, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo pra acontecer neste espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal.

Depois disso, passo a passo, fui (re)construindo a minha história, uma professora de Matemática e Informática que descobriu com paixão, o prazer de se aventurar pela área da Educação em infindáveis leituras. Como boa professora de Matemática sempre evitara escrever, afinal a ciência é exata: $2 + 2$ é igual a 4 e ponto final. Para que ficar enchendo páginas e mais páginas de textos que me pareciam inúteis, já que a minha paixão sempre foram os números?

Só que agora as emoções estavam em turbilhão dentro de mim, eu não só queria escrever, como precisava. Fico lembrando então, as inúmeras leituras dos primeiros semestres do Mestrado em Educação – FaE (UFPEL), quando era a paixão pura e simples que me movia.

Como afinal eu conseguira ficar distante tanto tempo desse mundo mágico das idéias? Como eu nunca me interessara por conhecer ou ouvir pessoalmente Paulo Freire, essa unanimidade nacional, esse educador realista que ousava sonhar?

Lendo Paulo Freire, vislumbrei como ele realmente escrevia sobre suas vivências, suas experiências. Como ele era brilhante quando ensinava que, ao aprender a ler, nos preparamos para, imediatamente, escrever a fala que, socialmente, construímos (FREIRE, 1993).

FREIRE nos faz enxergar que ler a palavra e o mundo não está na negação da linguagem simples, que usa os conceitos da cotidianeidade, mas sim na mescla equilibrada entre a linguagem científica, acadêmica que se desenvolve em torno de conceitos abstratos como também da linguagem que torna tudo isso acessível, mais claro ao aprendente.

Finalmente, como boa professora de Matemática, completei um círculo e voltei ao ponto de partida; resgatei da Informática as vivências que me permitiram aproximar cada vez mais dos jovens através desse fenômeno da comunicação que é a Internet.

A moderna tecnologia da informática e dos meios de comunicação atrai os jovens; eles se sentam à frente de um teclado e mexem em tudo tentando descobrir como funciona. Não se constroem, nem se condicionam a fazer cursos ou treinamentos antes de utilizar a tecnologia. Pacientemente, mexem e remexem até obterem a resposta; caso não consigam, buscam-na junto aos colegas e amigos mais experientes.

Em uma pesquisa por mim realizada com algumas colegas do Mestrado (ALVES et al., 2000), levantei dados que mostram que entre os 190 jovens que freqüentavam canais de “bate-papo” na Internet, 66,3% dos usuários aprenderam a usar essa ferramenta sozinhos, 32,1% com amigos e apenas 1% aprendeu em cursos ou treinamentos. É bom salientar que os usuários pesquisados tinham idade média de 17,2 anos e, em sua maioria (65,8%), estudavam no nível médio.

Foi observando minha filha adolescente, seus interesses e a linguagem que usava com seus amigos, que comecei a me dar conta de como os pais e educadores estão distantes do mundo dos jovens e como conhecem pouco sobre seus sonhos. E pergunto-me: se não os conhecem como podem educá-los e motivá-los para que aprendam?

Pensei então que, primeiramente, é preciso dialogar e assim conhecer a linguagem que eles usam. A partir dessa decisão comecei a entrar nos canais de bate-papo. Inicialmente, só observava as conversas: divertidas, ricas, coloridíssimas. Depois de algum tempo, após conhecer o suficiente para não cometer alguma gafe mais séria, ou seja, me comportar como um **newbie**¹, comecei a conversar com alguns jovens; sempre me identificava como professora que pesquisava sobre o comportamento de adolescentes e eles, sem nenhum pudor, colaboravam com informações, davam palpites e chegavam a se oferecer para serem entrevistados. Já que os jovens se fascinam tanto com essa tecnologia, pergunto-me *por que não usá-la a favor da escola e da educação?*

A Internet, esta rede fantástica que liga computadores pelo mundo todo, que assusta tantos os pais quanto os educadores com seus perigos virtuais e com suas

¹ Os termos em negrito são comumente usados na Internet e encontram-se num glossário no Anexo A.

potencialidades para bombardear os jovens com todo tipo de informação, não poderia ser utilizada para motivar o aprendizado escolar dos jovens?

Termos como **hipertexto**, **site**, **link** e **e-mail** são pronunciados e assimilados por jovens e crianças com uma velocidade espantosa. Portanto, é necessário que, como educadores, mergulhemos nessa paixão adolescente para que a conheçamos melhor.

Mergulhar no meio dos jovens estudantes é viver constantemente descobrindo “coisas” novas. É instigante acompanhá-los no seu aprendizado, pois precisamos saber como eles pensam, como eles assimilam e processam as informações que lhes chegam de todos os meios de comunicação.

Como podemos trabalhar conteúdos nas mais diversas disciplinas se não conhecemos como esses jovens se comunicam, se não sabemos o que os estimula e o que faz com que aumentem ou diminuam seus interesses?

E não é só nas escolas de nível fundamental e médio que isso acontece! A Universidade está recebendo estudantes cada vez mais jovens. PORTO (2000) situa o início da adolescência ao redor dos 10, 12 anos e a Organização Mundial da Saúde considera que a adolescência está iniciando em torno dos 12, 13 anos e se estendendo quase até os 21 anos.

No GRÁFICO 1, podemos observar a faixa de idade dos alunos aprovados no vestibular de janeiro de 2001 na Universidade Federal de Pelotas. O gráfico mostra a distribuição de alunos em faixas de idade. Nele, podemos observar que 77,8% dos estudantes que ingressam na universidade têm idades variando de 18 a 23 anos, sendo que a maioria (53,3%) com idade variando de 18 a 20 anos e isto significa que chegam e realizam parte dos estudos universitários ainda adolescentes.

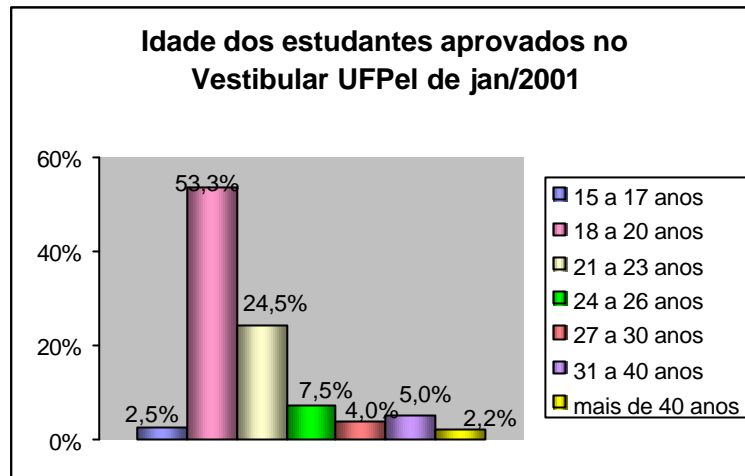


GRÁFICO 1

Antes de iniciar o estudo originário desta dissertação fiz observações diárias das conversas públicas entre os usuários do canal Pelotas, durante oito meses a partir de julho de 2000. Conectada por duas horas diariamente, foi-me possível detectar as características do ambiente e reconhecer os usuários mais assíduos do canal. Comportando-me como um usuário normal, recorria aos operadores solicitando ajuda quando necessário para desfazer dúvidas a respeito de comandos usados no *IRC (Internet Relay Chat)*. Esses sempre se mostravam atenciosos e nunca deixavam de me auxiliar na resolução dos problemas apresentados.

Durante esse tempo de observação foi possível conhecer as características da linguagem usada na comunicação que, para uma pessoa não conhecedora do meio, é bastante diferente. Mesmo tentando ser neutra no ambiente, por diversas vezes, os jovens chamavam-me para conversas, alguns por simples curiosidade com o **nick** usado², outros mais insistentes, repetindo o convite, principalmente porque eu permanecia em silêncio sem responder.

Em oportunidades que surgiram de diálogo com alguns operadores e usuários do canal Pelotas, identificando-me como professora e pesquisadora, os jovens se mostravam surpresos pela utilização da linguagem freqüentemente usada por eles, inclusive duvidando da minha idade. Isso facilitou muito a aproximação e a abordagem. Na FIGURA 1, observamos um trecho de conversa ocorrido no dia 4 de janeiro de 2001 no canal Pelotas (usei o *nick* DeM) com um usuário de **nick** SWOOSH.

² A autora usou o **nick** **DeM**, um apelido de infância, com a grafia usando alternância entre letras minúsculas e maiúsculas, como os jovens costumam usar. Freqüentemente era questionada se o *nick* era abreviatura da palavra **demônio** ou então de **demolay** (termo que designa os jovens ligados à Maçonaria).

```

[02:41] <SWOOSH> eh?
[02:41] <SWOOSH> legal
02:41] <SWOOSH> vc fala como uma adolescente
[02:41] <SWOOSH> muito legal isso
[02:41] <DeM> eu não falo como adolescente
[02:41] <DeM> eu escrevo como adolescente
[02:42] <DeM> pq aqui no irc ficaria gozado ate
[02:42] <DeM> usar o portugues de forma correta
[02:42] <DeM> eu acho o maximo poder abreviar tudo
[02:42] <SWOOSH> eh realmente
[02:42] <SWOOSH> ficaria
[02:42] <SWOOSH> eu tb acho
[02:42] <SWOOSH> mas tem q cuidar isso
[02:42] <DeM> estou estudando os jovens e a suas relações com a in
escola
[02:43] <SWOOSH> pra nao confundir as linguagens
[02:43] <SWOOSH> vc faz psicologia?
[02:43] <DeM> mestrado em educação

```

FIGURA 1: Trecho de “bate-papo” ocorrido em 04/01/2001 no canal Pelotas

Como eu já havia entrevistado o *founder* do canal Pelotas, **Alberto Yuchi Sato** (*nickname* **AYS**), em trabalho anterior, alguns jovens ligados mais diretamente à administração do canal, sabedores do trabalho de observação feito, ofereceram-se para serem entrevistados e colaborarem com a pesquisa, fornecendo informações sobre o dia-a-dia do canal.

Nessas conversas informais, algumas situações foram sendo detectadas como comuns entre esses jovens, como por exemplo, o computador estar instalado no quarto do adolescente e ser considerado, por ele, um objeto de uso pessoal.

Se um jovem é visitado por amigos, costuma recebê-los em seu quarto para uma sessão de Internet, por isso é comum ver-se o **nickname** constituído pela combinação dos **nicks** dos jovens presentes ligados por hifen.

Quando a família possui um único microcomputador para uso comum, o jovem frequentemente comenta esse “infortúnio”; sonha em ter seu próprio computador e poder usá-lo de forma privativa deixando-o inacessível aos demais membros da família.

Foi na própria Internet que busquei referências sobre esse assunto e verifiquei que o fenômeno é bastante recente. As pesquisas e publicações existentes sobre o assunto concentram-se na área da Comunicação e da Psicologia e poucas na área de Educação.

Portanto, achei bastante oportuno encaminhar esse estudo para a área da Educação e pesquisar o comportamento desses jovens em relação à escola e ao aprendizado.

A partir dessas considerações, relato a seguir os dados levantados com a investigação sobre as relações dos adolescentes nos canais de “bate-papo”, no canal denominado Pelotas, da cidade de Pelotas / RS.

2. As questões da Pesquisa

Ao observarmos os jovens se relacionarem no mundo virtual, uma questão emerge naturalmente: Que magia será esta da Internet que motiva tanto os jovens, que faz com que eles se tornem autodidatas, estudem assuntos complexos na área de Informática com muita desenvoltura? Por que na sala de aula tradicional, mesmo auxiliado por professores, o desempenho acadêmico do estudante é sempre aquém do esperado?

O jovem ao referenciar-se à escola o faz de forma dicotomizada com o mundo onde está inserido. Na Internet, ele se diverte ao encontrar amigos virtuais, com os quais “bate longos papos”, indiferente ao fato de que o amigo more no mesmo bairro ou do outro lado do globo terrestre. Isso é diversão, puro lazer! Por outro lado, ele se refere à escola como uma obrigação, um obstáculo quase intransponível.

Uma pesquisa do MEDIA METRIX (2001) mostrou, em agosto de 2000, que 8,6 milhões de brasileiros acessaram a Internet. Deles, 50% tinha menos de 24 anos. A pesquisa mostrou ainda que, apenas 21% dos estudantes brasileiros, acessavam a Internet nas escolas. Com isso, o Brasil ficou em penúltimo lugar entre 16 países pesquisados, ganhando apenas da China, onde a marca é de 13%.

Outro dado relevante é que 80% dos internautas brasileiros são das classes A e B e apenas 4% pertencem ao grupo D e E. Esses dados são bastante recentes, uma vez que a Internet foi colocada à disposição do público no Brasil a partir de 1995.

Um levantamento feito por IBOPE e eRatings (2001) mostrou o mapeamento do impacto dos computadores e da *Web* na vida dos brasileiros, a partir do cruzamento dos dados do Datafolha, IBOPE, Marplan, IVC e International Research. O estudo identificou que 56% dos internautas usam **e-mail**, e 39% participam de **chats** (bate-papos).

Após a apresentação desses dados, podemos refletir sobre alguns elementos, que são:

a) A Internet propicia uma disponibilidade de informações muito grande para pesquisa, pois qualquer assunto, em qualquer área e em qualquer país do mundo está disponível para todos.

b) Não podemos afirmar que os estudantes que acessam a Internet tenham disponibilidade de recursos na sua escola, porém, supomos que, os estudantes de classes A e B tenham microcomputadores em casa com acesso à Internet.

Muitos poderiam pensar que talvez não seja relevante uma pesquisa envolvendo somente jovens que estão nos canais de “bate-papo”. As investigações por nós consultadas têm mostrado que o acesso à Internet tem crescido intensamente e que os canais de “bate-papo”, após o uso do correio eletrônico, são os que mais fascinam os jovens pela sua interatividade.

São muitas as questões que vão surgindo, porém, nesse projeto, priorizamos três questões que nos apontarão o caminho a ser seguido:

- ? ***“Como é este jovem adolescente que participa dos canais de ‘bate-papo’?”.***
- ? ***”O que esses jovens pensam de sua escola?”.***
- ? ***“Como os professores desses jovens estão participando e/ou influenciando esta relação ?”.***

3. Os meios de comunicação e as novas tecnologias

É inegável que os meios de comunicação desempenham um papel cultural e educativo muito importante. No processo educacional, a escola muito pouco tem utilizado ou explorado no seu dia-a-dia a riqueza dos meios de comunicação. Jornais, revistas, televisão, Internet entram, diariamente, em nossas casas trazendo uma quantidade espantosa de novidades, que são mostradas de forma mais atraente do que as informações que nos são apresentadas na escola.

Neste trabalho, a expressão “novas tecnologias” refere-se ao emprego de todo aparato tecnológico envolvido no processo da comunicação. Alguns autores referem-se ao aparato tecnológico e comunicacional como *mídia* e/ou meios de comunicação.

Para FUSARI, apud PORTO (2000, p.14), “o termo *mídia* é a grafia aportuguesada da palavra *media* (plural de *medium*, palavra latina que significa meio). Designa os meios ou conjunto de meios de comunicação utilizados como fontes de emoções e de idéias em mediação, participantes de tramas comunicacionais produzidas entre pessoas”.

PRETTO (1996, p.81) refere-se ao termo ***multi mídia*** como “uma referência às múltiplas possibilidades do uso dos vários recursos (*mídia*)”. Enquanto que o termo ***multimídia***,

passa a ser, então, um conjunto de possibilidades de produção e utilização integrada de todos os meios da expressão e da comunicação, como desenhos, esquemas, fotografias, filmes, animação, textos, gráficos, sons, tudo isso animado e coordenado por programas de computador, utilizando-se de todos os recursos disponíveis para a gravação e reprodução desses elementos.

Neste trabalho adotamos o termo ***multimídia***, pois queremos enfatizar a integração existente entre a variedade de recursos disponíveis e a riqueza de trabalharmos com as diversas formas de expressão simultaneamente.

Observando as características das tecnologias de comunicação disponíveis atualmente, pode-se perceber que o termo “*mass mídia*” usado para designar os novos *meios de comunicação de massa* (TV, jornais, revistas, livros, Internet), na realidade está

inadequado, pois os meios permitem cada vez mais atender às exigências pessoais e personalizar a utilização. GALIMBERTI e GATTI (1995, p.29) citam três características importantes desses novos meios:

- ✎ a integração entre os meios que é a combinação de tecnologias tradicionais e reunião de funções tais como televisão, computador, telefone etc;
- ✎ a interatividade que é definida como a emulação da interação homem-homem pela máquina, assim o homem orienta o desenrolar das operações em tempo real;
- ✎ a multimedialidade que representa uma extensão da capacidade da mente através da máquina, ou seja, o esforço de adaptar a representação das informações em todas as formas percebidas e captadas pela mente humana.

Segundo MORAN, MASETTO e BEHRENS (2000), para que as mudanças ocorram na Educação, é necessário que existam educadores que sejam receptivos às novas tecnologias e que sejam maduros emocionalmente para trabalhar com o impacto que essas tecnologias estão trazendo para a área da Educação. A escola necessita de professores que tenham consciência de que a globalização está ampliando e alterando as noções de espaço e de tempo e eles, não sendo os donos do saber, estão aprendendo junto com os alunos.

O uso do computador e da Internet nas escolas abre novas perspectivas para que alunos e professores estejam conectados ao mundo inteiro e, como citou PRETTO³, temos que “não só levar a Internet para a Escola, mas sim a Escola à Internet”. O autor acentuou que a escola, desde o nível pré-escolar até a Universidade, está sendo invadida por recursos tecnológicos.

Na área de educação escolar discute-se o papel do professor como um guia, um orientador que incentiva o aluno a refletir e encontrar seu próprio caminho em busca de novos conhecimentos. Ao entrarmos nas escolas nos deparamos com tentativas isoladas do uso de novas tecnologias, não sendo um procedimento usual e corriqueiro entre os professores.

³ Referência à palestra proferida pelo professor da UFBA Nelson de Luca Pretto, no dia 01 de setembro de 2000, durante o II Seminário de Educação e Comunicação na UFPel.

Existe resistência por parte dos professores na utilização dessas tecnologias. Apesar de os jovens e as crianças delas se utilizarem sem nenhum problema, os professores dificilmente o fazem, talvez porque não tenham tido acesso a elas em seus cursos formais.

KENSKI (2000a), referindo-se ao uso de recursos tecnológicos pelos professores, mostra que eles ao concluírem os cursos de formação (onde trabalharam quase que exclusivamente com textos), sentem-se inseguros em diversos aspectos: para inovar, para manipular os recursos existentes na escola, para saberem adequar os recursos à série, ao tipo de aluno, ao assunto que estão trabalhando etc.

A autora evidencia o contraste entre o manuseio da tecnologia pelo professor e pelos alunos. Os alunos aprendem e aprendem sempre, em todas as situações, na escola e fora dela, e o professor deixou de ser a única ou a principal fonte de conhecimento.

A educação necessita adaptar-se às atuais necessidades da sociedade, que vive um momento de grande transformação com a inserção de tecnologias no cotidiano das pessoas. As mudanças não se referem à tecnologia em si, mas às conseqüências advindas da incorporação dessas novidades, portanto o desafio é de ordem social, cultural e econômico.

Para FIGUEIREDO (1995), a aprendizagem adquirida nas escolas representa uma parcela cada vez menor de aprendizagem que se adquire no dia-a-dia. O autor refere-se a este fato, porque hoje em dia os pais matriculam seus filhos em um grande número de atividades extra-curriculares tais como aulas de línguas, música, dança, informática e esportes variados. Também considera que, com o surgimento e a incorporação de tecnologias multimídias e a possibilidade da interação através da Internet, são oferecidas aos estudantes diferentes oportunidades para a utilização da educação à distância e auto-educação, não só em idade escolar mas ao longo de toda a vida. Por isso, ele passa a ter uma variedade de escolhas que a escola tradicional não oferece.

O autor conclui que esses fatores não diminuem a importância da escola, mas fazem com que essa altere seu papel junto à sociedade, pois, quanto mais tecnológica for a sociedade, mais necessita de afetividade e valores humanos nas relações. Sendo assim, a escola tem que se adaptar às novas necessidades da sociedade: oferecer os conhecimentos e contextos necessários para que o estudante busque e adquira

autonomia no aprendizado e oferecer situações para que desenvolva e potencialize aprendizagens relacionadas com os valores humanos, tão distantes dos currículos da maioria das escolas atuais.

Nota-se, claramente, um acréscimo da intermediação eletrônica nas relações interpessoais, e segundo SIBOLDI e SALVO, (1998) é impossível fazer previsões a respeito das novas tecnologias, pois a atitude do ser humano diante delas vai do entusiasmo pelas potencialidades de tais mecanismos até o pessimismo que visualiza uma certa perda da realidade.

Como acontecem as relações entre o adulto (pai ou educador) e o jovem (filho ou aluno)?

BABIN e KOULOUMDJIAN (1989) respondem a essa questão mostrando que existe uma grande distância entre esses dois mundos. Por um lado, há um educador tentando ensinar diversos conteúdos ao aluno, que o observa sem entender ou sem se interessar pelo que lhe é trazido. Os autores descrevem a relação entre educadores e estudantes como

a imagem que vem ao espírito não é a de uma batalha organizada entre duas gerações, mas a de dois barcos que se cruzam, de longe, enviando sinais incompreensíveis um ao outro. Não há agressividade, mas impotência para comunicar-se (op.cit., p.10).

Como estimular e facilitar a comunicação entre educador e educando? Os autores nos apontam alguns requisitos com esse fim:

- ✎ Ler, escutar e perguntar: É importante observar o modo como os jovens se comunicam. Os autores nos mostram que isso deve ser feito da forma mais aberta possível, isto é, sem nenhum preconceito.
- ✎ Compreender pela experiência: É necessário que o educador exponha-se ao fenômeno tanto quanto possível. Deve sentir, experimentar, mergulhar na experiência sem resistir e, depois disso, distanciar-se o suficiente para poder elaborar, tomar consciência das reações, das idéias, dos afetos envolvidos. Aqui, os autores alertam que é muito difícil para um adulto

marcado pela educação, pelo meio e pela memória, ser receptivo, abrir-se à novas experiências .

MORAN (1993, p.26) enfatiza que o aprendizado deve começar pelos educadores:

Antes de pensar em educar os jovens, temos que pensar em educar os adultos, nós em primeiro lugar, para estas novas linguagens, novas formas de perceber e de se expressar. Aprender a ler os meios a partir da ótica do jovem, do que ele valoriza, para ajudá-lo depois a perceber melhor o mundo, de forma mais organizada, mais contextual, profunda, reconhecendo os valores e problemas que a sociedade moderna coloca, sem deslumbramentos, mas também sem preconceitos.

Para o autor, o videogame, computador e vídeo são tecnologias que trabalham com um novo tipo de percepção; trazem muitas informações num ritmo alucinante e misturam conteúdos e linguagens.

Os jovens passam muito tempo mergulhados nesse ambiente; são capazes de realizar inúmeras atividades enquanto processam todas essas informações que lhes chegam. Em contraste com essa situação, a escola lhes apresenta um outro tipo de ambiente, uma herança de outras gerações com linguagens bem diferentes das atuais.

Portanto, é normal que os jovens usem uma linguagem que reflita as experiências por eles vividas, diferente da linguagem usada por seus educadores com outras vivências/experiências.

Os professores têm um grande desafio. Eles não foram preparados para educar essa geração de estudantes, que tão displicentemente senta-se a frente de um microcomputador e digita, freneticamente, sem nunca ter feito um curso de datilografia.

Centrando nossa discussão na Internet, englobamos todos os recursos encontrados no **ciberespaço**. ASSMANN (1999, p.143) define **ciberespaço** como uma palavra usada para:

aludir a todo tipo de recursos de informação eletronicamente disponíveis através das redes de computadores interligados. Além de uma infinidade de recursos de som, imagem, TV e multimeios, estão disponíveis na Internet muitas bibliotecas virtuais e inúmeras revistas, seja totalmente digitalizadas, seja na forma de índices e resumos digitalizados.

Segundo LÉVY (2000), o **ciberespaço**, sem dúvida, é o sistema com o desenvolvimento mais rápido de toda a história do desenvolvimento da comunicação. Ele salienta a diferença entre esse dispositivo e as demais formas de comunicação que conhecemos.

Para o autor a imprensa, o rádio e a televisão funcionam segundo um esquema “*um para todos*”, ou seja, um centro emissor envia mensagens para receptores isolados uns dos outros, onde o contexto é encaminhado pelo centro emissor. Nesse caso não há reciprocidade nem interação entre o receptor e o centro emissor, mas a mensagem torna-se pública, pois um grande número de pessoas recebe a mensagem. Já o telefone e o correio funcionam com um modelo “*um para um*”, onde as mensagens podem ser endereçadas individualmente e trocadas com reciprocidade, porém a mensagem não é pública ou comunitária.

O **ciberespaço** combina a vantagem dos dois sistemas anteriores, pois o modelo é de “*todos para todos*”. Nas listas de discussões, por exemplo, todos usuários participantes recebem as mensagens, porém, essas não são geradas em um centro emissor único, pois podem ser emitidas por qualquer participante do grupo.

Um outro aspecto importante a ser considerado, quando se discute o **ciberespaço**, é o redimensionamento do espaço e do tempo.

Segundo KENSKI (2000b, p.15), “as tecnologias, em todos os tempos, alteraram as formas de retentiva e lembrança, funções usuais com que os homens armazenam e movimentam suas memórias humanas, seus conhecimentos”. Para a autora, a vivência virtual de acontecimentos leva-nos a armazená-los em nossa memória sem que os tenhamos vivenciado *in loco*; e conduz à derrubada de barreiras entre os acontecimentos reais e a ficção.

A autora enfatiza que, com a crescente disponibilidade das tecnologias eletrônicas de comunicação e de informação, a sociedade adquire formas de adaptar novos hábitos, novas maneiras de trabalhar e de viver. Essas mudanças também se refletem no modo de aprender e ensinar, pois um ritmo novo é imposto pela veloz transformação da tecnologia. Velocidade é o termo que sintetiza o que ocorre com o conhecimento: “velocidade para aprender e velocidade para esquecer. Velocidade para acessar as informações, interagir com elas e superá-las com outras inovações” (op.cit, p.17).

Também a localização geográfica passa a ter uma conotação diferente no **ciberespaço**. Para LEVACOV (2000) o conceito de “lugar” torna-se secundário, e o que se torna importante é o “acesso” e também a “confiabilidade” da informação.

LÉVY (2000) aponta para a tendência de rápida expansão da Internet, que ele mostra ser mais veloz do que a de qualquer outro sistema de comunicação anterior. Para o autor, não basta estar conectado fisicamente à rede (condição necessária, mas não suficiente para participar dos novos processos de inteligência coletiva), mas sim o tipo de utilização adotado - emancipador ou criador de novas dependências.

4. A Internet

4.1 Um pouco da história

A Internet surgiu a partir de uma Rede de Computadores, a ARPANET (*Advanced Research Projects Agency*), organizada pelo Departamento de Defesa Norte-americano, na década de 60, cujo objetivo era interligar computadores espalhados pelos Estados Unidos, para o tráfego exclusivo de dados militares.

Como a idéia era atender aos militares, foi montada de forma que tivesse a capacidade, caso fosse destruída parcialmente, de manter rotas alternativas que mantivessem a rede funcionando. Assim, caso um *nó* da rede (computador programado para executar a função de **roteamento** e **interface** entre o usuário e a rede) estivesse permanente ou temporariamente impedido, os *nós* vizinhos a ele seriam capazes de reconhecer o problema e desviar, automaticamente, o tráfego para outras rotas que não envolvessem o *nó* desativado.

Outra exigência feita para o uso dessa tecnologia era que a comunicação entre usuários da rede deveria ser feita em tempo-real, isto é, o tempo de resposta deveria ser suficientemente rápido para atender às necessidades dos processos envolvidos. A rede dependia não somente de máquinas de alto desempenho, mas também das técnicas de controle de tráfego e roteamento.

Pouco a pouco, essa rede transformou-se, voltando-se mais ao ensino e à pesquisa nas universidades. Com sua expansão gradativa interligou-se às universidades de vários países.

Como as universidades tiveram um papel importante no desenvolvimento da ARPANET e detinham a maior parte dos usuários do sistema operacional UNIX, essas influenciaram o crescimento da rede mundial de computadores. Assim, muitos serviços foram desenvolvidos nesse ambiente, e uma grande parte dos computadores ligados à rede trabalham, ainda hoje, com esse sistema operacional, ou sistemas desenvolvidos a partir do UNIX, tal como o LINUX.

Muitas outras redes de longa distância foram criadas paralelamente ao desenvolvimento da ARPANET e acabaram sendo conectadas a ela. Entre elas estão a

SPAN (*Space Physics Analysis Network*), a BITNET (*Because It's Time Network*) e a CSNET (*Computer Science Network*).

Em 1983, a estrutura da ARPANET foi dividida em 2 partes distintas: uma parte que continuou com a denominação ARPANET, atendendo a parte acadêmica e outra, denominada MILNET (Military Network), integrada à rede DDN (Defense Data Network), era constituída exclusivamente de *sites* militares.

Em 1985 foi criada a rede NSFNET (National Science Foundation), que se propunha a oferecer aos pesquisadores das universidades americanas o compartilhamento de recursos oferecidos pelos cinco maiores centros de computação do país.

A expansão internacional da NSFNET acelerou-se em 1988, e dois anos depois, em 1990, a ARPANET foi desativada sendo seus equipamentos destinados à NSFNET. Foi essa estrutura que deu origem à estrutura da Internet atual.

No início dos anos 90, a Internet ultrapassou a marca de um milhão de usuários e teve início a utilização comercial da Rede. Alguns dos eventos que marcaram o crescimento da Internet na última década são enumerados a seguir em ordem cronológica (O ESTADO DE S.PAULO, 2001):

1990 - Foi projetado o *World Wide Web*, sistema de hipertextos com **links** acessados a partir de palavras sublinhadas, permitindo a combinação de textos, imagens, sons e outros recursos de linguagem.

1992 - Foi criada a *ISOC* (Internet Society) para supervisionar a criação, a distribuição e a atualização de padrões referentes à Internet; dividida em comitês e com autoridade sobre todos os aspectos da administração da rede.

1993 - Foi lançado o *Mosaic*, o primeiro visualizador gráfico da Internet. O tráfego aumentou 341.634 por cento em um ano.

1994 - David Filo e Jerry Yang criam o site Yahoo!, que rastreia e agrupa assuntos de interesse do usuário.

1995 - Lançado o *Netscape Navigator* que, rapidamente, conquista 70% do mercado de **browsers**. O criador é o mesmo que desenvolveu o Mosaic.

1996 - O Congresso americano aprova a Telecommunications Bill, que prevê punições a quem divulgar pornografia pela Internet. Começa a ser utilizada a Web TV.

1997 - O computador *Deep Blue*, criado pela IBM (*International Business Machine*), vence uma partida de xadrez com o mestre Garry Kasparov.

1998 - Janet Reno, chefe departamento de Justiça dos EUA, processa a Microsoft com base na lei antitruste, sob a alegação de que a empresa prejudicava a concorrência ao embutir o *browser* Internet Explorer no Windows.

2000 - O **MP3** e o **Napster**, programas para ouvir, baixar e compartilhar música pela Internet propagam-se e despertam uma nova polêmica em torno dos direitos autorais.

2001 e 2002 - Os usuários da Internet sofrem com o sucessivo ataque de vírus, especialmente os que se propagam através de e-mails, um dos serviços mais utilizados na Internet. Alguns desses vírus são: Sircam, Nimda, Happytime, Mylife, Klez entre outros.

4.2 A Internet e seus recursos

A Internet é o termo utilizado para designar as milhares de redes de computadores conectadas em todo o mundo, totalizando milhões de computadores interligados de todos os tipos e tamanhos. São tantas as redes interconectadas pela Internet que é impossível fornecer um quadro preciso e atualizado de sua extensão.

Uma rede é um grupo de computadores que trocam informações e compartilham recursos. Cada organização, cada empresa, cada governo é responsável pela manutenção de sua própria rede, não existindo um órgão único responsável por toda a Internet. Ela tem um caráter democrático permitindo livre acesso, sem qualquer restrição a qualquer usuário interessado em consultar as informações nela armazenadas.

Talvez seja esse o motivo do grande sucesso da Internet: ela não tem dono. Existem diversos órgãos que trabalham para o aperfeiçoamento e aprimoramento da comunicação em rede, mas ela é uma teia que se espalha pelo mundo inteiro.

A NSF (*National Science Foundation*) define políticas e opera uma parte da Internet nos Estados Unidos. Tendo contribuído para a formação de uma rede central americana (NSFNet) que faz a conexão entre as redes de nível médio, não possui controle sobre a totalidade das redes de nível médio conectadas à Internet.

Um dos meios usados para a ligação entre dois ou mais computadores fisicamente distantes é a linha telefônica. A rede de telefonia é usada amplamente para esse fim, porém, como esse meio foi projetado para a transmissão de voz, existe a necessidade que entre o computador e a linha seja utilizado um *modem*, para que os dados digitais sejam codificados e transmitidos através dessa linha. Da mesma forma, dados recebidos pela linha telefônica devem ser novamente decodificados pelo modem antes de serem entregues ao computador de destino.

As linhas telefônicas de alta velocidade, **Ethernet** e enlaces de microondas unem as LANs (Local Área Network) formando as redes conhecidas como sendo de nível médio.

Uma rede de nível médio em uma área geográfica é chamada de rede regional, enquanto uma organização com muitas localidades unidas ligadas em rede é um outro tipo de rede de nível médio, geralmente chamada de WAN - Wide Area Network ou rede de amplo alcance (DOMINGUES e HERRERA, 2001).

As conexões da rede não seguem um modelo específico, mas obedecem uma hierarquia de tipos. As redes centralizadoras de alta velocidade são conhecidas como redes centrais (**backbones**); recebem o tráfego e o enviam para as redes de nível médio, que por sua vez, ao receber o tráfego das redes centrais, o redistribui entre outras redes de mesmo nível, como mostrado na FIGURA 2.

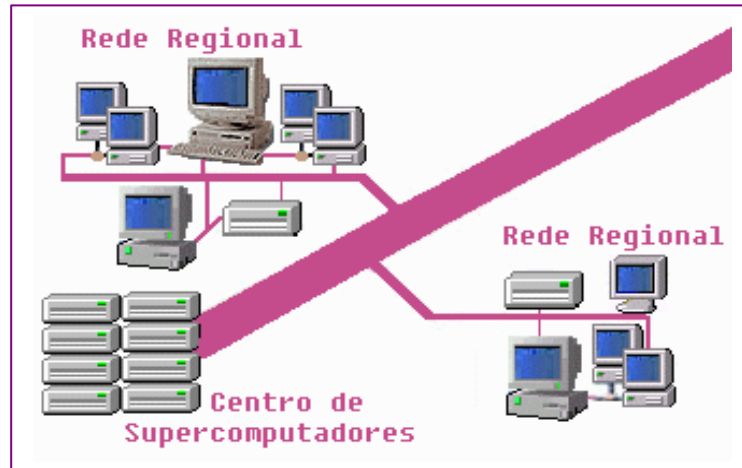


FIGURA 2: Backbone de alta velocidade que transporta o tráfego entre redes de menor porte (Fonte: <http://br-business.com.br>)

A grande vantagem da Internet é a diversidade de computadores e equipamentos interligados, todos trabalhando juntos para a obtenção e transferência de informações. Para que esses equipamentos de diversos fabricantes e arquiteturas possam se comunicar entre si, eles precisam se comunicar através de uma linguagem comum a todos, chamada “protocolo”. Apesar de a maioria dos computadores usar o TCP/IP (Transmission Control Protocol / Internet Protocol), a Internet é oficialmente considerada uma rede de “vários protocolos”.

Se uma determinada parte da rede que compõe a Internet apresentar problemas e interromper a comunicação, as informações serão desviadas para um novo caminho evitando os computadores com problemas. Quando uma informação é enviada de um ponto a outro, essa informação é dividida em pedaços, denominados “pacotes”, que são numerados e enviados para o destino, pelo Transmission Control Protocol (TCP ou protocolo de Controle de Transmissões). Cada um desses pedaços caminha pela rede de forma independente e pode seguir rotas distintas. No destino, esses “pacotes” são juntados novamente, organizados em seqüência e entregues ao destinatário, que ignora a forma ou o caminho que cada pedaço da informação tomou. O modo como são operacionalizados esses serviços é totalmente independente do usuário, portanto ele não precisa se envolver com intrincados procedimentos.

Equipamentos da rede, tais como **hubs**, **pontes**, **gateways**, **repetidores** e **roteadores** permitem aos “pacotes” chegarem corretamente ao seu destino. Apesar dos

usuários da rede não necessitem conhecer o funcionamento detalhado desses equipamentos, são termos que se tornam cada vez mais conhecidos pela frequência com que são referenciados. (DOMINGUES e HERRERA, 2001).

A maioria dos computadores da rede pode ser identificada de duas formas. Cada **host** possui um *nome* e um *endereço numérico* exclusivos. O endereço numérico, chamado de *endereço IP* (Internet Protocol), é uma sequência de 4 números separados por pontos, por exemplo: 200.191.45.203

Como lembrar o nome é mais fácil, normalmente as pessoas referenciam os computadores por seus nomes, enquanto que os endereços IP são mais utilizados pelos **roteadores** e computadores da rede. Os nomes dos computadores são organizados por uma metodologia denominada **DNS** (Domain Name System), um sistema que atribui e organiza a distribuição de nomes através de combinações de palavras-chaves, onde o próprio nome identifica a localização do computador na rede.

Para o *nome* do computador, é usada uma combinação de palavras-chaves (com até 63 caracteres cada uma) separadas por ponto, sendo que a palavra-chave mais a direita indica o domínio principal.

Geralmente é usado para domínio principal uma sigla que representa o país de origem ou o tipo de instituição relacionada ao host. Algumas siglas usadas para identificar os países são: **.br** (Brasil), **.jp** (Japão), **.us** (Estados Unidos). Também são usadas siglas para identificar tipos de instituições: **.com** - empresas em geral, **.edu** - educação, **.gov** - órgãos do governo, **.mil** - órgãos militares, **.net** - provedores de acesso, **.org** - instituições sem fins lucrativos etc.

A partir da sigla para a esquerda, cada palavra-chave representa um subdomínio da palavra-chave a sua direita e assim, hierarquicamente, vai sendo mostrado um subdomínio cada vez menor, de forma que o conjunto todo represente um único **host** presente na rede, por exemplo, o computador da UFPel é conhecido na rede como www.ufpel.tche.br.

Na FIGURA 3 podemos observar que o nome de referência do *host* informa à Internet para qual computador a mensagem deve ser entregue. O computador *host* receptor examina o nome de usuário e entrega a mensagem para a caixa postal apropriada

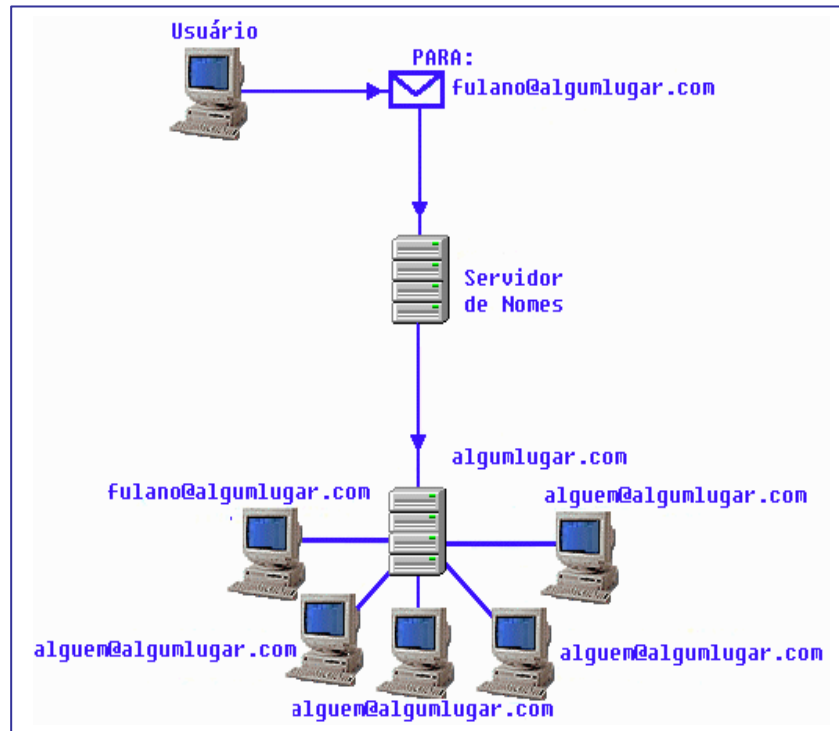


FIGURA 3: Endereçamento de mensagens na rede
(Fonte: <http://br-business.com.br>)

Quando se pesquisa o número de computadores ligados à Internet, não se consegue deduzir o número exato de pessoas interligadas, pois em cada **host** (computador central) de universidade ou empresa, milhares de pessoas acessam essa teia. Por exemplo, em uma simples residência, um microcomputador conectado, contado em uma estatística qualquer como um único equipamento, permite ao chefe de família ler as últimas notícias do dia, ao filho entrar em algum laboratório de universidade para acessar os dados para um trabalho, à mãe verificar a previsão do tempo e à filha entrar em um museu virtual e deliciar-se com as pinturas de Monet. É essa falta de controle e a dificuldade de enxergar nitidamente os seus contornos que dá à Internet uma certa magia.

Muito se tem falado que, ao encerrar-se em uma sala, debruçado sobre um teclado e um mouse, o ser humano tende a se dissociar, virar um eremita, perdendo

aos poucos o contato com seus pares. A questão que se faz urgente é: será que isso já não acontece independente da Internet?

ASSMANN (1999, p.20) nos lembra da falta de solidariedade, característica do ser humano:

Até que ponto é possível apostar positivamente no potencial socializante, solidário e possibilitador de democraticidade participativa que se quer atribuir às tecnologias da informação e comunicação? Do ponto de vista puramente técnico, esta visão parece ter algum fundamento: tratam-se de admiráveis recursos de contato e relacionamento humano. (...) Mas, não esqueçamos, as reservas de solidariedade acumuladas pela espécie humana ao longo de sua evolução são extremamente frágeis. Na verdade, ela acumulou também – talvez até geneticamente – predisposições anti-solidárias.

O autor, referindo-se às características promissoras da tecnologia de comunicação salienta que é necessário

trabalhar pedagogicamente o descompasso dos seres humanos em relação às oportunidades contidas nas obras de suas próprias mãos..., pois, ...agora, o atraso passou a ser, sobretudo, das mentes e dos corações (op.cit, p.21).

A Internet, além de possuir informações das mais diversas áreas do conhecimento humano, é um veículo poderoso de comunicação que, atualmente, disponibiliza a troca de informações através de meios variados tais como textos, imagens, sons e filmes.

Se considerarmos a extensão da rede (incomensurável), podemos refletir sobre os caminhos percorridos através dos documentos da **Web**. Cada página, como assinala LÉVY, é uma encruzilhada que permite escolhas que podem conduzir a qualquer “lugar”. Porém, na **Web**, tudo está no mesmo plano, não existe hierarquia. Qualquer um pode ter a sua página, o seu site, os seus pontos de vista. Cada indivíduo pode se tornar autor, proprietário de uma parcela do **ciberespaço**. “Como se trata de um espaço não-territorial, a superfície não é um recurso raro. Os que ocupam muito espaço na Internet

nada tiram dos outros. Sempre há mais lugar. Haverá espaço para todo o mundo” (LÉVY, 2000, p.214).

As informações, programas e outros recursos obtidos gratuitamente no **ciberespaço** são oferecidos por órgãos governamentais, universidades, empresas e quaisquer outros órgãos (ou usuários) que se disponham a partilhar com as demais pessoas da rede suas próprias informações.

Para que um usuário possa se conectar à Internet é necessário que ele seja assinante de um *provedor de acesso*, que pode ser gratuito como é o caso das universidades, IG, TUTOPIA etc ou privado, e nesse caso, o usuário deve pagar uma taxa mensal para obter os serviços.

Os serviços disponibilizados pela Internet através da rede de telefonia (não importando a distância geográfica do destinatário ou fonte de pesquisa) estão sujeitos a uma ligação telefônica local para o provedor de acesso.

Na TABELA 1 é mostrado o número de pulsos das ligações telefônicas locais, sendo que o valor de cada pulso é de R\$ 0,09924.

TABELA 1: Custo da ligação telefônica local - Pelotas/RS (valores de Abril/2002)

<p><i>De segunda a sexta-feira das 6h às 24 h e sábado das 6h às 14 h</i></p>	<p><i>Ao iniciar a ligação é medido um pulso, e a cada quatro minutos, um novo pulso é cobrado</i></p>
<p><i>De segunda a sexta-feira da meia-noite às 6h e sábado das 14h até às 6h de segunda-feira</i></p>	<p><i>Cada ligação, independente do tempo de duração paga um só pulso</i></p>

Já em 2001, no Brasil, os usuários da Internet passaram a ter acesso ao serviço ADSL. A tecnologia DSL (*Digital Subscriber Line*) foi desenvolvida, nos anos 80, utilizando a linha telefônica comum como um canal de largura de banda muito alta.

Através de uma técnica de codificação de sinal chamada Multitom discreto (*Discrete Multitone*) - a largura de banda da linha telefônica é dividida em 256 subcanais menores. Inicialmente, o objetivo era enviar vídeo de entretenimento por meio de linhas telefônicas e já que tal uso se baseia principalmente em uma transmissão de mão única,

a maioria (90%) dos subcanais foi dedicada aos sinais que vão em direção ao usuário, e cerca de 10% dos subcanais, na outra direção (SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO, 2002).

Essa forma assimétrica de DSL ficou conhecida como ADSL e começou a ser largamente instalada em redes telefônicas para acesso ininterrupto à Internet. A vantagem da ADSL é que os dados podem usar canais operando acima da banda de frequência de voz. Desta forma, uma simples linha telefônica pode transmitir voz e dados em alta velocidade simultaneamente. Além disso, a conexão é imediata, bastando ligar o microcomputador para acessar a Internet.

Algumas empresas privadas, como a GVT (Global Video Conferencing Technologies) e Brasil Telecom oferecem o serviço ADSL por preços bem mais acessíveis do que os que utilizam linha discada.

Algumas das facilidades atualmente disponíveis na Internet:

WWW (World Wide Web)

É um sistema gráfico fácil de usar, que localiza e pesquisa informações, permitindo o acesso a um volume ilimitado de dados em nível mundial. O sistema pesquisa em um conjunto de documentos disponíveis para consulta. Cada documento chamado de página da **Web** está armazenado em um dos milhares de computadores que compõem a Internet. Cada uma dessas páginas pode conter texto, imagens, sons, filmes etc.

Esses documentos envolvem um conceito denominado **hipertexto**, isto é, cada documento localizado possui **links**, que são referências a outros pontos do mesmo documento ou a documentos distintos, que estão relacionados ao mesmo assunto. Assim pode-se migrar de um documento para outro, simplesmente seguindo o caminho indicado, sem que haja preocupação de onde esses documentos estão localizados. Para que se tenha acesso a essas informações é necessário utilizar um programa apropriado, um navegador, como o *Internet Explorer*, *Netscape Navigator*, *NCSA Mosaics* ou outro similar.

Os usuários têm a disponibilidade de usar serviços de busca gratuita. Esses serviços mantêm um cadastro com o endereço das páginas da **WEB**, organizadas por assuntos. Assim, um usuário pode utilizar esse serviço para localizar páginas que contenham referências a um assunto desejado. É impossível manter um cadastro completo de assuntos/informações, pois a cada momento, centenas de páginas estão sendo criadas em todo os lugares, e os serviços na rede estão sempre em atualização.

Correio Eletrônico (E-mail)

Talvez este seja o serviço mais usado na Internet pela simplicidade de se enviar e receber mensagens eletrônicas (**e-mail**) para usuários em qualquer ponto do planeta.

Para enviar mensagens na Internet, basta saber o endereço do destinatário, digitar a mensagem (que pode ter uma ou mais linhas de texto) que, em questão de segundos, é enviada ao seu destino, não importando a localização geográfica do seu remetente.

O endereço de correio eletrônico é constituído de duas partes separadas por um símbolo @; o primeiro é o nome da conta do usuário e o segundo é a localização do domínio. Geralmente os provedores oferecem esse serviço, fornecendo ao usuário cadastrado e aos seus dependentes, contas individuais para uso no correio eletrônico. Também podemos anexar às mensagens, arquivos de texto, imagens e sons.

A FIGURA 4 mostra a janela para digitação de mensagem do correio eletrônico. A mensagem é formada de dados binários, geralmente no formato de texto ASCII (American Standard Code for Information Interchange), um padrão que permite que qualquer computador, independente de seu sistema operacional, leia o texto.

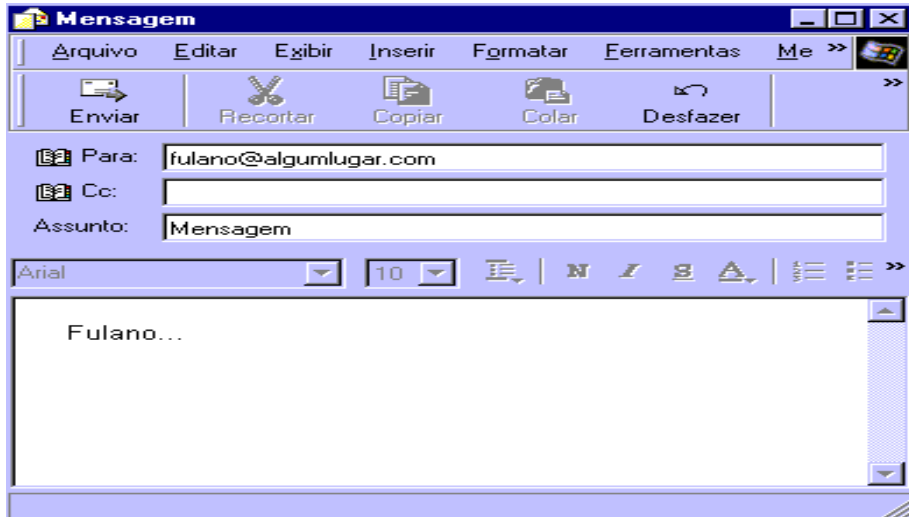


FIGURA 4: Janela para digitação de mensagem (Fonte: <http://br-business.com.br>)

Lista de Discussões (Mailing List)

Compreende listas de usuários que usam o correio eletrônico para se comunicar. Quando um usuário envia uma mensagem para outro, uma cópia da mesma é enviada para cada pessoa cadastrada na lista. Às vezes dentro de uma lista, um dos usuários atua como moderador, verificando o teor das mensagens antes de encaminhá-las aos demais usuários; quando isso não ocorre, as mensagens de todos são enviadas aos demais sem nenhum controle prévio.

Uma lista de discussão é uma relação de endereços eletrônicos de pessoas interessadas em um determinado assunto. Cada lista tem seu próprio endereço de distribuição; assim, para entrar num grupo de discussão basta solicitar que o nome do usuário interessado seja incluído na lista de assinantes, enviando uma correspondência eletrônica para o administrador da lista. Assim que o usuário é inserido nela, passa a receber a correspondência enviada por todos os outros participantes.

Webchat, ICQ e IRC

Os três serviços mais conhecidos da Internet que permitem bater-papo são: *Webchat*, *ICQ* e o *IRC*. Alguns **sites**, como por exemplo, *UOL (Universo On Line)* e *Turma da Mônica*, quando acessados oferecem salas de “bate-papo”. Essas salas são espaços

virtuais organizados onde as pessoas se encontram para conversar. Esse serviço descrito é o **Webchat**.

O *ICQ* (acrônimo de I seek you – eu busco por você) é um programa que permite armazenar uma lista com a identificação de pessoas conhecidas. O programa administra a comunicação entre as pessoas da lista, através de mensagens e também auxilia na troca de arquivos e/ou fotos.

Além desses dois serviços temos o *IRC* (Internet Relay Chat), criado na Finlândia, em 1988; para usufruir desse serviço é necessário um programa especial. Os mais conhecidos são: **mIRC**, *Global Chat*, *Brasil onLine*.

O usuário precisa conectar-se a um *Servidor* de *IRC*, esse servidor é o meio de acesso a uma rede dentro da qual os usuários podem se comunicar. (CAMPOS, 2000).

3-D Chat

Da mesma forma que no *IRC*, no *3-D Chat* pode-se conhecer e conversar com pessoas, caminhando pelas salas de bate-papo tridimensionais. Cada pessoa é mostrada como uma forma ou objeto, que pode se deslocar em qualquer direção (usando as teclas das setas ou o mouse), pode-se aproximar das outras pessoas presentes nas salas e iniciar a conversa. Um dos programas mais usados em 3-D é o *WORLDS CHAT*.

FTP (File Transfer Protocol)

Este é um recurso que disponibiliza ao usuário arquivos que estão armazenados em outros computadores e permite que sejam feitas cópias daqueles que o interessarem (FIGURA 5). Normalmente, as Universidades e órgãos do governo colocam seus arquivos disponíveis gratuitamente. Um **site** FTP é um órgão ou pessoa que disponibiliza seus arquivos aos demais usuários.



FIGURA 5: Transferência de dados entre o servidor e cliente

(Fonte: <http://br-business.com.br>)

News Groups

Diversos grupos de discussão (*newsgroups*) sobre os mais variados assuntos compõem um fórum de discussões conhecido por UseNet (*Users Network*). O nome do grupo é criado da mesma forma que o nome de domínio dos computadores na rede, como uma seqüência de palavras separadas por ponto, onde cada palavra colocada a direita do ponto, especifica ainda mais a área de discussão.

Uma mensagem(texto) enviada por um usuário ao grupo é denominado de artigo. O artigo enviado por um usuário e os respectivos comentários e respostas recebem o nome de *thread*. Um conjunto de grupos com o mesmo prefixo no nome, por exemplo **.soc**, **.rec**, que diz respeito a um assunto dividido em sub-temas é chamado de hierarquia.

Todos esses serviços oferecidos pela Internet tornam seu uso atraente. Mas por outro lado, o internauta está exposto a sofrer um ataque de vírus que pode causar-lhe prejuízos.

O vírus não é um serviço, mas uma verdadeira “praga” que assola a Internet. Nenhum usuário está livre de ter seu computador infectado por um vírus com a conseqüente perda de dados e arquivos. Na realidade, o vírus é um programa ou macro que tem duas diferenças fundamentais dos outros programas:

- ? Quem o cria faz, normalmente, com intenções desprovidas de ética. O programa faz aquilo para o qual foi criado e o limite é apenas a

imaginação do seu criador. Assim há *vírus* para tudo: Alguns são praticamente inofensivos, outros são apenas brincalhões, mas a maioria é realmente prejudicial à informação armazenada no computador. Uns apagam-na, outros tornam-na inutilizável, outros alteram-na. Os piores *vírus* limpam completamente toda a informação armazenada no disco do seu computador ou impedem determinados programas de funcionarem.

- ? A propriedade que lhes justifica o nome é que, tal como os vírus da natureza e ao contrário dos programas normais, os vírus no computador podem auto-duplicar-se e auto-instalar-se em qualquer outro computador. É por isso que se disseminam com tanta facilidade através dos suportes utilizados pelos usuários para partilhar informação.

Atualmente, o *e-mail* substituiu o disquete na transmissão dos vírus de computador. Segundo pesquisas recentes (FOLHA ON LINE, 2002), as infecções por arquivos anexados ao correio eletrônico chegam a 87% dos casos.

Inúmeras histórias são narradas sobre jovens que criam vírus e os enviam pela rede, como o caso de Robert Morris, estudante da Universidade Cornell, que em novembro de 1988, criou o vírus "Internet Worm" e com ele paralisou temporariamente 6.000 dos 60 mil servidores conectados à rede.

Como podemos ver os serviços disponibilizados na Internet são variados e a cada dia são oferecidos novos softwares, que passam a fazer parte do cotidiano de milhões de pessoas em todo o mundo. Esse fato poderia induzir ao pensamento de que as máquinas têm a supremacia sobre as atividades humanas. Ao observarmos melhor, constatamos que elas estão sendo usadas para aproximar virtualmente as pessoas, permitindo a interação, a troca de informações e diálogos entre sujeitos em diferentes espaços geográficos e tempos cronológicos.

David Clark (apud ROSA, 1998, p.1) leva-nos a refletir quanto ao significado dessa rede em nível mundial:

Não é apropriado pensar em redes como conexões entre computadores. Ao invés disso, devemos pensar que redes conectam pessoas, as quais utilizam os computadores para facilitar a

comunicação entre elas. O grande sucesso da Internet não é técnico, e sim humano.

4.3 A Internet no Brasil

A iniciativa de ligar o Brasil à Internet coube a Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (FAPESP), ligada à Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo - SP.

A necessidade desta ligação foi apontada pelos bolsistas da instituição, que retornavam dos cursos de doutorado nos Estados Unidos e sentiam falta do intercâmbio mantido no exterior com outras instituições científicas (O ESTADO DE S.PAULO, 2001).

O serviço foi inaugurado oficialmente em abril de 1989, e o Brasil conectou-se através de três pontos:

- ✍ Na FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo);
- ✍ No LNCC (Laboratório Nacional de Computação Científica) no Rio de Janeiro;
- ✍ Na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Em 1990, sob a coordenação técnica do CNPq e com apoio das Fundações de Amparo à Pesquisa de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul foi criada a RNP (Rede Nacional de Pesquisa), formando-se assim um **backbone** que conectou as universidades, centros de pesquisa e órgãos do governo.

Aqui no Brasil, até uns dez anos atrás, era no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, que se concentravam as maiores empresas e universidades, responsáveis pela divulgação dos últimos lançamentos e novidades na área de pesquisa em informática. Qualquer pesquisador, cientista ou estudioso tinha que buscar junto a esses órgãos, as informações necessárias aos seus projetos, pois era só lá que as coisas aconteciam. Viver em uma cidade do interior era uma situação de privação a muitos recursos e facilidades na obtenção de informações. Projetos fantásticos de pesquisa, que não fossem

elaborados em uma universidade da capital, tinham muita dificuldade para serem conhecidos e divulgados. Hoje, com a Internet, qualquer cidade do Brasil e do mundo está na Rede e tem acesso a todos os centros de pesquisa do planeta.

A partir de 1995, iniciou a exploração comercial da rede, fazendo com que diversas empresas comerciais almejassem essa participação, embora a FAPESP tenha permanecido ainda, como órgão controlador das concessões de acesso e responsável pelo registro de domínios.

Por iniciativa dos Ministérios da Comunicação e da Ciência e Tecnologia, foi criado, em junho de 1995, o Comitê Gestor de Internet, constituído por representantes desses Ministérios e representantes das instituições acadêmicas e comerciais. Este comitê tem como principal objetivo a coordenação da implantação do acesso à Internet no Brasil.

DOMINGUES e HERRERA (2001) mencionam que a quantidade de **sites** no país aumentou de 800 em janeiro de 1995 para 77.148 em janeiro de 1997. Além disso, o Brasil encontra-se em 19º lugar em número de usuários da Internet no ranking internacional de países, à frente da Rússia. Em nosso país, segundo os autores, a Internet cresce duas vezes acima da média mundial. Eles informam ainda que, de acordo com o Comitê Gestor da Internet, o Brasil ocupa o 18º lugar entre as redes do mundo e o 3º lugar nas Américas, atrás apenas dos Estados Unidos e do Canadá.

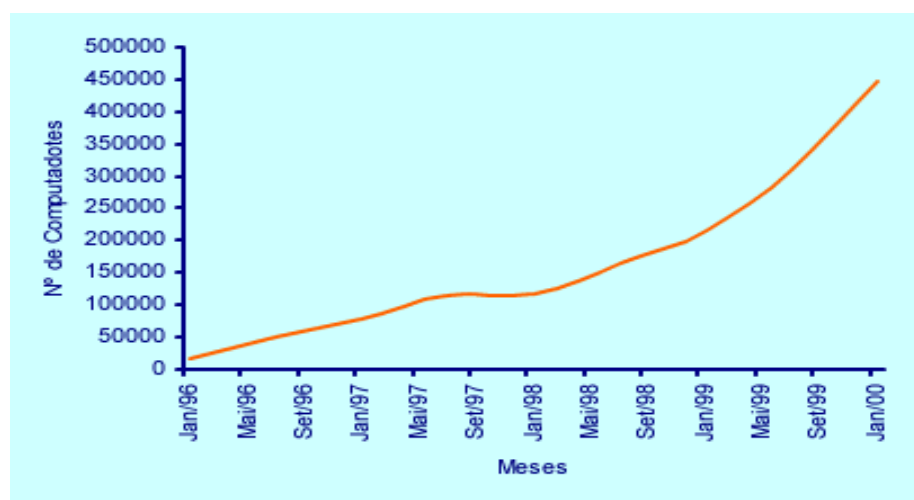


GRÁFICO 2: Crescimento do número de computadores conectados a Internet (Fonte: <http://br-business.com.br>)

4.4 Canais de “bate-papo”

“Bate-papo” ou conversa em inglês significa **chat**. Na Internet, **chat** significa um lugar virtual em que diversas pessoas podem se encontrar para conversar. Nesses **chats**, as pessoas se comunicam de forma síncrona, usando para isso um **nick**, isto é, um nome fictício que as identifique (CAMPOS, 2000).

O IRC é um recurso que permite aos usuários comunicar-se simultaneamente com pessoas do mundo inteiro. É semelhante ao telefone, porém em vez da voz, utiliza o texto digitado.

Dentro do IRC, existem centenas de grupos ou salas de “bate-papo”, conhecidos como canais, criados para a discussão de um determinado assunto. Os canais são identificados pelo símbolo # e, normalmente, o seu nome é o de uma palavra chave que indica o assunto tratado.

No Brasil, as duas redes mais importantes que prestam esse serviço são a BRASNET e o BRASIRC. Segundo dados disponibilizados pela administração da BRASNET em 27 de novembro de 2000, em horários de pico, cerca de 18.000 usuários se conectam; e em 12 de agosto de 2001 esse número chegou a 28.000.

Quando um usuário digita uma mensagem ela é vista por todos os participantes ao mesmo tempo, embora haja alternativa para diálogo de usuários de forma privada. A grande vantagem desse recurso é permitir diálogo ao preço de tarifa telefônica local.

Cada usuário que participa do grupo de bate-papo escolhe um apelido (**nickname**, ou simplesmente **nick**), pelo qual é identificado entre os demais participantes; isso permite que os usuários desse serviço se mantenham anônimos se assim o desejarem.

O *NickServ*, serviço de registro de **nicks**, tem mais de 250 mil **nicks** registrados (que expiram se não utilizados em 30 dias), e o *ChanServ*, serviço de registro de canais, administra mais de 7 mil canais registrados ativos (os quais expiram se não são utilizados em 14 dias). Em determinados horários e dias ultrapassam, no Brasil, o número de 4 mil canais ativos, simultaneamente.

Os canais são criados por um **founder** que se responsabiliza pela sua manutenção; têm por objetivo reunir pessoas com uma característica comum. Entre os mais conhecidos da rede Brasnet encontramos: #coroas, #brasil, #pelotas etc.

Na TABELA 2 podemos ver a relação dos 12 canais mais freqüentados (em ordem decrescente de número de usuários) na noite de 2 de junho de 2002 às 23h 56min, entre os 9553 canais disponíveis na **Brasnet** naquele horário.

TABELA 2: Canais mais freqüentados da Brasnet em jun/2002

Nome do Canal	Nº de usuários conectados
#recife	915
#jampa	860
#natal	766
#ceara	702
#manaus	700
#campo_grande	662
#brasil	608
#pelotas	608
#brasilia	536
#cuiaba	511
#coroas	481
#piracicaba	473

Um usuário pode estar conectado em um ou mais canais simultaneamente; e dentro de um canal, o usuário pode optar entre falar publicamente (suas mensagens são vistas por todos os usuários conectados), ou privadamente através de um **PVT**.

Quando o usuário utiliza um programa como o **mIRC**, o vídeo fica dividido em colunas. Na coluna da esquerda, aparece a relação dos **nicknames** (se forem **PVTs**) ou nome dos canais (se forem conversas públicas), na ordem cronológica com que foram iniciados. Na coluna do centro, aparecem as janelas onde são mostradas as conversas mantidas, correspondendo a cada nome que aparece na lista da coluna esquerda.

A FIGURA 6 mostra na coluna da esquerda a relação dos “bate-papos” em andamento: uma conversa pública no canal Pelotas (identificado pelo sinal # antes do

nome), uma conversa privada com o usuário de **nick** Vin_-, e uma indicação da janela de *status* (onde são digitados comandos de controle).

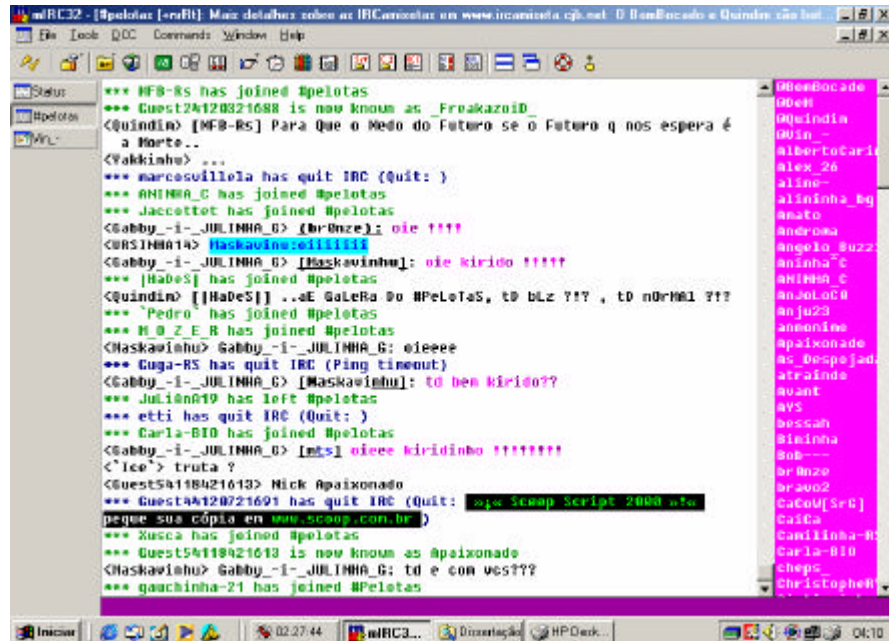


FIGURA 6: Tela do mIRC com relação de *nicknames*

A figura mostra também, na coluna do centro, uma única janela aberta (a do canal Pelotas), onde vão se sucedendo as mensagens dos usuários, na ordem em que são enviadas. Bem à direita dessa janela, em cor de rosa aparece uma relação, em ordem alfabética, dos **nicknames** de todos usuários presentes neste canal.

4.5 A Netiqueta

Em cada canal existe um ou mais operadores, (comumente chamado de **op**), usuários com mais experiência, que são encarregados de manter a ordem e fazer com que as regras sejam cumpridas. Na lista dos usuários presentes no canal, os **nicks** dos operadores são colocados no início da lista e são identificados pelo símbolo @ antes do nome.

As regras de comportamento que todo usuário deve seguir para ter um comportamento adequado em um “bate-papo” virtual, recebem o nome de *Netiqueta*. Elas têm como objetivo manter um ambiente agradável onde todos possam se manifestar livremente, sem agressões ou discussões e são usadas em todos os canais do *IRC*. Assim,

o usuário pode entrar e permanecer livremente em um canal desde que não diga palavrões, evite propagandas, discussões e **floods** e o usuário que não se submete a elas está sujeito a punições.

Caso um usuário tenha alguma dificuldade ou precise de alguma informação, ele pode solicitar ajuda aos operadores. Normalmente, quando um usuário entra no canal e não se adapta às regras é, primeiramente, advertido pelos operadores e depois, caso seja necessário, sofre punições mais sérias.

Quando o usuário recebe um **kick**, ele é retirado do canal como advertência, mas pode voltar. Se continuar insistindo na transgressão, poderá ser *banido do canal* de “bate-papo” (impedido de entrar), o que pode ser temporário ou não. Em alguns casos mais sérios, pode receber um **kickban**, isto é, *ser retirado do canal e, ao mesmo tempo impedido de entrar*. Todas essas punições referem-se a um canal de “bate-papo” específico, onde o usuário esteja se comportando de maneira indevida.

Na FIGURA 7, observamos uma usuária identificada como <GATINHA-18> sendo **kickada** automaticamente ao fazer **flood** no canal .

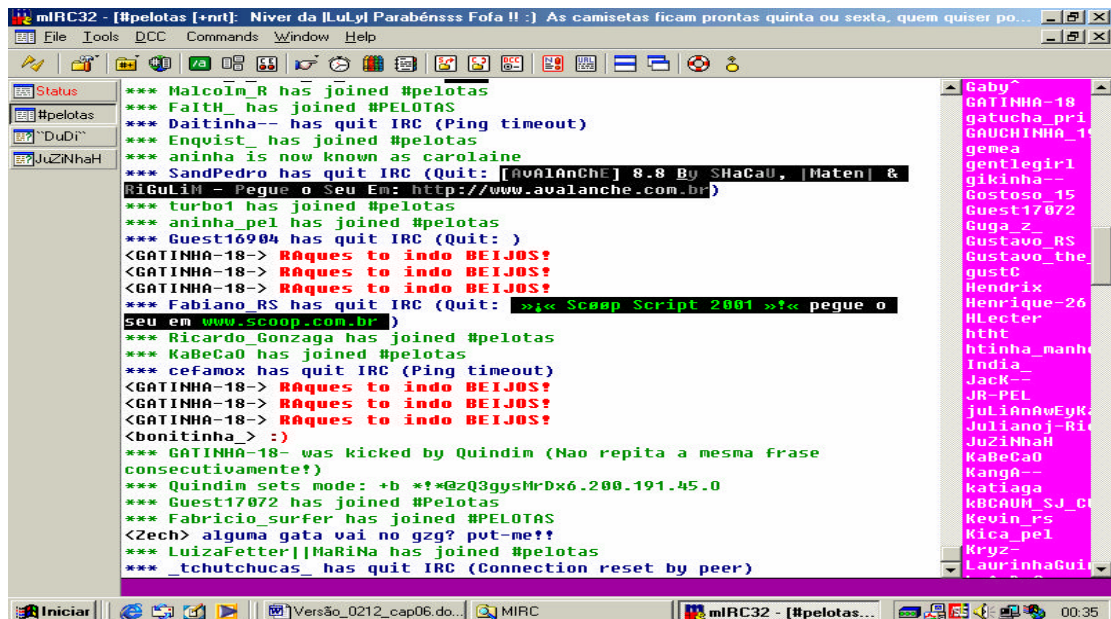


FIGURA 7: Tela do mIRC com exemplo de flood

Além dos operadores de canais, existem os *IRCCops* - operadores do IRC, que controlam toda rede de servidores de IRC. Assim, se um usuário comete uma transgressão mais séria, como quebrar regras de vários canais, tentar roubar

nicknames de outros usuários ou fazer propaganda, pode sofrer punições na rede. Quando o usuário recebe um **kill** do IRCop, ele é retirado de toda rede do IRC (semelhante ao **kick** no canal). Se o usuário recebe um **kline**, é retirado da rede do IRC e proibido de entrar novamente na rede (semelhante ao **kickban** no canal).

Segundo VIANA (julho 2000), um termo muito usado na rede é o de **lamer**, que designa uma espécie de “*treinee*” de **hackers**, pirata especialista em computadores. Esse termo designa vários tipos de usuários. Podem ser os **newbies**, meros novatos, ou ainda **crackers** (pirata do mal).

5. Metodologia

Para estudo dos adolescentes e seus relacionamentos no meio virtual, foi escolhido como ambiente o canal Pelotas (# Pelotas). O motivo dessa escolha foi porque a autora já participara de um trabalho de pesquisa com jovens desse canal, dentro da disciplina “Educação e Comunicação” cursada no primeiro semestre de 2000, no Programa de Pós-Graduação em Educação – Curso de Mestrado em Educação da UFPel (ALVES et al., 2000).

Esse canal possui como característica reunir usuários que residem em Pelotas e cidades vizinhas. Também é freqüentado por pessoas que já residiram na cidade mas que, atualmente, estão em outros pontos do país e até mesmo no exterior.

A metodologia consistiu na construção de uma página sobre a pesquisa que foi colocada no endereço junto ao site do próprio canal pesquisado ⁴. Com a colaboração de AYS, uma mensagem foi colocada no **“tópico”**, diversas vezes, incentivando aos usuários a responderem à pesquisa.

O *site* foi construído pela autora, assessorada por dois jovens ⁵ com conhecimento de informática, e que continha as seguintes informações:

- ? uma introdução apresentando aos pesquisados os objetivos da pesquisa e solicitando que os usuários respondessem o questionário apresentado;
- ? o resultado da pesquisa anterior feita em julho/2000 e que, embora repassada ao *founder* do canal, ainda não tinha sido disponibilizado aos usuários que responderam à primeira pesquisa;
- ? um formulário com 59 questões elaborado a partir de questionário proposto por ZAGURY (1996) para investigar adolescentes e
- ? uma pesquisa de opinião com duração de 5 semanas.

⁴ <http://www.pelotas.org/pesquisa>

⁵ Rodrigo Padilha Silveira, 16 anos, aluno do 1º ano do nível médio e Anelise da Silveira Alves, 16 anos, aluna do 2º ano do nível médio e último semestre do curso técnico de Informática.

O questionário foi disponibilizado na página da pesquisa no período de 26 de dezembro de 2001 a 29 de janeiro de 2002. A página da pesquisa foi visitada cerca de 1300 vezes neste período e foram respondidos e enviados 310 formulários de respostas. No anexo B encontra-se um CD ROM com a cópia original do questionário apresentado aos jovens.

Alberto Yuichi Sato (**AYS**), o *founder* do canal, ajudou-me a divulgar a pesquisa entre os jovens e sempre acolheu todas as minhas solicitações, embora nem sempre tenha conseguido cumprido os prazos estipulados. Ele é um jovem muito ocupado, pois trabalha com o pai, comerciante, e ainda tem a responsabilidade de manter o canal funcionando, coordenando os operadores e *masters* (todo trabalho de AYS é colaborativo, ele não recebe nada por isso).

Algumas vezes, Alberto era extremamente cauteloso em fornecer informações sobre os usuários e sobre o canal. Eu compreendi esta preocupação. Muitas pessoas tentaram e/ou tentam ainda hoje, usar o canal como local de divulgação de eventos e/ou propagandas em proveito próprio. Decidi romper com essa resistência, demonstrando fidelidade absoluta às normas estabelecidas por ele. Embora elas não fossem escritas, representam comportamentos desejados, que envolvem, de alguma forma, o bem-estar comum dos internautas.

Alberto me disponibilizou colocar o site da pesquisa em um endereço ligado diretamente ao *site* do canal. Isto foi muito importante para minha pesquisa, pois estava oficialmente sendo “adotada” pelo canal. Meu trabalho estava sendo “legitimado” pelo *founder* do canal Pelotas.

O questionário colocado no *site* foi dividido em tópicos por assuntos: dados pessoais (12 questões), nível sócio-econômico da família (11 questões), dados sobre os estudos e a escola (15 questões), dados sobre a forma de lazer (6 questões) e as relações com os amigos e a família (15 questões). A maior parte das questões permitia que o usuário acrescentasse comentários as suas respostas.

Como o questionário era extenso, tentei torná-lo atrativo e para garantir que os jovens respondessem todas as questões; usei muitas imagens e *gifs* animados para provocar-lhes a curiosidade e fazer com que eles fossem navegando até a última página do questionário.

Abusei do bom humor. Por exemplo, ao interrogar sobre a forma de castigo que os pais aplicavam, inseri um **gif** animado com um velho de longas barbas acorrentado em uma parede como se estivesse ali “há séculos” (FIGURA 8).

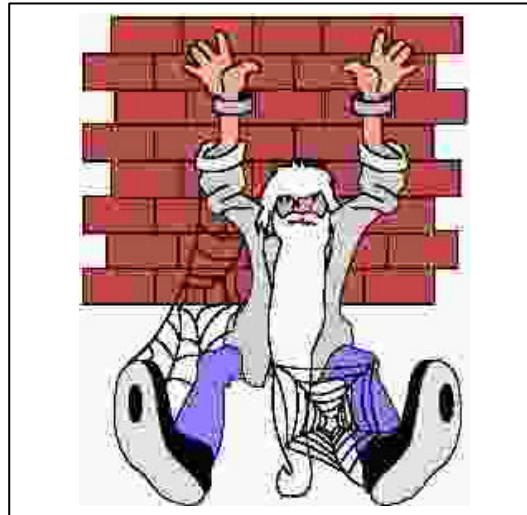


FIGURA 8: Exemplo de imagem usada no questionário on-line

As questões relativas ao nível sócio-econômico tinham como objetivo confirmar os dados obtidos em outras pesquisas que indicavam que a maioria dos usuários da Internet se concentravam nas classes A e B. As questões foram apresentadas conforme o sistema de pontuação do IBOPE (2001), que identifica as classes sociais A1, A2, B1, B2, C, D e E.

Os usuários do canal Pelotas que responderam à pesquisa on-line são adolescentes e têm idade média de 16,8 anos, e a maioria cursa (45,54%) ou concluiu (22,39%) o nível médio.

Os usuários que responderam a pesquisa *on-line* tinham entre 11 a 25 anos, sendo que alguns formulários foram enviados por crianças (ou pré-adolescentes) de 11 anos de idade, que responderam com seriedade, acrescentando comentários que mostraram a atenção com que leram as questões propostas.

Os formulários foram enviados em maior número pelos rapazes (67,54%). Para **AYS** (25 anos), pela experiência que possui com o canal, esse número indica

que os homens participam mais das pesquisas e que as mulheres necessitam ser mais incentivadas a participar.

“Até num gráfico da BRASNET tem a maioria do, sei lá, a maioria 70%...80% é homem, mas não é... tem bastante mulher! Tem muita mulher, só que as mulheres não participam a mesma coisa...tu quer fazer um churrasco, os homens vão: ‘ Ah tão tá, tá beleza!’ ...Pras gurias tu tens que chegar: ‘Ah, tu tem que ir pro churrasco, vai ser legal, não sei o que...tu tens que ficar convidando...Tem bastante mulher, só que não participam...”

Cerca de 88,41% dos usuários residem em Pelotas, os demais, nas cidades vizinhas (Jaguarão, Canguçu, Camaquã, Rio Grande, São Lourenço, Santa Vitória do Palmar, Capão do Leão, etc), porém, alguns dos usuários moram em locais distantes como Belém do Pará, Brasília e Rio Claro (SP).

Os formulários recebidos foram numerados de Q001 a Q310, pela ordem de recebimento. Para cada questionário respondido era gerado um e-mail para o endereço eletrônico da pesquisadora com as respostas. Alguns foram desconsiderados por estarem truncados e/ou conterem respostas inválidas ou duplicadas, restando 268 formulários válidos para serem analisados.

Mesmo permitindo que os jovens respondessem somente às questões que quisessem, nos 268 questionários válidos poucas questões não foram respondidas. No anexo C, um conjunto de gráficos apresenta as respostas dos usuários ao questionário on line.

Os jovens, na sua maioria, apreciaram o trabalho pois colocaram comentários como:

“Gostei do questionário ficou muito bom!” (Q175, masc., 19 anos).

“Achei muito show essa pesquisa. Façam mais sempre que der...Quería dar uma opinião também..Fazer uma pesquisa dessas a respeito de drogas, bebidas, cigarros e traição entre amigos. Acho que seria bem legal” (Q226, fem., 13 anos),

“la la la...massa u teste, gostei d responder as perguntas” (Q294, masc., 16 anos).

“Acho muito interessante pesquisas como essa, em parte para auto-conhecimento, pois nos faz pensar em questões um pouco esquecidas e outra para q possamos conhecer um pouquinho dos outros...Neste caso ainda é mais importante pq nós conhecemos, mesmo q só virtualmente, boa parte dos entrevistados. Espero q algumas pesquisas, integra ou parcialmente, sejam publicadas. Parabéns pela iniciativa. Um beijo.” (Q283, fem, 19 anos)

Claro que nem todos concordaram, tecendo comentários a respeito do que sentiram quando responderam o questionário:

“Mas que m..... isso aqui, demorei um tempão só pra essas porcarias.. HUAhuHAuhauahuahuhuhuHa;” (Q111, masc., 13 anos).

“Que absurdo a questão nº53!! Como vcs podem somente relevar uma garota ser virgem?!Sexismo absurdo! Que idéia antiquada de que os homens têm que perder a virgindade o +cedo possível,eqt as meninas de preferência se mantenham virgens até o casamento. Se eu puder sabem quem elaborou esste questionário gostaria de falar sobre isso. Ñ me chamem de feminista, eu só defendo a igualdade entre sexos, como tds deveriam.;” (Q253, fem., 15 anos).

A maior parte das questões oferecia alternativas a serem selecionadas pelos usuários, outras solicitavam que fizessem comentários ou opinassem sobre determinado assunto. Quando eles não queriam ou não sabiam responder em vez de simplesmente deixarem em branco, eles respondiam: *“sem comentários”, “nada a declarar!”*, *“nenhum”*, *“nda em especial”*etc. Isso demonstrou a atenção e o cuidado que tiveram com a pesquisa.

O canal Pelotas é uma verdadeira comunidade, onde as pessoas convivem há bastante tempo. Os usuários entram quase sempre com o mesmo nick e, por isso, pensei em usar a pesquisa de opinião sobre hábitos dos usuários. A idéia era apresentar 2 questões sobre os hábitos dos usuários a cada semana, durante 5 semanas consecutivas, num total de 10 questões. Para o usuário entrar nessa brincadeira era necessário responder o questionário da pesquisa para se cadastrar.

Porém, nesse aspecto nada aconteceu como eu pretendia. Ao colocar no “tópico” do canal um convite para os jovens responderem ao questionário, esses imediatamente

entraram na página, responderam o questionário, imbuidos, creio eu, do desejo de auxiliar a pesquisadora, e até onde pude perceber foram bastante honestos nas respostas, saíram da página e não se preocuparam em voltar a ela para dar continuidade às respostas da pesquisa de opinião. Eles não se preocuparam, nem “viram” a pesquisa de opinião, pois ao questionar pessoalmente porque não haviam respondido, responderam: “*Que pesquisa de opiniao???*”.

Então, deixei de lado essa pesquisa, pois ela foi preparada apenas para motivar os usuários a responderem o questionário *on-line*, que continha todas as questões que me interessavam como pesquisadora.

Alguns usuários foram selecionados para serem entrevistados. Como critério, escolhi os mais assíduos e conhecidos, todos “*IRCviciados*” como dizem seus amigos, pois não passam um único dia sem entrar no canal (os entrevistados não se consideram viciados no uso da Internet).

As entrevistas ocorreram entre novembro de 2001 e abril de 2002. Os usuários selecionados estão relacionados abaixo, e são identificados pelo nick que usam mais freqüentemente:



AYS: sexo masculino, 25 anos, abandonou o Curso de Informática na UCPEL, já nos últimos semestres. É o *founder* e responsável pelo Canal Pelotas; inteligente, criativo e carismático, conseguiu transformá-lo em um sucesso desde a sua criação há 6 anos; tempo de conexão diária: 24 horas, entrevista em 11/nov/2001;

Strider: sexo masculino, 19 anos, fazendo supletivo após parar de estudar por 4 anos, quando fazia o 1º ano do nível médio; tempo de conexão diária: 24 horas, conecta há 4 anos, entrevista em 14/abr/2002;





SWOOSH: sexo masculino, 19 anos, vestibulando de Engenharia Elétrica UFRGS, tempo de conexão diária: 4 a 5 horas, entrevista em 14/abr/2002;

Cine (também usa o nick cine_ama_FaBiNhU): sexo feminino, 17 anos, concluiu o nível médio, fez vestibular tendo se classificado em 4º lugar no Curso de Psicologia UCPEL; tempo de conexão diária: 1 a 2 horas, conecta há 4 anos, entrevista em 04/jan/2002;



Gaucha : sexo feminino, 17 anos, concluindo o 3º ano do nível médio, fez vestibular para o Curso de Jornalismo, UCPEL, sendo aprovada, tempo de conexão diária: 5 horas, conecta há 3 anos, entrevista em 18/nov/2001;

JuUu: sexo feminino, 16 anos, concluindo o 3º ano do nível médio, tempo de conexão diária: 3 horas durante a semana e 24 horas nos finais de semana, entrevista em 18/nov/2001;



loirinha- : sexo feminino, 17 anos, concluindo o 3º ano do nível médio, fez vestibular e foi aprovada no Curso de Arquitetura da UFPEL, tempo de conexão diária: 1 hora durante a semana, e de 6 a 7 horas nos fins de semana, entrevista em 18/nov/2001;



Naty:- sexo feminino, 16 anos, 1º ano do nível médio, entrevista em 15/nov/2001, é namorada do Strider, um dos entrevistados, tempo de conexão diária: 4 horas;

``DuDi``: sexo masculino, 16 anos, 1º ano do nível médio, é natural de Pelotas, mas há um ano reside em Curitiba; tempo de conexão diária: 6 a 7 horas, conecta há 4 anos, entrevista em 19/fev/2002;



A_F_U_C_K (também usa o nick A_F_U_D_E): sexo masculino, 19 anos, 4º ano do curso técnico de Desenho Industrial, tempo de conexão diária: 10 horas (oito horas no trabalho e 2 horas em casa), conecta há 5 anos, entrevista em 11/mar/2002;

As entrevistas ocorreram na casa dos entrevistados. Geralmente eu era convidada a ir para os seus quartos, jardins, ou até mesmo na rua, locais onde eles conseguiam driblar a presença dos pais. Inicialmente, tinha planejado entrevistar a família, mas comecei a notar que isso inibia os jovens, e a medida que aumentava a participação dos pais, diminuía a do adolescente. Resolvi, então, entrevistar somente os jovens.

Um roteiro básico das entrevistas (anexo D) foi seguido para auxiliar a direcionar a conversa, porém eles fizeram comentários e sugestões livremente.

Todos autorizaram a gravação da entrevista e o uso das imagens filmadas, de seus nicks e respostas. A maioria, tanto os garotos como as garotas tiveram uma grande preocupação com os resultados das imagens obtidas, mostrando um certo receio se as imagens ficariam bem.

Do total de 268 questionários, 196 usuários citaram 198 nomes de professores considerados por eles como “bons”. É interessante observar que a disciplina de Matemática foi a mais citada (46 usuários), seguida de História (22), Português (20), Física (19), Biologia (18), Geografia (17), Química (12) e as demais 44 citações distribuídas entre diversas disciplinas.

Analisando as respostas do questionário, selecionei alguns dos professores que foram considerados pelos usuários como bons e até mesmo excelentes, para serem entrevistados (roteiro da entrevista com professores encontra-se no anexo E). Os três professores mais citados foram:



Professor A: sexo masculino, 41 anos, casado, graduado em Estudos Sociais, História e Geografia. Foi o mais citado na pesquisa e considerado pelos alunos como excelente professor, leciona Geografia no nível fundamental e médio, em duas escolas particulares e em cursinho pré-vestibular, entrevista em março de 2002;

Professora M: sexo feminino, 52 anos, solteira, tem curso de Licenciatura plena em Matemática e Especialização em Informática na Educação. Foi a segunda mais citada na pesquisa, atualmente leciona Matemática no nível médio e curso preparatório para vestibular em uma escola particular, é professora aposentada do CEFET, entrevista em março de 2002;



Professora E: sexo feminino, 41 anos, casada, tem cursos de Educação Artística e História. Foi a terceira mais citada na pesquisa, leciona História no nível fundamental e médio de uma escola particular, entrevista em março de 2002;

As demais respostas ficaram pulverizadas entre muitos professores considerados bons.

Inicialmente tinha pensado em utilizar a análise de documentos, tais como boletins escolares, provas e testes, referências eletrônicas dos sites mais usados pelos jovens além da análise das fotografias e filmes obtidos durante as entrevistas. Porém, a grande quantidade de material obtido, não só com o questionário *on-line* mas também com as entrevistas dos jovens e professores, além dos **logs**⁶, me fez optar em utilizar somente as fotografias e filmes obtidos durante as entrevistas.

As imagens (fotografias e filmagens) obtidas nas entrevistas foram transformadas em caricaturas². Pensei que “bater-papo” com conhecidos e desconhecidos no IRC poderia criar uma certa expectativa, pois muitos não se conhecem pessoalmente. Alguns desses entrevistados com *nicks* muito conhecidos, são pessoas que acompanham o canal desde a sua criação, mantêm reserva a respeito de suas vidas e de suas imagens, embora nas entrevistas alguns tenham explicitado que suas fotos e imagens poderiam ser divulgadas. Por isso, achei que o uso da caricatura em vez da fotografia seria uma boa alternativa para “mostrar sem revelar” quem são os jovens que freqüentam o canal Pelotas.

Esta pesquisa qualitativa se caracterizou como uma pesquisa do tipo etnográfico pois, segundo ANDRE (1995, p.28), um trabalho pode ser caracterizado como do tipo etnográfico em educação...

quando faz uso das técnicas que tradicionalmente são associadas à etnografia, ou seja, observação participante, a entrevista intensiva e a análise de documentos. A observação é chamada

participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado. As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados. Os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, explicitar suas

⁶ *logs* são arquivos em que ficam registrados os textos das conversas que ocorrem no IRC, são transcrições de tudo que é digitado pelos usuários tanto publicamente nos canais como nas conversas privadas (*priv*).

² As caricaturas que aparecem nesta pesquisa foram elaboradas pelo desenhista Saulo Morales .

vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes.

Finalmente, o site da pesquisa foi reformulado para incluir os resultados obtidos e disponibilizá-los a todos os usuários do canal. O endereço do site é www.pelotas.org/pesquisa.

6. Os adolescentes do canal Pelotas

6.1 A adolescência

A palavra *adolescere* vem do latim e significa crescer, tornar-se maior. O adolescente é um ser em crescimento, em evolução para atingir a maturidade biopsicosocial. Essa é uma etapa também conhecida como puberdade, onde o ser humano sofre modificações no seu processo vital, do nascimento à morte (TIBA, 1985).

A palavra *puberdade* vem do latim (*púbis*) e significa penugem, pêlo. Conforme TIBA (1985, p.13) “a puberdade é o conjunto das transformações psicofisiológicas ligadas à maturação sexual, que traduzem a passagem progressiva da infância à adolescência”.

Durante a adolescência o jovem sofre transformações físicas e emocionais as quais de diversas formas influenciam as pessoas que com ele convivem, como os pais e irmãos. É muito comum, nessa etapa, os jovens comportarem-se com timidez porque têm medo de serem reprovados e/ou criticados. Muitas vezes, o próprio jovem critica e reprova suas idéias antes de, propriamente executá-las (TIBA, 1995).

TIBA (1996, p.120) descreve o período da adolescência como aquele em que os jovens começam buscar a sua independência: “A adolescência é um segundo parto: nascer da família para andar sozinho na sociedade”. O autor apresenta uma seqüência de cinco etapas para caracterizar a adolescência, delimitadas por modificações psicossociais e hormonais. São elas: confusão pubertária, onipotência pubertária, estirão, menarca/mutação e onipotência juvenil.

A confusão pubertária apresenta-se quando a hipófise inicia o estímulo aos órgãos do organismo para que amadureçam, especialmente, os ovários e os testículos. Nessa fase, surge o pensamento abstrato e o adolescente sente-se confuso e carente de organização.

A onipotência pubertária é mais evidenciada nos garotos, com a produção da testosterona. Isso fica evidenciado pelo crescimento de partes do corpo como pés e mãos. Nessa etapa, o garoto faz oposição, contesta a autoridade, torna-se agressivo, tem crises

de mau-humor. Já as garotas, não tanto quanto os rapazes, podem apresentar-se agressivas, resmungonas e também revoltadas quando se sentem injustiçadas.

A próxima etapa, o estirão, também é mais evidente nos rapazes. Suas características físicas se modificam. Nem eles próprios se entendem. Atrapalham-se um pouco com sua estatura e com as relações sociais; apresentam timidez fora de casa e mantêm ainda algumas características de criança, tais como o rosto e a voz (meninos). As garotas, por sua vez, ficam bastante envergonhadas com o corpo e começam a engordar.

A menarca (primeira menstruação) e mutação (mudança de voz) marcam a próxima etapa. As meninas amadurecem psicologicamente e começam a buscar sua independência. Os garotos sentem-se desconfortáveis, pois o rosto começa a adquirir formato adulto, nariz e orelhas crescem rapidamente. Nessa etapa ocorre o crescimento do pênis.

A última etapa, a onipotência juvenil é mais acentuada nos garotos. Eles se tornam ousados, apaixonados, impulsivos, não escondendo o descaso com opiniões ou conselhos dos outros, especialmente, se forem dos pais. O amadurecimento psicológico encerra essa etapa.

É na adolescência que as falhas ou acertos da educação infantil tornam-se mais evidentes. Os pais, muitas vezes, sentem-se ameaçados na sua autoridade, quando os filhos passam a reagir de forma diferente com as ordens recebidas. Interpretam como desobediência o fato de o jovem, buscando sua nova identidade e desejando sair da infância, recusar-se a aceitar ordens como fazia na infância.

É característico da adolescência o uso de roupas extravagantes, tatuagens, brincos (rapazes) e piercings, como sinal de rebeldia e independência. Alguns dos jovens entrevistados tinham todas essas características. Por outro lado, pode observar durante as entrevistas que as respostas dos que aparentam rebeldia eram bem comportadas e conservadoras. Os jovens demonstravam preocupação com o futuro profissional e o desejo de adquirirem uma boa formação para enfrentar o mercado de trabalho: 80,23% deles informaram que estudam porque acham importante para sua vida.

ZAGURY explica o comportamento rebelde apresentado pelo adolescente justificando-o como consequência da obtenção das capacidades de abstração, reflexão e generalização adquiridas, que fazem-no sentir-se capacitado a questionar os princípios estabelecidos pela família e/ou pela sociedade. A autora assinala, ainda, que a adolescência é “o momento do sonho, em que os jovens se acreditam verdadeiros “super-homens”, capazes de corrigir injustiças, de endireitar o mundo” (1996, p.27).

6.2 A linguagem dos adolescentes

A velocidade espantosa com que a tecnologia se desenvolve tem reflexos sobre as formas de comunicação usadas pelos jovens. Eles assimilam a tecnologia com extrema rapidez; não têm medo de explorar ou usar um novo modelo de software ou teclado.

Na Internet e, muito especialmente, nos canais de “bate-papo” existe uma forma nova de se comunicar, usando *acrônimos*⁸, “para transmitir o essencial e racionalizar as mensagens trocadas.

Os usuários costumam usar sempre o mesmo ***nickname*** para serem identificados por companheiros e amigos, quando entram no canal. Dois usuários não podem usar o mesmo ***nickname*** e, se isso ocorrer, o usuário que entrou por último passa a ser identificado como *guestxxxx*, onde *xxxx* indica um número, ou seja, ele passa a ser identificado como um convidado, uma vez que o *nick* proposto por ele já está em uso.

Apesar de manterem o mesmo *nick*, alguns adjetivos são acrescentados para indicar o estado de humor ou emocional do usuário, normalmente em inglês ou português, como por exemplo: *Ana_sad*, *Lili_happy*, *Pedro_cansado* etc;

Quando o usuário se afasta do canal por um breve período, ele, usualmente, permanece conectado, porém acrescenta uma informação adicional como por exemplo: *Sara_fui_jantar*, *Sandro_voltologo*, *Xana_away* (indica que está afastada) etc.

Um dos entrevistados, **A_F_U_C_K_** (19 anos), costuma informar no *nick* o que está fazendo ou onde está:

⁸ Acrônimos são abreviações das palavras mais usadas em português ou inglês. Exemplos: *vc* (você), *td* (tudo), *tc* (teclar), *pq*(porque), *q* (que), *blz* (beleza),



“eu boto lá
 A_F_U_C_K_chegando_do_caostotal que nem
 eu botei ontem, que foi uma festa que teve,
 daí teve gente falando: Ah... tu tava lá?
 Quem é que tu é?”

Depois de algum tempo de convivência dentro de um canal, são conhecidos os hábitos dos usuários mais populares e o estado emocional dos mais extrovertidos; tudo isso aflora nos papos, nos *nicks*, e no próprio ambiente do canal.

“Alguém quer tc?” É assim que os jovens, dentro do canal de “bate-papo” convidam os demais a tc (teclar), isto é, a trocar mensagens, ou de forma mais clara, “bater um papo” virtual. A Internet tem propiciado uma nova forma de comunicação mais rápida e mais barata para a comunicação interpessoal.

Ao entrarmos em um canal de “bate-papo” pela primeira vez, temos dificuldades em compreender esse novo “*dialeto*” de comunicação, embora os códigos sejam assimilados pela frequência de uso. É preciso paciência e perguntas aos mais experientes, para que passemos a dominar esse divertido e diferente sistema de comunicação.

As conversas eletrônicas não possuem linguagem corporal, nem entonação de voz, componentes importantes para uma comunicação efetiva. Assim, algumas frases muito concisas podem parecer diretas demais, ou pouco delicadas ao interlocutor eletrônico. Os internautas (navegadores da Internet) usam uma variedade de símbolos para enriquecer este “bate-papo”.

A criatividade dos jovens é mostrada pelo conjunto de códigos e símbolos usados, mesmo considerando a limitação de símbolos presentes nos teclados. A seguir trazemos alguns exemplos para explicar melhor estas informações.

O usuário não “tc”, ou seja, não tecla, não troca mensagens em letras maiúsculas, porque usá-las representa que está gritando com o interlocutor.

A língua portuguesa possui uma diversidade de símbolos representando os mesmos sons, por exemplo o “c” e o “q”. As palavras colorido e queimadura, embora usem letras diferentes têm o mesmo som na sílaba inicial. Os jovens simplificaram a linguagem e utilizam a letra “k” em quaisquer dos casos citados; também usam o “x” no caso de palavras com “ch”.

Os **smileys** também chamados **emoticons** são símbolos empregados pelos usuários na troca de mensagens que servem para derrubar barreiras lingüísticas, que ocorrem entre pessoas de culturas, origens e línguas diferentes. Servem para expressar alegria, incredulidade, tristeza, espanto etc, mas também são usadas para descrever pessoas. Esses símbolos enriquecem o diálogo. Na tabela a seguir, vemos alguns símbolos criativos usados na conversação.

TABELA 3 – Alguns símbolos e smileys usados na comunicação

Símbolo	Significado
...	Usado para indicar que um dos interlocutores está aguardando que o outro continue enviando mensagens.
O6	oceis, isto é, vocês
uhaiuuihuiahiuhuah	Gargalhada
:) e :-) e :D	Carinhas alegres
:(e :-(Carinhas tristes
;-)	Piscadela
:- /	Estranheza ou incredulidade
:*	Beijinho
:P	Língua de fora
:’-(Choro
:-D	Gargalhada
:~ ~(Uma pessoa chorando muito

Nesse ponto, é interessante citar um artigo do jornalista Diego MAINARDI (2000, p.221), ao comentar os canais de “bate-papo” e o grande fluxo de jovens que por ali transitam. Para o autor, a forma de comunicação ocorrida nesses canais é pobre e os jovens estão “assassinando” a língua portuguesa “Por um instante, imaginei que os ‘papeadores’ tivessem inventado um rico jargão feito de síncopes e abreviaturas. Nada disso. O jargão limita-se a kd (cadê), vc(você) e tb(também). O resto é puro e simples erro de português”, analisa o jornalista.

Considerando a presente pesquisa, discordo totalmente do posicionamento desse jornalista. Quem frequenta, usualmente, os canais de “bate-papo” surpreende-se com a criatividade dos jovens. Em um canal, ninguém é obrigado a seguir uma forma de comunicação. O que ocorre é que, como toda troca de mensagens se dá por escrito, o usuário, ao conversar com várias pessoas ao mesmo tempo, precisa ser rápido na digitação, utilizando-se de formas abreviadas para se comunicar.

Existem alguns exageros na utilização dessas regras, porém, a maioria tem uma justificativa para a sua utilização. Por exemplo, há algum tempo, os editores usados para digitar mensagens e textos eram na sua maioria de origem americana ou inglesa, e essa língua não utilizava os sinais gráficos de acentuação, assim quando na mensagem existiam palavras com acentuação, o resultado era meio ilegível pois cada acento ou til era acompanhado de um caracter de controle. Então, os usuários começaram a usar termos como eh (é), naum (não), soh (só) e assim por diante. Hoje temos bons e completos editores em português, porém, o uso desses termos já se popularizou entre os internautas.

Outro hábito bastante difundido entre os internautas é a repetição da última vogal para enfatizar uma palavra, por exemplo, quando cumprimentamos um amigo em vez de dizer “oi”, dizemos “oiiii” para indicar um cumprimento efusivo.

Algumas palavras e frases encontradas nos comentários do questionário foram: *cumiguu* (comigo), *dah* (dá), “*fika com qq um ki aparece*” (fica com qualquer um que aparece), “*naum exizte*” (não existe), “*naum importa c eles ...*” (não importa se eles ...), “*eu jah fikei cum akele*” (eu já fiquei com aquele),

A regra básica é escrever como se fala, por isso é comum substituir a vogal **o** por **u** no final das palavras.

É fato que escrever de forma abreviada, trocar letras e o uso intensivo de alguns termos provavelmente terá reflexos sobre a escrita desse estudante dentro da sala de aula, porém, essa forma está sendo gerada espontaneamente pelos jovens e de alguma forma está atendendo a sua necessidade de comunicação no meio virtual.

Recentemente, foi bastante comentado na imprensa o péssimo desempenho dos jovens brasileiros que participaram de um teste de leitura e interpretação aplicado em estudantes de diversos países: os alunos brasileiros ficaram em último lugar. Esse fato só vem confirmar que a escola não está atingindo seus objetivos e nem acompanhando os jovens, afinal a leitura e a escrita são fundamentais, e essas duas atividades são utilizadas intensamente em todas as disciplinas. Por que a escola não pode aproveitar um pouco dessas linguagens dos internautas para deles se aproximar?

Pode parecer que a forma do jovem se comunicar no *IRC* seja de desvalorização da escrita e da língua portuguesa. Mas, ao mesmo tempo que eles se utilizam de uma forma despojada e coloquial, também utilizam poesia e trechos de obras literárias em seus **quits**.

Um **quit** é uma mensagem de despedida que o usuário pode deixar quando sai do canal. Existe um comando dentro do IRC, o **info** que nos dá informações a respeito do usuário de um nick e mostra a mensagem de despedida por ele deixada, a data e horário que ele foi visto pela última vez nos canais de “bate-papo” do IRC. **_Gaucha_** (17 anos) comenta como os jovens se utilizam dessa forma de comunicação. Para ela, os quits chegam a ser usados como um serviço de recados consultado pelos amigos



“Mas tem muito esse esquema de deixar quit dizendo que tá indo pra tal lugar, aí a pessoa conecta depois e pode ver... essa aí saiu tal hora e foi pra tal lugar. Daí eu entro, e bah...cadê a _JuUu_?...daí dou info nela e aparece ali, _JuUu_ saiu tal hora e ela deixou no quit, fui pra tal lugar...”.

Os jovens gostam de deixar uma mensagem de **quit**. Utilizam trechos de poesia, ditados populares, letras de música ou até um simples recado, como a entrevistada mencionou. Lembrando que um asterisco significa um beijo, podemos ver na FIG.9, alguns **quits** de usuários:

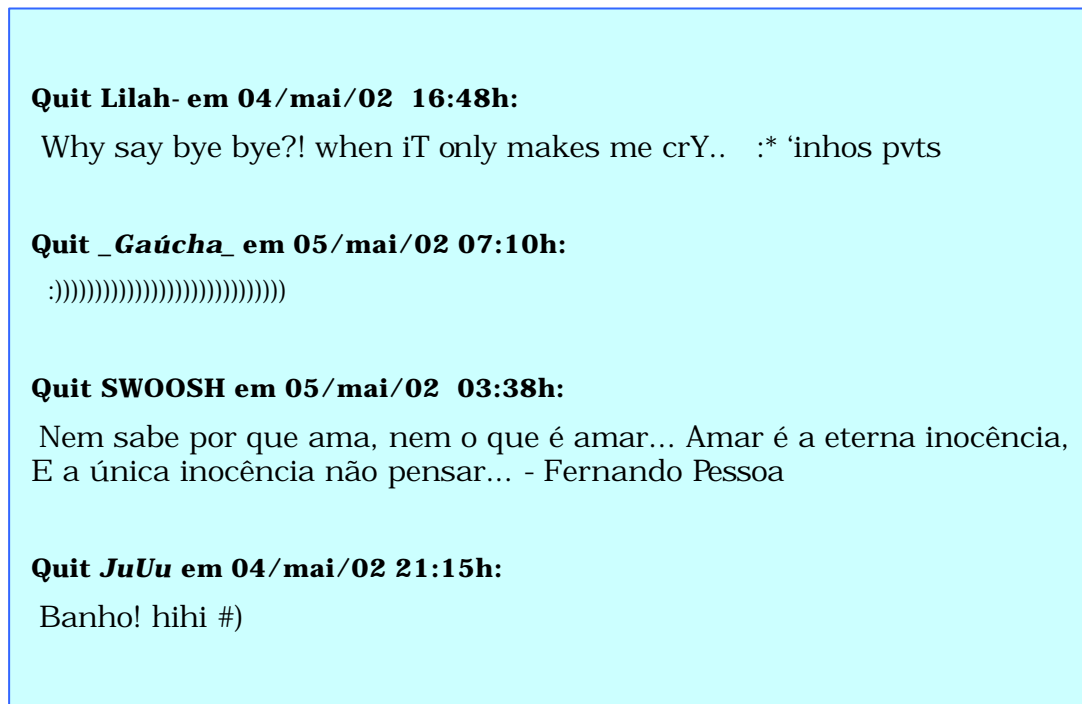


FIGURA 9: Exemplos de **quits** de usuários

6.3 O comportamento dos adolescentes

A Internet exerce um grande fascínio sobre os jovens. Quando eles descobrem o IRC e seus milhares de canais, permanecem conectados por muitas horas e chegam deixar de fazer outras atividades e até perder períodos de sono para ficarem em intermináveis “papos” com amigos e conhecer outras pessoas. A medida que se familiariza com o ambiente, o jovem incorpora a Internet no seu dia-a-dia e não deixando de sair ou de andar com os amigos; mesmo assim ainda é freqüentador assíduo dos canais de sua preferência.

BABIN e KOULOUMDJIAN já prenunciava este acontecimento afirmando “Uma nova linguagem está em vias de nascer, e cujas formas, lógica interna, as chaves para o seu sucesso, são comandados por uma aliança secreta entre a eletrônica e o espírito humano” (1989, p. 9).

Esta “nova linguagem” (ou linguagem áudio-visual) cativa os adolescentes pois , segundo os autores, a jovem geração compreende de outro jeito. O que caracteriza esta linguagem, é que “fala-se mais do que se escreve. Vê-se mais do que se lê. Sente-se antes de compreender” (BABIN e KOULOUMDJIAN, 1989, p.38).

A análise de dados a respeito da freqüência com que os jovens se conectam na Internet confirmam a previsão de ambos. Dados sobre conexões e tempo de uso da Internet obtidos em julho de 2000 (ALVES et al., 2000) surpreenderam pela quantidade de horas que os usuários permanecem conectados na Internet.

As autoras verificaram que cerca de 60% dos usuários permanecem conectados durante 3 horas ou mais, e 28 % por mais de 6 horas. Como no canal pesquisado a grande maioria dos usuários é estudante, podemos conjecturar que o elevado número de horas do jovem conectado pode, de alguma forma, prejudicar o tempo destinado aos estudos, trabalhos e tarefas diárias.

Na presente pesquisa os dados permanecem aproximadamente iguais aos de ALVES (op.cit.), como podemos ver no GRÁFICO 3. O acesso diário do jovem à Internet e aos canais do IRC, respectivamente, duravam: menos de uma hora (5,6% - 9,33%), de 1 a 2 horas (33,21% - 36,57%), de 3 a 5 horas (41,04% -

36,19%), de 6 a 8 horas (9,70% - 9,33%) e mais de 8 horas (7,84% - 5,97%). O tempo de permanência da conexão era bastante elevado, se levarmos em conta, que na época da pesquisa a maior parte das conexões era feita por linha discada, que implica custo de ligação telefônica, além da assinatura do provedor.

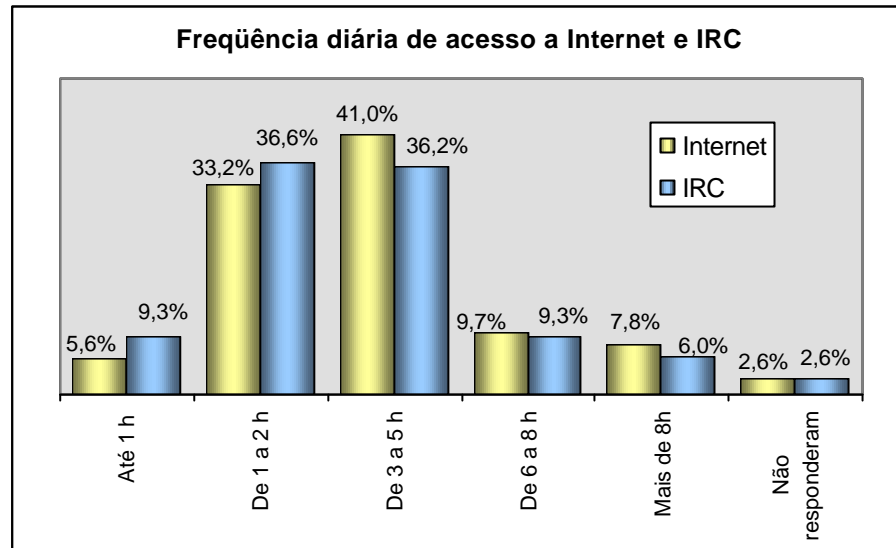


GRÁFICO 3: Freqüência de acesso diária à Internet e ao IRC

Os valores aproximados do acesso a Internet e IRC mostrados no GRÁFICO 3, confirmam a tendência apontada pelos jovens nas entrevistas: quando conectam, entram direto no IRC para saber as novidades, conversar um pouco, e aí permanecem todo o tempo que estiverem navegando.

Um dos entrevistados, “**DuDi**” (16 anos), descreve o seu comportamento como usuário da Internet no dia-a-dia. Ele se mudou há pouco mais de um ano para Curitiba. A saudade da cidade e dos amigos entre outros motivos, fazem-no permanecer no IRC (Canal Pelotas) durante todo tempo que está conectado.



“a Internet faz parte da minha vida...fico cinco, seis, sete horas conectado direto...Chego em casa da escola, ligo o computador, entro no Pelotas, fico escutando música...vou tomar banho, e o computador tá lá ligado”.

SWOOSH (19 anos), aprovado no vestibular para Engenharia em uma Universidade Federal e aguardando o início das aulas, atrasadas pela greve, conecta diariamente de 4 a 5 horas por dia. Ele diz que tem o hábito de conectar, entrar no canal Pelotas, mas quase não conversa com os outros pois fica ocupado “navegando”, enquanto o *nick* dele fica na lista de usuários. O jovem chamou a atenção para a forma como o canal cresceu:

“o crescimento do canal acompanhou totalmente o crescimento da Internet...antes rolava muito papo, muita conversa pública porque o canal era pequeno...hoje dificilmente isso acontece porque o número de pessoas conectadas cresceu muito. O que tu vê de conversa no Pelotas é lá pelas 4 horas da manhã, quando tem poucas pessoas, quase que apenas os operadores, daí rola um papo legal no canal, nos outros horários só em pvt, mas isso acontece em todos os canais grandes...”.



Lembrando dessa época, **Strider** (19 anos) traz informações sobre o crescimento do canal, e isso impressiona, pois o número de pessoas que entram no canal é alto.

"há 6 anos no pico, haviam 50 pessoas conectadas simultaneamente, hoje o pico é de 794 pessoas (abril de 2002), com uma média de permanência no canal de 180, agora pessoas que entram e saem, são em número muito maior (...) Esses números são altos e se aproximam do número de pessoas que tem Internet em Pelotas...é quase como se todo mundo que tem Internet na cidade entre no canal Pelotas".



O uso intensivo da Internet é comentado algumas vezes, entre os próprios usuários do canal Pelotas. Os freqüentadores assíduos são apontados pelos demais como "viciados em Internet".

Durante um "bate-papo" entre a pesquisadora e o usuário identificado pelo *nick* Black_Hunter, 15 anos, ocorrida em 01 de julho de 2001, ele expõe o seguinte:

<Black_Hunter> **VR**Cio é quando: ... Você entra num canal e os 50 usuarios te conhecem.

O uso compulsivo da Internet foi reconhecido pela Associação Americana de Psicólogos e ganhou o nome *Internet Addiction Disorder* (algo como Disfunção do Vício da Internet) graças a um estudo apresentado por David Greenfield, presidente do Center for Internet Studies, em Connecticut, EUA. Segundo Greenfield, o sintoma do vício é o uso preferencial e, muitas vezes, exclusivo da Internet sobre todas as outras atividades do cotidiano. Suas vítimas tornam-se incapazes de controlar o número de horas que permanecem ligadas à rede, numa onda compulsiva que acaba isolando-as de familiares e amigos e comprometendo seu desempenho pessoal profissional (MACEDO, 2000). Surgem também problemas comportamentais pelo uso intenso e ininterrupto da Internet bem como distúrbios no sono e conseqüências diretas na aprendizagem.

Nenhum dos jovens entrevistados considerava-se dependente do uso da Internet, embora reconhecessem que conectam por um longo período de tempo, que a Internet faz parte de sua rotina diária e que por isso não sabem viver sem estar ligados à rede.

O GRÁFICO 4 apresenta a distribuição dos jovens por tempo de contato da internet. Os usuários pesquisados têm contato com a Internet há bastante tempo: menos de 6 meses (2,61%), entre 6 meses e 1 ano (4,48%), entre 1 e 2 anos (25,75%), entre 2 e 5 anos (44,77%), mais de 5 anos (20,15%).



GRÁFICO 4

Os dados do GRÁFICO 4 mostram a fidelidade do usuário a essa nova forma de comunicação. Há cinco, seis anos o acesso a Internet era restrito a poucas pessoas, principalmente devido ao custo dos equipamentos e provedores.

Considerando que 20,15% dos 268 usuários entrevistados conectam há mais de cinco anos (54 pessoas) e que esse número aproxima-se do indicado por Strider como os 50 que participavam do canal há seis anos, podemos supor que bem mais usuários, hoje em dia, aderem e incorporam a sua vida essa nova forma de comunicação.

Outro dado obtido com o questionário *on-line* confirma pesquisas anteriores (MEDIA METRIX, 2001) ⁹ a respeito do nível sócio-econômico do internauta. Os dados indicam que a maioria dos jovens (93,66%) provêm das classes sociais A e B (11,57% A1 + 33,21% A2 + 35,07% B1 + 13,81% B2). Embora tenham um padrão

⁹ Utilizamos os parâmetros e critérios para avaliação estabelecidos pela ABA (Associação Brasileira de Anunciantes) e ANEP (Associação Nacional das Empresas de Pesquisa de Mercado), disponível em: <http://www.ibope.com.br>

de vida abastado, um número expressivo de jovens (22,01%) também trabalha como podemos observar no GRÁFICOS 5 e 6.

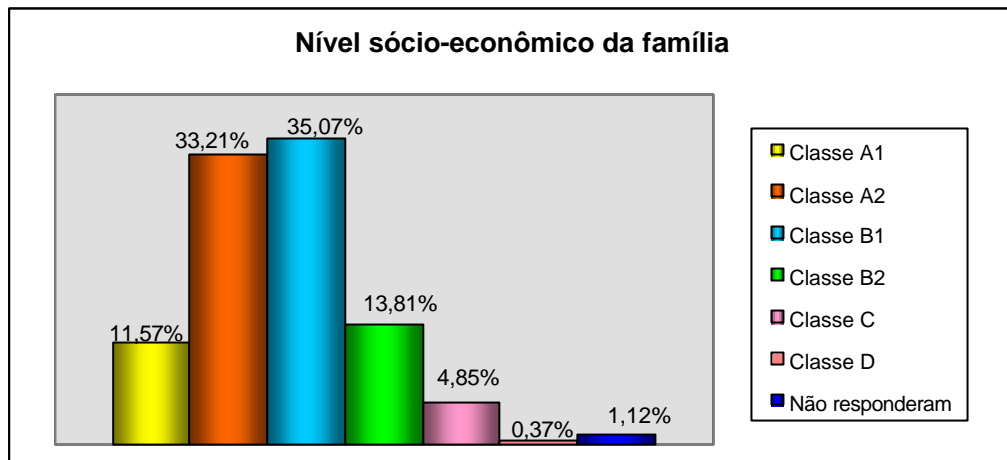


GRÁFICO 5

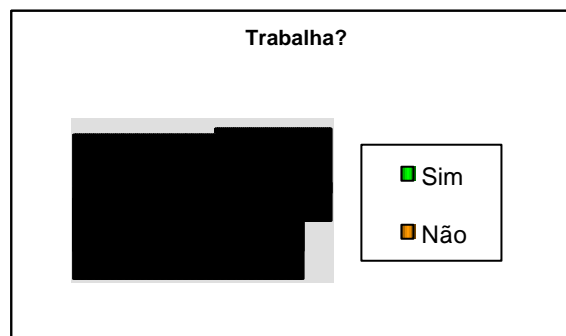


GRÁFICO 6

A_F_U_C_K (19 anos), usa piercing, tem um corte de cabelo diferente, e faz parte do grupo dos jovens que trabalham:



“é, até quando eu fui fazer entrevista na ..., bah eu fui, cortei o cabelo, é que eu tava assim na época, bah quando eu me irrito eu troco totalmente, na época eu tava calmo, tava com o cabelo curto, fui todo arrumadinho e consegui o emprego, agora eu conquistei o meu espaço lá dentro, se eu quiser chegar amanhã de cabelo, sei lá...”.

AYS (25 anos) trabalha com o pai que é comerciante (mercearia), mas ainda arruma tempo para coordenar o canal Pelotas e atuar como *IRCop*, (operador da rede Brasnet, uma função bastante cobiçada pelos jovens):



“Ando cheio de coisas pra fazer, chego a ficar 17h trabalhando, nao é trabalho de ficar matando tempo, faço render o máximo possível o tempo que fico trabalhando... sempre arranjo coisa pra fazer e quando não tem nada mesmo, eu pego um dos livros e fico lendo”

Os jovens mostram-se abertos, prontos a falar, e chegam mesmo a se oferecer para serem entrevistados *“...se quiserem se comunicar por e-mail comigo possu responder mais algumas coisas se quiserem.. :)”*~ (Q276, fem., 16 anos).

Uma das questões que procurei investigar foi a verdade e a mentira nas conversas dos canais de “bate-papo”. Eu julgava que, como um novo espaço de

relações, o mundo virtual não deveria ter mais mentiras ou menos mentiras do que ocorrem nas relações presenciais.

Nos papos na Internet, como dizem os jovens, ocorrem mentiras nas primeiras conversas, quando todo mundo se descreve como *“sarado, bonito, alto, cabelo lindo, pele perfeita”* etc. Mas esse aspecto acaba passando para segundo plano quando as relações começam a se tornar mais fortes e propiciam aparecer identificações (gosto, idéias). A partir daí, aos poucos, são reveladas as pequenas mentiras.

O comportamento do usuário está diretamente relacionado com o tempo que ele conecta. No início, quando o jovem entra no mIRC e ainda não está enturmado, ele conversa com algumas pessoas e “enfeita” um pouquinho a conversa, como comenta **Strider** (19 anos):

“no início, sempre tem alguma coisinha que não é bem exata, alguma mentirinha...mas aí começa a conversar várias vezes com a mesma pessoa, acaba aos poucos falando a verdade pra pessoa”.



SWOOSH (19 anos), acredita que

“quem mente são pessoas que entram um dia ou outro só para tirar ‘sarro’, e que os usuários mesmo de ‘bate-papo’ são mais sérios” e ainda que “as relações virtuais atingem um nível muito muito próximo das relações reais”.



Alguns valores são extremamente importantes para os jovens. Fidelidade, sinceridade, honestidade, amor, foram valores repetidos insistentemente nas respostas.

Eles consideram que o que mais precisam para serem felizes são: ficar com quem ama (50%), ter uma família unida (28,72%) e, em menor número, buscar a realização financeira (8,96%) e a profissional (7,84%). O GRÁFICO 7 mostra a posição dos jovens em relação ao que precisam para serem felizes.

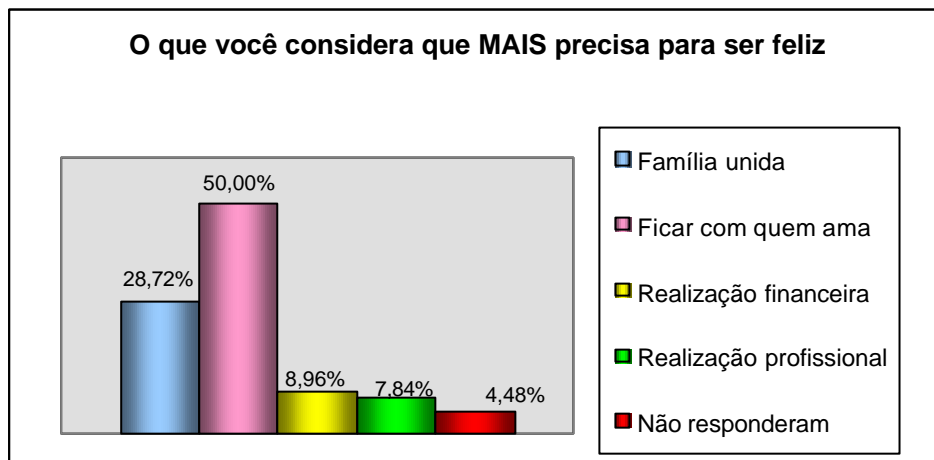


GRÁFICO 7

O GRÁFICO 8 mostra como o jovem entrevistado usa seu tempo livre. Nesta questão o jovem podia escolher quantas alternativas quisesse. Os dados levantados mostraram que ele gosta de praticar esporte, ouvir música, ver tv, “navegar/bater-papo” na Internet, ir a bares e teatros, mas também “curte um bom papo” com os amigos na rua ou em casa, porém sem usar o computador.

Outras formas de lazer (20,52%) foram apontadas pelos usuários, entre elas, “jogar RPG” ¹⁰(Q287, masc, 14 anos), e “freqüentar CTG” ¹¹(Q231, masc., 20 anos)”.

¹⁰ RPG (Role Playing Game) é um jogo onde cada participante faz um personagem, tomando parte em uma aventura imaginária. O tipo de aventura é definido por um árbitro chamado Mestre (Game Master ou GM). <<http://www.geocities.com/TimesSquare/Portal/3272/>>

¹¹ CTG Centro de Tradições Gaúchas, local onde toda a família se reúne para tomar o chimarrão (bebida característica do Rio Grande do Sul), cultuar as tradições, dançar etc. Nessas ocasiões, as pessoas vestem-se de acordo com a tradição gaúcha: os homens de bombacha, bota, camisa, colete e chapéu, e as mulheres, ou prendas, com longos e belos vestidos rodados que tornam o ato de dançar uma verdadeira arte.

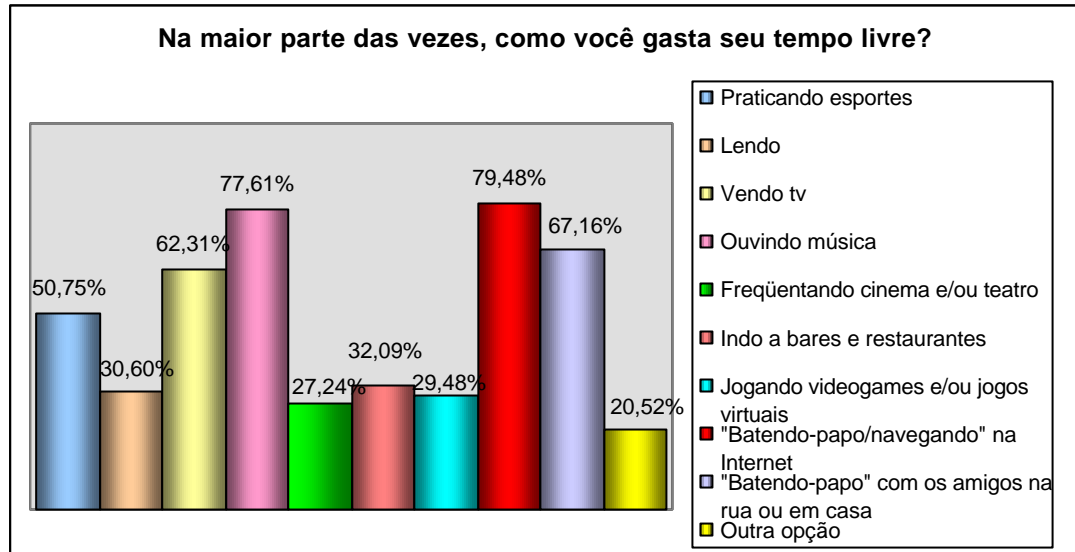


GRÁFICO 8

O jovem pesquisado lê e procura algumas boas fontes de leitura (ver GRÁFICO 9). Eles indicaram que lêem revista Veja, Isto é, jornais, livros e até mesmo artigos através da Internet. Não foi investigado se a leitura ocorre somente por lazer ou se está vinculada ao fato de que a maioria (67,94%) está cursando ou concluiu o nível médio, preparando-se para o vestibular.

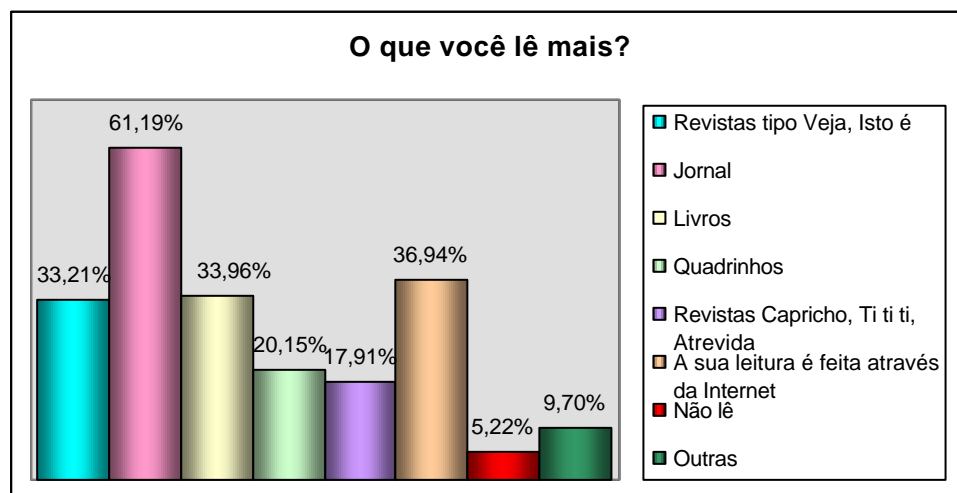


GRÁFICO 9

Os jovens entrevistados que possuíam um computador exclusivo para o seu uso, instalaram-no em seus quartos (de preferência com a porta chaveada) longe do

alcance dos irmãos ou pais que pudessem se sentir tentados a “bisbilhotar” seus logs, suas mp3 ou seus textos.

Apesar da ferrenha defesa de sua privacidade, os jovens (principalmente as garotas) estão adotando o uso de diários eletrônicos, os **b-logs**, que são publicados na *Web* para que todos internautas possam visitá-los. Talvez acreditem que na *Web* estejam a salvo dos olhares curiosos de qualquer ser humano que não se enquadrem na classificação de adolescente, pois eles convivem com as dificuldades que os adultos, especialmente seus pais, têm de se adaptar às novas tecnologias.

6.4 As relações com a família

A adolescência é um período de transição e de desafios para o jovem. Ele não é mais uma criança. Está amadurecendo e muitas vezes esse processo é sofrido. Desorientação, tristeza, mudança de humor, irritabilidade são características comumente encontradas durante esse período.

Nenhuma família está isenta de um dia ver sumir a filha ou filho bonzinho e no seu lugar aparecer um adolescente mau-humorado com crises de irritabilidade, ou então, a criança feliz tornar-se um adolescente tristonho e depressivo. Esse processo de mudança é vivido pela família inteira.

ZAGURY (2000, p.183) lembra que “a forma pela qual vivemos as relações dentro de nossa casa vai influenciar, inegavelmente, nossos filhos”. Portanto a família precisa se unir para enfrentar o período de turbulência que significa ter um adolescente em casa e tentar amenizar e facilitar esse processo para ele.

É comum o adolescente não conversar muito com a família. Ele evita expor-se para não ser cobrado depois. Observando a aparência, o cabelo, e o modo de vestir talvez muitos pais sintam-se impotentes diante da aparente rebeldia, porém, talvez se sentissem mais tranquilos ao saber o quanto o filho adolescente pensa e se preocupa com o futuro.

Cerca de 69,04% dos jovens entrevistados moram com ambos os pais; 22,01% só com a mãe e 3,36% só com o pai. Eles provêm de famílias em que 70,52% dos pais são casados e 22,39% são separados. As famílias são pequenas: 17,54% dos entrevistados não têm irmãos, 40,30% têm apenas um; 30,22% tem dois e 11,19%, mais de dois irmãos.

O GRÁFICO 10, a seguir, evidencia a situação dos pais dos jovens da pesquisa.

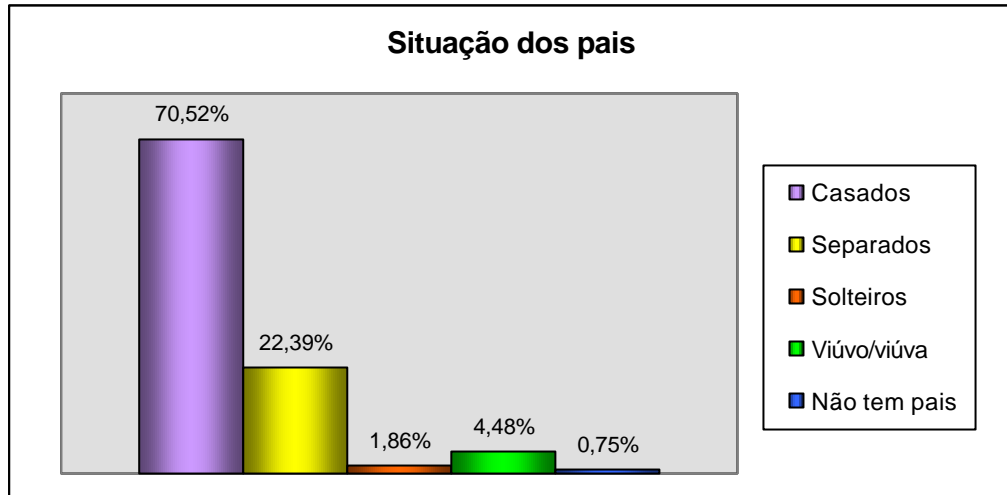


GRÁFICO 10

Outro aspecto característico dessa fase é a instabilidade emocional. É normal os adolescentes oscilarem entre momentos de alegria e outros de fragilidade emocional, mostrando-se muitas vezes deprimidos. Ora agem seguros de si e ora, de forma extremamente dependentes. ZAGURY afirma que:

“esta ebulição interna pode expressar-se de várias maneiras. Uma delas, por exemplo, é a tendência a deixar suas coisas desarrumadas, o quarto, os armários, as roupas. Às vezes até a aparência torna-se desleixada” (1996, p.28).

Encontramos em TIBA (1995) uma analogia interessante quando compara uma sala de visita com o que temos de melhor e, um quarto de despejo, com aquilo que nos envergonha e que não gostamos. Ele indica que ao nos relacionarmos com os outros mostramos somente a sala de visitas e procuramos esconder o quarto de despejo onde guardamos nossas “bagunças”. Usando essa metáfora, fica mais claro entender que, muitas vezes, os pais, no desejo de proporcionarem tudo aos filhos permitem que convivam somente em suas “salas de visitas”, escondendo-lhes o lado negativo e sofrido das situações. Assim, os filhos vão vivendo com a idéia de que a eles só cabe a parte “legal” das situações enfrentadas.

Todo adolescente necessita do seu próprio espaço, seja um quarto ou até mesmo um cantinho onde possa ter suas coisas. Normalmente, quando ele está mal, sentindo-se “por baixo” e/ou rejeitado, o quarto vira uma bagunça; ao contrário quando está bem, cheio de entusiasmo, dá uma ajeitada no seu canto, a sua maneira. Os livros, roupas, revistas e fitas espalhados pelo quarto apenas mostram o estado de espírito, as crises que está atravessando (TIBA, 1996).

A tentativa da mãe de organizar a “imensa bagunça” que encontra no quarto do adolescente é uma verdadeira invasão de privacidade, simplesmente porque o ato de arrumar, para a mãe, significa desarrumar para o adolescente. As óticas de organização são diferentes para ambos e com isso quebra a individualidade juvenil. O adolescente precisa dessa bagunça, pois faz parte da sua formação. Caso isso seja tirado pela insistência dos pais, provavelmente irá faltar-lhe um lugar para crescer. (TIBA, 1996).

Os jovens da presente pesquisa, quando questionados quanto à colaboração nos serviços da casa, mostraram que: 6,34% deles nunca fazem o serviço de casa; 49,26% o fazem raramente, 32,46% o fazem freqüentemente e 11,94% auxiliam sempre os pais. Portanto, quase metade dos jovens entrevistados (44,40%) auxiliam em casa.

ZAGURY (2000) mostra que muitos dos problemas enfrentados pelos pais ao educar seus filhos ocorrem porque os próprios pais procuram cercar os filhos de conforto, proporcionando ou tentando proporcionar uma situação em que todos os desejos dos filhos sejam satisfeitos. Para a autora, a estratégia de oferecer tudo aos filhos não funciona. Em vez disso, os filhos deveriam ser incentivados a buscarem o que necessitam por eles próprios (embora apoiados pelos pais) para que aprendam a valorizar a vida que têm. Acredito que o trabalho, embora composto de pequenas parcelas de ajuda aos pais deve ser incentivado e cobrado do adolescente.

Interrogados os jovens quanto à convivência e acompanhamento à família (pais e irmãos), 57,09% declaram que saem espontaneamente com os familiares, 20,90% dizem que freqüentemente saem juntos e consideram isso bom, contra 4,85% que não gostam e 5,97% que saem só quando os pais obrigam (GRÁFICO 11).

O adolescente não gosta de ser obrigado. Se for “convocado” (sem direito a recusar) a participar de um passeio com a família, provavelmente, ele fará “cara

feia”, se sentirá infeliz e não perderá a oportunidade de brigar um pouco e mostrar a revolta. Porém, se for convidado, disser não, e a família o deixar de lado e partir para a diversão sem mostrar preocupações com a recusa, provavelmente ele mudará de idéia na última hora para acompanhar os familiares e não se lamentar depois.

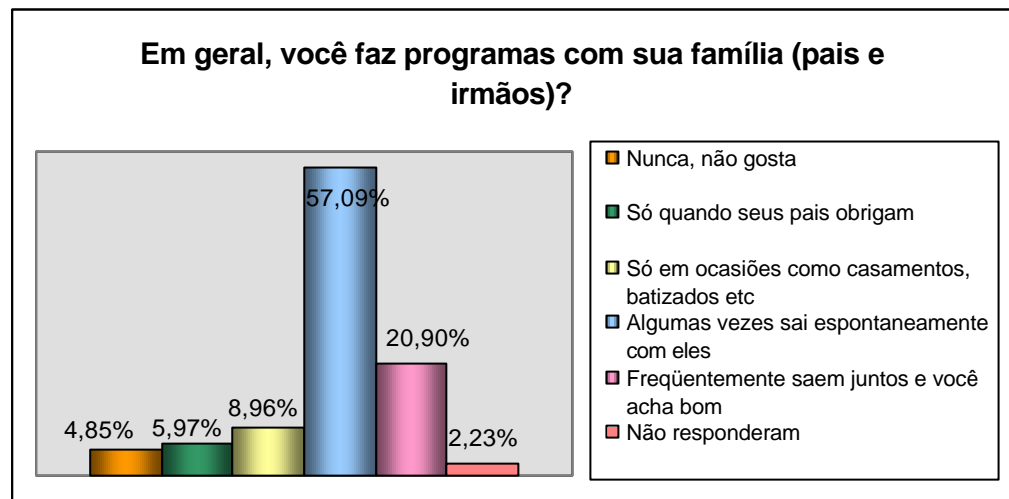


GRÁFICO 11

A convivência com os jovens pesquisados, principalmente através de “bate-papo” no canal Pelotas oportunizou-me a observação de situações que se repetem com a maioria dos adolescentes. Quase sempre eles falam mal dos pais, embora nem sempre isso indique que os pais tenham agido erradamente com eles.

Lembro um dia, que minha filha (LiLaH-), na época com 15 anos, conversava com um jovem no IRC. Ele falava mal da mãe e minha filha dizia “*a minha mãe também faz isso...ela também é chata...vive pegando no meu pé*”. ? O log era uma sucessão de queixas e críticas aos pais de ambos. Perguntei porque ela falava daquela forma, pois pelo menos daquela queixa eu não era culpada. E ela muito tranqüila respondeu-me que não poderia dizer que eu não a incomodava, porque isso não era normal. Com esse procedimento ela tentava se igualar aos demais e assim comportar-se como os outros.

A relação que se estabelece entre os pais e o filho adolescente, segundo ZAGURY (2000) é um processo que se inicia desde que a criança nasce. Se os pais colocam limites no filho desde a infância, o jovem chega na adolescência sabendo

até onde pode ir, conhecendo fronteiras e espaço que dispõe. Embora durante a adolescência os conflitos fiquem exacerbados pela crescente necessidade de autoafirmação e independência, a colocação de limites nem sempre precisa ser na forma de castigo. Pode ser através de conversas e de esclarecimentos.

É na adolescência que as falhas ou acertos da educação infantil tornam-se mais evidentes. Os pais, muitas vezes, sentem-se ameaçados na sua autoridade, quando os filhos passam a reagir de forma diferente (do que imaginavam) com as ordens recebidas. Interpretam como desobediência o fato de o jovem, buscando sua nova identidade e desejando sair da infância, recusar-se a aceitar ordens como fazia antes.

Os GRÁFICOS 12 e 13 mostram a relação de poder estabelecida entre pais e filhos segundo os adolescentes dessa pesquisa. O primeiro gráfico mostra as formas de punições utilizadas pelos pais. Para esses jovens, seus pais não lhes dão castigo (50,75%), costumam proibir algum programa (19,03%), deixam de dar algo que ele (filho) queira (14,18%), aplicam outras formas de castigo (10,07%), costumam cortar a mesada (2,24%) e batem nos filhos (0,37%)

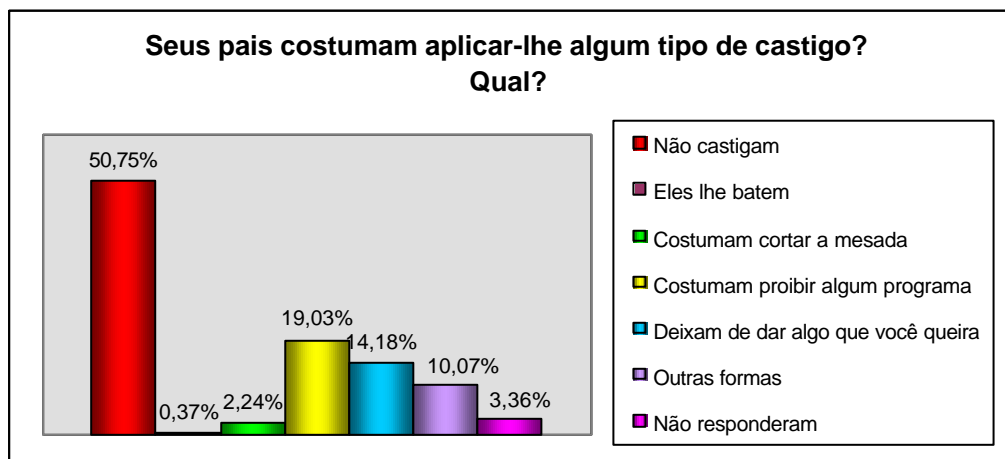


GRÁFICO 12

Alguns jovens comentaram sobre a forma como são punidos, evidenciando diferentes formas de castigo que sofrem, desde privação de algo que queriam ou tinham até a conversa ou “sermão”.

“Me deicham sem sair para a rua, sem internet e sem telefone” (Q183, fem, 13 anos),

“pressão psicológica “ Hehehe” (Q283, fem, 19 anos),

“cortam as coisas que eu gosto” (Q295, masc, 14 anos),

“não me dão pila” (Q107, masc, 18 anos),

“terror psicológico” (Q85, masc, 19 anos),

“sermão e mais sermão!!!!” (Q153, masc, 19 anos).

Para outros jovens, os pais tentam resolver a situação com os filhos principalmente através de diálogo.

“Batem um papo maneru cumiguu” (Q71, masc, 14 anos),

“as repreensões sempre foram baseadas em conversa e não de castigos” (Q37, masc, 22 anos),

“advertências” (Q91, masc, 18 anos),

“não aplicam castigo, mas não deixam passar em branco, eles conversam” (Q133, masc, 22 anos).

O GRÁFICO 13 mostra como o adolescente reage ao ser punido pelos pais: 32,46% declararam que não são punidos quando fazem algo errado, 19,03% acham os pais injustos na maioria das vezes, 17,54% tentam refletir sobre o fato que gerou o castigo, 9,7% acham que merecem o castigo e o aceitam e apenas 8,96% cumprem o castigo estabelecido sem refletir.

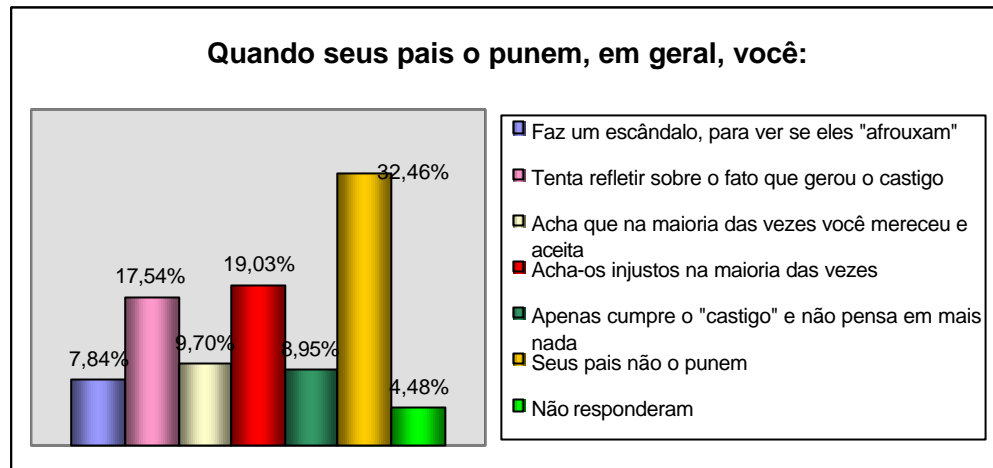


GRÁFICO 13

Em relação à educação recebida dos pais, a maioria dos jovens (56,72%) consideraram que recebem uma educação com características tradicionais em algumas situações e modernas em outras; 29,10% consideraram que recebem uma educação muito moderna. As demais respostas sobre a educação recebida ficaram pulverizadas: 6,72% consideraram a educação muito tradicional, 5,22%, contraditória e confusa. O GRÁFICO 14 representa essas respostas.

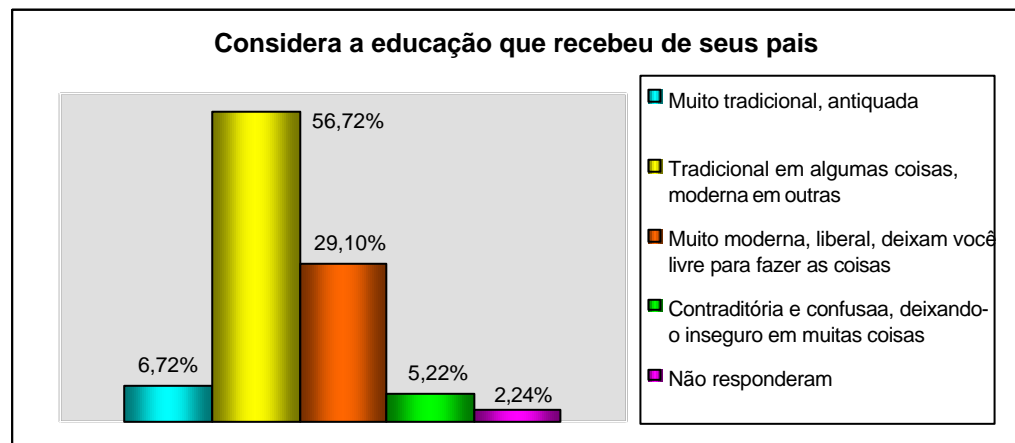


GRÁFICO 14

Alguns dos entrevistados, pacientemente, me explicaram que os pais tentam colocar-lhes limites sobre horários de estudo e de lazer, porém não o conseguem. Por vezes, pareceu-me que o jovem ao entrar na Internet obtém uma variedade de

informações que muitos pais não têm acesso. E isso faz com que o jovem se sinta “poderoso”, mais competentes que seus pais para discernir sobre o que é conveniente para ele ou não.

“**Dudi**” (16 anos) ao referir-se sobre a preocupação de seus pais em colocar-lhe limites quanto ao uso da Internet, contou:



“Meus pais ficam de cara assim, por bobagem, sei lá, mas não...eles não têm motivo pra ficar de cara...eles querem que eu saia um pouco da frente do computador...eu vou dormir quando tenho sono...não tenho hora pra dormir...Meus pais me cobram, mas não têm como controlar”.

A entrevista com os jovens mostrou que seus pais demonstravam preocupação com as “intermináveis” horas que os adolescentes passam conectados. Acreditavam que isso afetaria seu rendimento na escola e poderia causar problemas de saúde.

Alguns pais que usam a Internet ou até mesmo disputam o computador com os filhos entendem o fascínio que a Internet exerce sobre o jovem, embora não deixem de cobrar dos filhos as consequências que esse comportamento terá sobre os estudos.

Em relação a essas cobranças, os entrevistados trouxeram algumas expressões usadas pelos pais.



*“Que? Agora tu vais trocar a noite pelo dia? Ficando só na Internet?”
(**Gaúcha**, 17 anos).*

"Vai dormir, desliga esse computador, amanhã tu não vais acordar pra ir a aula" (**Naty-**, 16 anos).



PRADO (2000) também referencia que o adolescente pode ter mais tendência a desenvolver um comportamento de uso excessivo da Internet. "O perigo é que o jovem, em geral, desconhece seus limites", aponta o autor.

A FIGURA 10 ilustra de forma "bem humorada" como os pais se sentem, muitas vezes, em relação aos filhos que trocam horas de lazer em companhia da família para permanecerem conectados, "navegando" na Internet.



FIGURA 10: Reação dos pais diante do filho internauta

Alguns pais também entram na Internet, a maioria começou a teclar orientado pelos filhos, como a mãe da **_Gaúcha_** (17 anos) :

Eu comecei a entrar e a conversar com os amigos dela também, a gente entrava juntas e a gurizada até não acreditava às vezes que eu era mãe dela".



Mas os pais nem devem se iludir, acreditando que poderão teclar sempre que quiserem, porque o controle absoluto é exercido pelos filhos, como mostra a queixa da mãe da entrevistada: *“Às vezes ela chega e eu to no computador e ela já me fala: ah...pode ir saindo!!!”*

Na maioria das vezes o computador é comprado pelos pais para ser utilizado pelo jovem. Os filhos pressionam os pais e esses, logo que podem, trazem para casa esta tecnologia com o objetivo de auxiliar seus filhos nas pesquisas escolares. Os pais também desejam que os filhos aprendam os “conhecimentos básicos de Informática” necessários a qualquer jovem que queira tornar-se competitivo no mercado de trabalho.

O computador, uma vez adquirido, geralmente é instalado no quarto do adolescente, local quase inacessível à maioria dos pais. Em pouco tempo o adolescente domina com tranqüilidade os conhecimentos necessários para digitar os trabalhos, pesquisar na *web*, enviar milhares de *e-mails*, e “bater-papo” com os amigos. Com tanto o que fazer, como sobraria tempo para os pais utilizar a máquina?

A_F_U_C_K (19 anos) relata como a Internet faz parte do dia-a-dia da família:



“Aqui em casa nós temos 3 micros, cada um tem um. Meu pai é tão dependente quanto eu (risos), então é complicado. Se ele fica um dia sem Internet ele morre louco porque ele manda uns 80 e-mails por dia...eu também, eu quero pegar música, eu quero pegar clipe, eu quero ver um troço da aula, eu tenho que falar com alguém...”

6.5 Outras relações que emergem

A Internet propicia aos adolescentes relações que provavelmente não teriam acesso de outra forma. Ele conversa com jovens do mundo inteiro; entra em um dos milhares de canais de “bate-papo” e encontra pessoas que tenham os seus mesmos interesses. Os canais são organizados por assunto ou por área de interesse.

Se considerarmos que, presencialmente, os jovens na sua maioria são tímidos para conversar com pessoas que não conhecem, ou para falar de si, a Internet tem permitido relações que jamais aconteceriam se eles não iniciassem o diálogo virtualmente.

Quando um canal é criado e poucas pessoas o freqüentam, existe muita conversa pública entre os usuários, pois quase todos se conhecem. A medida que o número de usuários aumenta, as conversas públicas diminuem e o número de conversas em *pvt* cresce, como ocorreu no canal Pelotas.

Dentro do canal Pelotas existem muitos grupos de amigos chamados por eles de “panelinhas”. Os componentes desses pequenos grupos com interesses comuns, criam outros canais, como por exemplo: #xavante, #oregano, #the_ocean, #DopeShow, #iron_maiden. Nesses canais menores (cerca de 20 a 30 usuários no máximo) existe muito “bate-papo” público onde todos os usuários conversam entre si. Existe até mesmo uma certa rivalidade entre alguns destes canais, o que não invalida que todos eles freqüentem também o canal Pelotas. Anualmente, quando o pessoal do canal Pelotas organiza o *IRCamp*¹² cada um desses canais organiza seu time para competir.

AYS, lembra o início do canal Pelotas, quando poucos usuários participavam:

¹² O IRCamp é um campeonato de futebol realizado entre os usuários do canal Pelotas anualmente e chega a reunir 80 times masculinos e 10 times femininos. Nestes encontros chegam a participar um público de 5.000 pessoas, segundo dados fornecidos por AYS.



“Quando a gente começou, fora o pessoal que acessava da faculdade, Pelotas tinha apenas dois provedores comerciais, cada um com 14 ou 15 modems, ou seja, 30 pra cidade inteira. (Hoje tem mais de 1000). Mas aí, a gente percebeu, que só tinha pessoal de Pelotas, vamos reunir esse pessoal, não é ficar falando com gente lá dos EUA, a gente nunca vai ver essas pessoas né?”

No canal Pelotas existem os operadores (**ops**, capítulo 4), que controlam os excessos dos usuários e têm a autoridade de retirar do canal quem não se comporta adequadamente. Também existem os **masters** (Strider, Anasto, Lina, Seagal, Maddog, Braz etc), operadores antigos que além de terem as tarefas da função, têm autonomia para nomear outros operadores, podendo ativar outras funções de controle não disponíveis aos *ops*.

A maior parte dos usuários adora o convite para ser **op**, seja por uma hora, uma noite, ou permanentemente. É costume fazerem assédio aos *ops* e *masters* pedindo esse privilégio, conforme fala do *founder* do canal



“não é só por status, tem gente que não dá bola pra status, mas para essas pessoas, serem cadastradas como *op* é um reconhecimento...é um reconhecimento” (**AYS**, 25 anos).

O jovem adolescente faz muitos amigos e como é citado por ALVES (1999), andam em bandos com seus pares com quem se identificam e de quem recebem influência. No momento em que o jovem procura se despir da orientação recebida pelos pais e buscar sua própria identidade ou caminho, é comum sofrer a influência de outros jovens de seu grupo de relações. O autor associa esse coletivo de jovens a um bando de maritacas (aqui no sul, conhecidas como caturritas). E eu me

pergunta: como o adolescente encontra o seu “bando”? Onde ele encontra os amigos?

O GRÁFICO 15 confirma o interesse dos adolescentes por “bater-papo” com os amigos da Internet e da Escola. Questionados quanto à forma que conheceram os amigos, eles responderam que fazem amigos só na escola (33,22%), nos canais de “bate-papo” e na escola (32,46%) e 24,25% apontam outras opções de fazer amigos. Entre as opções apontadas por esses últimos, estão o CTG (*Centro de Tradições Gaúchas*), a vizinhança em seu bairro e outras pessoas.

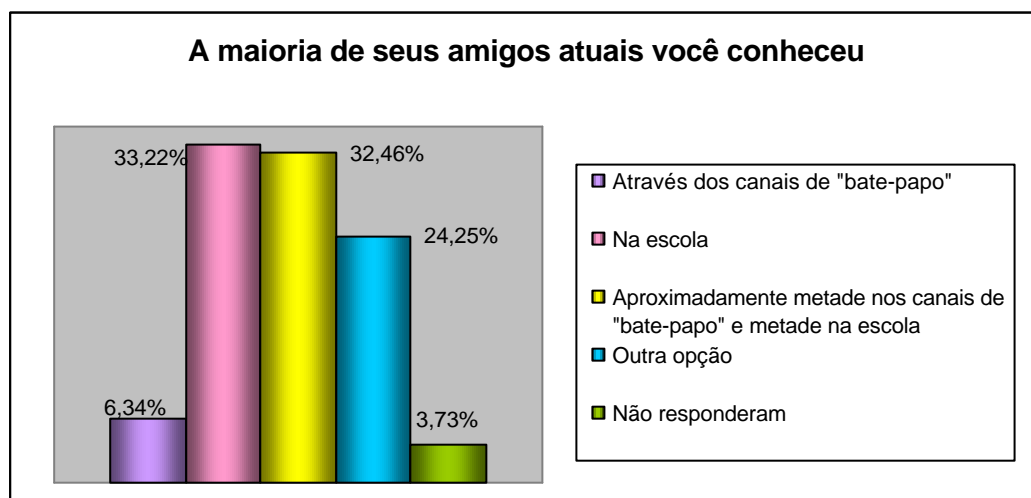


GRÁFICO 15

Estas indicações mostram que apesar de o jovem se envolver cada vez mais virtualmente com outras pessoas, parte significativa das relações dos entrevistados (32,46%) faz-se ainda através do contato pessoal e a escola continua sendo um lugar importante para a socialização do jovem.

Nas entrevistas, alguns dos jovens mostravam dificuldades para se adequarem à escola, acabando por abandoná-la durante algum tempo. Um desses jovens, **Strider**, falou da falta que sentiu das relações sociais com colegas de aula e da escola em geral. Durante o tempo que esteve longe da escola e sem compromissos mais sérios, passava as noites inteiras conectadas no *Irc* e dormia durante o dia.

Muitos adolescentes permanecem conectados 24 horas por dia. Entre as atividades fora de casa (escola, curso de inglês e futebol), eles entram e contatam com os amigos como se estivessem usando o telefone, porém com a vantagem de falar simultaneamente com vários amigos. Perguntei a um jovem como ele fazia para localizar rapidamente um amigo e ele respondeu:



“entra no #Pelotas, se ele não estiver lá, alguém que o ‘viu’ por lá saberá te informar” (Strider, 19 anos).

Outras relações que emergem fortemente no contexto dos canais de “bate-papo”, são as que propiciam relações com o sexo oposto. Para a maioria deles esse local virtual é promissor para aparecerem novos parceiros e “ficantes”.

Cine (17 anos), tem um bom motivo para acreditar nos relacionamentos através da Internet. Há 1 ano e 10 meses ela conheceu o usuário FaBiNhU_, com quem namora desde então.



“Em relações sociais pra uma pessoa que não tem namorado o IRC é muito bom. Eu sempre fui uma pessoa muito tímida, eu não conhecia ninguém, sabe...quando eu comecei a entrar no IRC isso foi mudando...no começo, quando eu não tinha namorado eu chamava um monte de pvt e dizia ‘oi, tudo bom?’ Eu acho que é bem mais fácil isso na Internet do que tu chegar pra uma pessoa e dizer : ‘oi, tudo bom?’”.

Questionada sobre isso, a jovem acredita que é muito interessante conversar com pessoas que não se conhece pessoalmente, mas que pela profundidade das conversas e revelações no IRC já considera velhos amigos.

Ao encontrarem-se presencialmente, fica eliminado o constrangimento inicial do desconhecido, pois, como dizem os garotos, já passaram horas e horas “trovando” a garota. Já conhecem o que ela gosta, detesta ou não dá importância.

Eles próprios referem-se ao fato de que acabam ficando amigos e/ou “ficantes” de pessoas com quem conviveram por anos na mesma sala de aula ou na escola e que na realidade não sabiam nada a respeito. De repente, um ou outro, abre um **pvt** e descobre um amigo ou amiga com muitas afinidades. Depois de muitas horas de “bate-papo” os jovens descobrem, com espanto, que eram colegas ou vizinhos há muito tempo.

Naty- (16 anos), contou como aconteceu o namoro dela e **Strider** (19 anos), que já dura 1 ano e 1 mês:



“Comecei a falar com ele, em seguida que eu entrei na Internet...3 meses depois fui conhecer ele...uma semana depois a gente tava namorando... e continua até hoje”

Todos entrevistados alertaram sobre “as conversas” que ocorrem no canal, e que perturbam os casais de namorados. Para os internautas, *“no IRC tem muita fofoca... muita coisinha... pra quem conecta todos os dias e namora pessoa do IRC é um problema, atrapalha bastante”*.

Ainda considerando as relações afetivas, para um grande amor dar certo na opinião dos entrevistados, o mais importante é a confiança mútua (30,60%), em segundo lugar a fidelidade (22,76%), em terceiro o amor (19,40%), depois a amizade (19,03%) e, por fim, a presença de objetivos comuns (5,60%).

Interrogados sobre sua impressão de “ficar com alguém”, a maioria dos jovens (71,27%) disse que considera válido, desde que não esteja namorando. O gráfico a seguir mostra resposta dos jovens a esta questão.

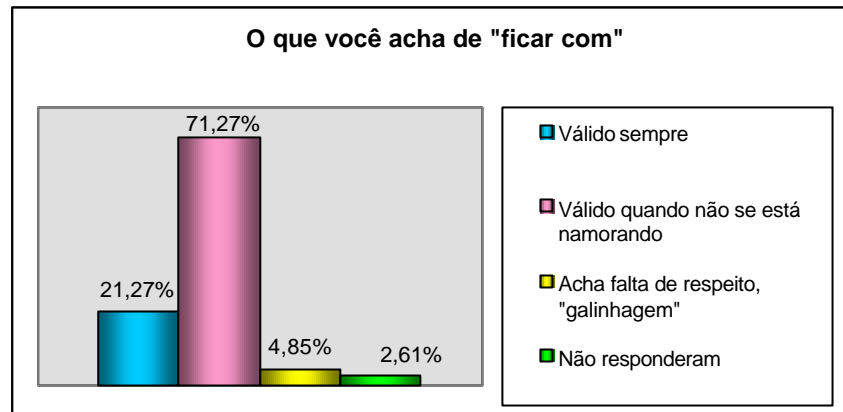


GRÁFICO 16

Apesar de muitos jovens (23,25%) terem os pais separados e/ou solteiros eles ainda acreditam no casamento. Questionados se o casamento fazia parte de seus planos de vida, apenas 9,33% responderam que não; 36,94% responderam que sim, 29,85% afirmaram que só se surgisse um grande amor e 20,15% afirmaram que tanto fazia, pois poderia ocorrer um casamento ou morar junto.

Uma questão sobre a virgindade da mulher foi apresentada separadamente para as moças e os rapazes. As respostas foram semelhantes e aproximadas: tanto os rapazes (70,17%) quanto as moças (62,36%) responderam que isso não fazia diferença. Considerando que 181 rapazes e 85 moças responderam a esta questão, apenas um rapaz respondeu que considerava a virgindade na mulher importante devido aos cuidados com a AIDS. Isso indicaria falta de informação ou simplesmente despreocupação a respeito da prevenção contra a AIDS?

Os jovens foram interrogados sobre uma questão que utilizam freqüentemente nos "bate-papos": *o que caracteriza uma jovem ou um jovem como "galinha"*? Eles consideram que a troca constante e freqüente de parceiros, ou quando alguém tem mais de um parceiro ao mesmo tempo são fatos que rotulam um jovem ou uma jovem como "galinha", independente do sexo. Infidelidade e comportamento vulgares são citados pela maioria, também para caracterizar essa situação. As respostas foram dadas considerando a forma como as relações são tratadas sem indicar a profundidade dos relacionamentos envolvidos, se somente um namoro sem conseqüência ou um relacionamento mais sério, porém a forma como essas relações eram tratadas.

Para os jovens, “galinha” é a garota que:

“transa com qualquer um” (Q227, fem, 17 anos),

“fica ou transa com qualquer um e com vários com muita facilidade, (\de barbada\) sem se importar se gosta ou não, ou com quantos já ficou em um intervalo de tempo curto” (Q221, masc, 19 anos).

“ela não tem critério nenhum p/ficar com alguém, e ficar seguidamente” (Q84, masc, 23 anos),

“estar ao mesmo tempo com vários garotos sem respeitar um possível sentimento q exista por parte deles” (Q283, fem., 19 anos).

“ter namorado e fkr cum outro” (Q165, masc, 15 anos).

Sobre um garoto “galinha”; os jovens opinaram quase do mesmo modo, embora, socialmente, algumas vezes o comportamento deles seja considerado aceitável:

“Não considero homens galinhas” (Q29, masc, 18 anos)

“Acho q o homem naun pode ser vulgar e naun deixar o vulgarizarem, manter o nível em festas.Não creio q o termo se aplique a pessoas q ficam” (Q46, masc, 24 anos)

“Aquele que dá em cima di todas as garotas e que diz gostar mas na verdade naum ta nem aí pra ninguém só quer curtir” (Q276, fem, 16 anos)

“Aquele que não valoriza a pessoa com quem está ficando, se importa apenas com a quantidade” (Q280, masc, 19 anos)

“o kra q namora e trai a namorada” (Q299, masc, 18 anos).

“Troca de menina como troca de roupa, não ter respeito com a sua companheira, tratando-a como uma qualquer” (Q127, fem, 17 anos)

O termo “galinha” é usado também para rotular jovens (ambos os sexos), quando têm comportamento de desvalorização às pessoas com quem se relaciona. Nesse caso, ficam inevitavelmente marcados como “galinhas”.

Ao analisar o comportamento dos jovens entrevistados nos seus relacionamentos percebi os valores nos quais eles acreditam. Eles odeiam e temem a traição, tanto dos “ficantes” e namorados, quanto dos amigos.

Os jovens apontaram como qualidade desejável nas pessoas com quem se relacionam, entre outras: *amizade (12,69%), fidelidade (11,56%), sinceridade (25%) , respeito (5,6%), honestidade (3%), confiança (4,1%)*.

Da mesma forma, citaram os defeitos que não desejariam encontrar nas pessoas com as quais se relacionam: *falsidade/falcidade (12,68%), cinismo/sinismo (9,7%), infidelidade (8,2%), inveja (4,47%), mentiras (8,25%)*, entre outros.

O adolescente, usualmente, evita confessar seus sentimentos e idéias para os familiares próximos (pais e irmãos), porém, é capaz de “papos intermináveis” com os amigos falando dos mais íntimos sentimentos. Talvez, por isso, fidelidade, amizade e sinceridade sejam valores muito importantes que eles desejam encontrar nos amigos.

A última questão do questionário virtual continha um espaço aberto para que o jovem colocasse algum comentário ou sugestão. Algumas das observações que eles escreveram foram impregnadas de termos como “carinho”, “amor”, “amizade”, “família”, “respeito”, “amigo”. Isto indica que o jovem tem valores

“Os jovens precisam de carinho” (Q127, fem., 17 anos).

“Eu considero que o objetivo das pessoas, quando nascem, é ser feliz, e esta felicidade só pode ser alcançada se reunirmos vários fatores, tais como viver em uma família sem segredos, encontrar quem se ama, viver uma adolescência sem turbulências, realizar-se profissionalmente, não colocar o amor ao dinheiro e aos bens materiais acima de tudo, não pisar sobre outras pessoas para alcançar seus objetivos...Enfim, respeitar para ser respeitado” (Q37, masc., 22 anos).

“As pessoas devia se amar mais e desconfiar menos...assim teríamos um mundo melhor...” (Q73, masc., 16 anos).

“A família da minha namorada é totalmente desestruturada e vejo que ela se sente muito mal por causa disso...várias vezes a vi chorando por causa que o pai não a considera como se ela fosse a filha dele...somente quando ele está com dinheiro que ele fica feliz...por isso eu acho que uma família unida é o que mais é preciso para ser feliz...” (Q186, masc., 20 anos)

“Além da família unida, os amigos d verdadi saum fundamentais!” (Q285, masc. 16 anos).

A família é muito importante e quando o adolescente não possui pais abertos ao diálogo, ele se isola da família. Quando isso acontece, os pais tentam inutilmente descobrir o que está ocorrendo: quanto mais perguntam, mais o jovem se esconde. Os jovens precisam sentir-se amados, cercados de carinho para sentirem-se seguros.

Durante o tempo da pesquisa, freqüentei assiduamente o canal Pelotas. Permanecia conectada no mínimo por duas horas diariamente, e assim, muitos jovens amigos de minha filha adolescente vinham conversar comigo. Achavam a maior graça de eu estar lá no meio deles, em plena madrugada.

É claro que me chamavam de tia. Eu era a tia que estava lá quando eles precisavam. Às vezes era para contar sobre os problemas que tinham em casa, ou com os amigos. Outras vezes, ficávamos conversando sobre tudo. E, aos poucos, fui aprendendo a conhecê-los.

Muitas vezes, antes de cumprimentar-me, vinham ansiosos para falar sobre os pais, e suas dificuldades de diálogo em casa. Eles perguntavam, freqüentemente, a minha opinião. Após um bom “papo”, surpreendiam-me com uma demonstração afetuosa: enchiam linhas do *pvt* com beijinhos (o símbolo asterisco representa uma boca mandando um beijo :*).

Comecei a perceber que muitas vezes atrás do comportamento “durão” do adolescente que o faz esbravejar, gritar ou mostrar-se inflexível, está escondida

alguma insegurança, medo ou falta de habilidade para lidar com a situação que se apresenta. Às vezes, os pais não se dão conta disso.

ZAGURY (2000, p.99) referindo-se às turbulências desse período, descreve como o jovem, às vezes, tenta eliminar os pais de seu mundo:

Às vezes, chega em casa com dois ou três amigos e, sem maiores cerimônias, trancam-se por horas e horas no quarto, para ouvir música, conversar, tocar violão etc. Você usa alguns subterfúgios para ter acesso ao quarto, leva um lanchinho, bate na porta, pergunta se desejam beber alguma coisa, mas percebe pelo clima que está “fora”, é um estorvo, sente que desejam vê-lo “pelas costas”, intimida-se e pára de intervir.

Nesse aspecto, a Internet é um excelente meio para conversar com os jovens. Conversando comigo, que não era totalmente estranha a eles (afinal era a mãe de uma usuária do canal Pelotas) eles não demonstravam constrangimento em minha presença. Falavam muito sobre si; expondo-se sem inibição.

Quando conectam, os entrevistados entram direto no IRC para saber as novidades, conversar um pouco, e aí permanecem todo o tempo que estiverem navegando.

A Internet tem lá suas vantagens... como diz uma das entrevistadas:



“Pelo telefone é 5 horas pra combinar, ligar pra um de cada vez, na Internet não... (loirinha_, 17 anos).

Quem não tem linha dedicada ou um serviço que ofereça Internet por 24 horas evita conectar durante o dia devido ao custo da ligação telefônica, porém, quem já tem esse acesso permanece conectado praticamente as 24 horas do dia.

Enquanto alguns canais são criados, outros terminam e outros se mantêm durante longo tempo e até mesmo anos. O canal (#)Pelotas já existe há mais de cinco anos.

Afinal o que faz com que um canal seja um sucesso?

Para CAMPOS (2000) “um canal, depois de algum tempo, acaba se transformando em uma verdadeira comunidade. As pessoas acabam acessando sempre a mesma sala, no mesmo horário, com o mesmo nick, para encontrar as pessoas já conhecidas”.

Alguns usuários desejam apenas uma distração, entram para “bater papo”, outros já usam o espaço para conversar sobre si, falar de seus problemas, dificuldades. Uma conversa pública em um canal frequentado por adolescentes, como no caso do #Pelotas, é muito diversificada. Falam de tudo um pouco: de futebol, dos últimos programas feitos pelos jovens, das últimas novidades da cidade, dos acontecimentos nas escolas, de política etc.

Depois de algum tempo de convivência dentro de um canal são conhecidos os hábitos dos usuários mais populares e o estado emocional dos mais extrovertidos; tudo isso aflora nos papos, nos *nicks*, e no próprio ambiente do canal.

Considerando as relações afetivas entre os adolescentes, pergunto como acontecerão as relações intermediadas pelo computador e pela Internet? Será que originarão um isolamento maior e, posteriormente, um empobrecimento da capacidade de relacionamento entre os pares? Ou as facilidades propiciadas pela Internet estreitarão ainda mais as relações interpessoais?

A_F_U_C_K_ (19 anos) aponta as vantagens do IRC:



“O bom do IRC é que tu conversa muito e quando tu conhece a pessoa parece que tu conhece ela faz uns 20 anos, tu pergunta tu tu mora com quem, que música escuta...coisas que tu não fica perguntar geralmente.”

Até alguns meses atrás, uma das “modas” do IRC era a de participar de famílias virtuais e o tratamento eram como se fossem verdadeiros parentes de sangue. Dois

usuários muito amigos tratavam-se por “maninho” e “maninha”. Logo a seguir, se um desses usuários resolvesse adotar um amigo como “filho virtual”, seu maninho passava a ser um “tio virtual”. Os relacionamentos iam crescendo e contribuíam para a existência de famílias virtuais.



“É uma coisa que as pessoas que não entram na Internet não conseguem entender, mas é assim: eu tenho meus irmãos e eu tinha meus filhos também, mas hoje em dia não tenho mais...(risos)...porque eles não entram mais....ah! tu és a filha do Strider? Aaah! Então eu sou tua tia porque eu sou irmã dele...Aí, eu já começo a me dar com as pessoas e já começo a conversar”.
(**_Gaucha_**, 17 anos).

O pessoal que se encontra virtualmente, frequentemente, marca encontros para se conhecerem presencialmente, denominados **IRContros**. Quando entram no canal, uma mensagem, denominada tópico, aparece dando as boas vindas aos usuários, informando as últimas novidades do canal e, é nesse espaço, que é colocado o convite para os IRContros, para festas, bailes, jogos, cinema, encontros em lanchonetes, etc. Em um IRContro esportivo, realizado anualmente, AYS e sua equipe (responsáveis pelo #Pelotas), levaram cerca de 5.000 pessoas ao ginásio onde se realizou a competição de futebol masculina e feminina (2001). No ANEXO F desse trabalho são mostradas fotos de alguns IRContros realizados pelo canal Pelotas.

Como referenciado por CAMPOS (2000) é necessário estudar essas interações, essa nova forma de se relacionar “pois, se a tecnologia traz mudanças, o homem muda junto com ela; e nos últimos tempos, a tecnologia tem mudado em velocidade vertiginosa”.

7. Os adolescentes e a escola

7.1 A escola, as novas tecnologias e as relações

Dentro de um contexto de tantas mudanças porque passa a sociedade e, num momento de transição em que a informática aliada aos meios de comunicação adentram às instituições e lares, tanto a família como a escola têm tido dificuldades para cumprirem seus papéis de formadores, fazendo surgir outros conflitos entre educadores e educandos.

O que comanda o sucesso ou o fracasso da utilização das novas tecnologias? BABIN e KOULOUMDJIAN (1989) respondem a esta questão mostrando que a introdução de novas tecnologias ocorre em quatro etapas:

1. Na primeira etapa ocorre o surgimento de uma tecnologia não como resposta a uma necessidade humana, mas como um produto que se antecipa à necessidade de seu uso.
2. A segunda etapa pertence aos idealistas, homens e/ou entidades de vanguarda que acreditam na tecnologia disponível e incentivam o seu uso.
3. A terceira etapa corresponde à penetração nas instituições e no grande público. Três fatores são citados como determinantes no sucesso de uma tecnologia educativa:
 - ? o uso: a tecnologia precisa atingir um nível de confiabilidade e simplicidade de forma que as pessoas possam utilizá-la sem necessidade de uma escola de formação ou de técnicos especializados;
 - ? a maturação: para impor-se maciçamente precisa existir uma maturação interna dos usuários. Para os autores, uma tecnologia consegue impor-se a medida que responde às necessidades de prazer ou de funcionamento imediato, e somente quando o instrumento for dominado é que pode ter sucesso como instrumento de comunicação (às vezes, uma tecnologia leva uma geração para impor-se) e

? disposição cultural nativa: uma técnica se introduz com maior ou menor rapidez na comunicação profunda e na educação conforme responda a uma série de disposições culturais pré-existentes na população.

4. A última etapa refere-se à geração das novas tecnologias: a introdução generalizada das novas tecnologias faz-se de dois modos: a impregnação mais ou menos lenta das mentalidades e a assimilação forçada, quando as pressões econômicas e políticas obrigam a população a adotar a nova tecnologia.

MORAIS (2001b, p.22) refere-se às mudanças que estão ocorrendo na educação em consequência da utilização das novas tecnologias, enfatizando que as mudanças estão ocorrendo em todos os campos do conhecimento. Para o autor, “cada um de nós vai, de alguma, confrontar-se com essa necessidade de reorganizar o processo de ensinar”.

A escola é lenta ao adaptar-se às novas tecnologias porque envolve um processo e um tempo para maturação. Para PORTO (1998, p.24),

as escolas, numa postura tradicional, continuam reticentes para integrar em seu contexto as novas tecnologias (dominadas pelo som e, principalmente, pela imagem) reproduzindo situações de perplexidade diante das mudanças da sociedade.

Embora o governo brasileiro tenha criado linhas de crédito, subsídios à pesquisa e procurado dotar as escolas com microcomputadores para que também a rede pública possa oferecer aos estudantes os mesmos recursos que as escolas particulares, (que em sua maioria, já oferecem), não prepara o professor para lidar com estas tecnologias (PORTO, 2001).

Os jovens da presente pesquisa estão distribuídos entre escolas da rede privada (47,39%) e pública (41,79%), sendo que 8,58% dos entrevistados não estudam.

No GRÁFICO 17 podemos observar que 13,43% (5,22% + 8,21%) dos usuários estão cursando ou já completaram o nível fundamental e 67,93% (45,54% + 22,39%) estão cursando ou já concluíram o nível médio, porém uma significativa parcela de 16,04% (14,18% + 1,86%) estudam ou concluíram o 3º grau.

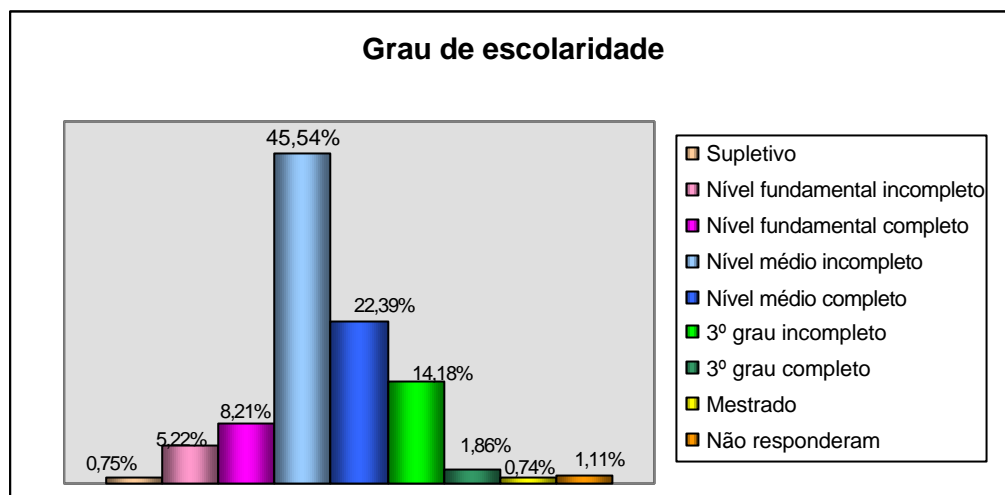


GRÁFICO 17

Os dados mostram que a maioria dos estudantes estão cursando ou já concluíram o nível médio. As escolas e os jovens questionados, na sua quase totalidade, contam com laboratórios de Informática.

E o que pensam esses jovens de sua escola? Estão satisfeitos com a forma como lhes é oferecido o ensino?

O GRÁFICO 18 mostra a opinião do estudante em relação à escola que freqüentam. Entre os estudantes que responderam o questionário *on-line* 19,78% estão satisfeitos com a escola e não têm nada a propor; 51,86% teriam propostas prontas a apresentar (39,55% teriam algumas + 12,31% teriam muitas). Este último percentual mostra que pelo menos metade dos entrevistados pensa e reflete sobre sua escola, detectando problemas e soluções; 25% dos entrevistados detectaram problemas na escola, porém ainda não conseguiram apresentar soluções para esses problemas; e apenas 3,36% não responderam a esta questão. Esses resultados mostram que os jovens observam o que ocorre na escola, e são capazes de pensar e analisá-la.

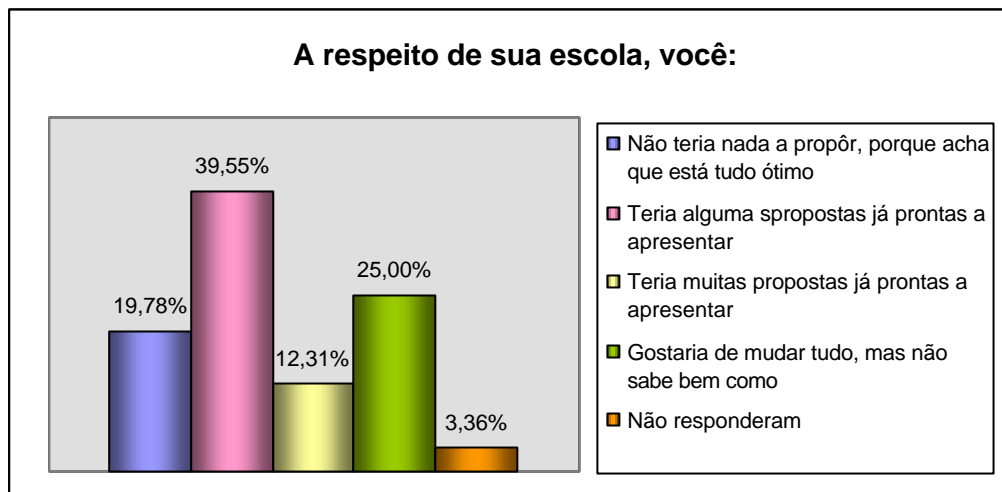


GRÁFICO 18

Os jovens pesquisados não se estimulam muito com o ambiente da escola e com a forma como o ensino se realiza. Reconhecem que o ambiente escolar é fundamental para sua vida, pois a maior parte das relações com amigos é construída na escola (33,22% conheceram a maioria de seus amigos na escola e 32,46% conheceram seus amigos metade na escola e metade na Internet, dados já apresentados no capítulo 6).

Mesmo sabendo que a escola é importante, nem todos estudantes que responderam o questionário são capazes de enfrentar essas dificuldades. Como podemos ver no GRÁFICO 19, muitas vezes os jovens “matam aula” e ainda justificam sua ausência da sala de aula. Outras vezes, permanecem em aula “de corpo presente” como confessam, mas não prestam atenção, pois não se interessam pelo que o professor está ensinando.

Como explicitado no GRÁFICO 19, apenas 22,39% dos entrevistados não “matam aula” nunca, nem deixam de prestar atenção às aulas; e um grande percentual dos jovens 75,75% (somando-se os índices 7,09% + 51,49% + 13,81% + 3,36%) “matam aula” em alguma circunstância ou se estão em aula, não prestam atenção. Esses dados preocupam, pois, os estudantes são muito jovens e não têm maturidade para discernir o que é importante ou não para aprender. Mas uma realidade apontada por muitos autores (entre os quais PORTO, FREIRE e KENSKI) é que a escola não está preparada para atender as necessidades trazidas pelos jovens.

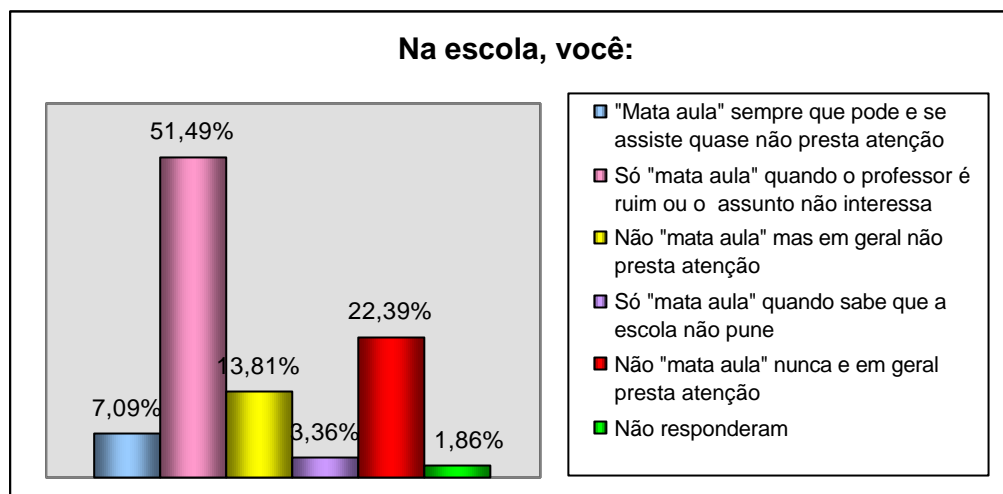


GRÁFICO 19

Os jovens são muito “cobrados” pelos pais pelo seu desempenho na escola e como vimos, eles não conseguem se adequar a este ambiente apesar de saberem que é necessário para sua vida e para o seu desenvolvimento. E por que isto está ocorrendo? A resposta a esta questão pode ser encontrada se fizermos uma análise das relações envolvidas no contexto.

Com a crescente inserção da Internet nos mais variados ambientes ocorreu um fenômeno inverso ao esperado. Em vez de os homens isolarem-se com seus computadores, as relações interpessoais emergiram, fazendo com que as pessoas se aproximassem mais.

Até alguns anos atrás, a escola era a instituição de referência para os jovens e havia uma identidade forte entre o estudante e essa instituição. Nos anos 70, em Pelotas, era muito conhecida a disputa acirrada entre duas escolas de nível médio: Colégio Gonzaga (escola particular, conhecida como Galinha Gorda) e o Colégio Pelotense (escola municipal, conhecida como Gato Pelado). A confrontação entre elas acontecia, freqüentemente, na área esportiva e cultural e levava ao delírio as torcidas de ambas as escolas. Anualmente, as duas escolas faziam passeatas pelas ruas da cidade para exibir à população seus feitos e troféus obtidos durante o ano.

A pesquisa revelou-me que esse eixo de poder e identificação deslocou-se: hoje, os estudantes realçam muito mais as relações com os professores do que a relação com a instituição escola.

Os valores que os jovens apontaram como importantes dizem respeito às relações interpessoais. Nessa pesquisa, o adolescente apontou a honestidade e a sinceridade como qualidades que acredita essenciais e que gostaria de encontrar nos amigos.

Contrariamente, 56,72% dos entrevistados confessam que tentam não colar, mas, às vezes, quando não sabem, “colam”; 15,67% “colam” sistematicamente; 19,03% afirmaram que não “colam”; e 6,34 % preparam previamente a cola (GRAFICO 20).

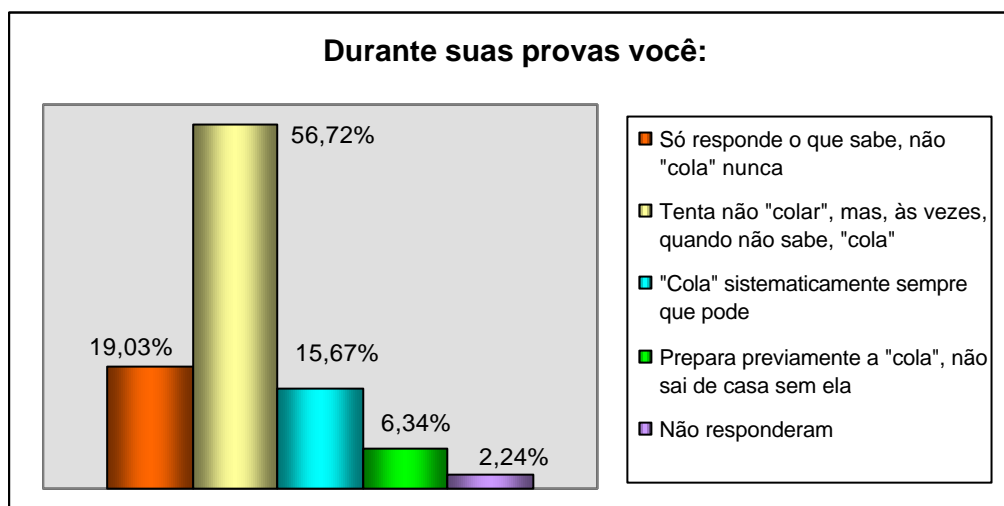


GRÁFICO 20

Muitas vezes os motivos da “cola” são a preguiça de estudar, e a falta de maturidade do aluno que tenta buscar facilidades na escola, embora outras causas existam. É interessante que o professor investigue essa situação.

Há algum tempo atrás quando eu ensinava a disciplina de Cálculo Diferencial e Integral a alunos de um curso de Graduação da UFPel, notei que freqüentemente os alunos tentavam “colar”. Tentei evitar essa situação de diversas formas, mas sempre voltava a ocorrer. Resolvi, então, ter uma conversa “aberta e amigável” na tentativa de investigar a causa. Descobri que os estudantes, na sua maioria, eram oriundos da zona rural e tinham cursado o nível médio em escolas do interior. Eles possuíam sérias dificuldades para entender e acompanhar as aulas. Nesse caso, a “cola” foi eliminada depois de trabalhar as dificuldades dos alunos oferecendo aulas de reforço em Matemática.

FREIRE (1993, p.92) cita a importância do diálogo com os estudantes. Ouví-los, incentivá-los a conversar sobre as dificuldades com que se defrontam, auxiliam

o professor a conhecer seus alunos, criando dentro da escola um ambiente saudável que favoreça a comunicação.

Como educadores e educadoras somos políticos, fazemos política ao fazer educação. E se sonhamos com a democracia, que lutemos, dia e noite, por uma escola em que falemos aos e com os educandos para que, ouvindo-os possamos ser por eles ouvidos também.

FREIRE (1993, p.98) salienta também a importância de observarmos o contexto em que o aluno está inserido, pois quanto mais o conhecermos mais facilmente ocorrerá o processo de comunicação e em decorrência, o aprendizado.

Os educadores precisam saber o que se passa no mundo dos estudantes com quem trabalham, O universo de seus sonhos, a linguagem com que se defendem, manhosamente, da agressividade de seu mundo. O que sabem e como sabem independentemente da escola.

Como podemos observar nos gráficos anteriores, o estudante não aceita passivamente o que lhe é apresentado na sala de aula. Eles questionam os conteúdos programáticos apresentados, têm propostas de mudanças em relação à escola e o mais importante: estão em plena adolescência, época de rebeldia. Ao mesmo tempo que não estuda conteúdos que considera desnecessários, o jovem é cobrado pelos pais a “passar de ano”. Assim, uma das formas que encontra para garantir a aprovação é através da “cola”.

TIBA considera que na escola não é somente a forma de ministrar a matéria que é inadequada, mas também a forma de cobrar o conhecimento que está defasada. Para o autor “as avaliações por meio de provas prejudicam alunos com habilidades para expressar seu conhecimento de formas distintas” (1998, p.113).

Em relação às avaliações a que são submetidos na escola, 61,57% (juntando os índices 1,87% + 7,84% + 51,86%) dos jovens informaram que, algumas vezes, sentiram-se mal avaliados e injustiçados com a nota que receberam, enquanto 35,82% acreditam que sempre foram avaliados de forma justa. O gráfico 21 mostra as respostas à questão proposta.

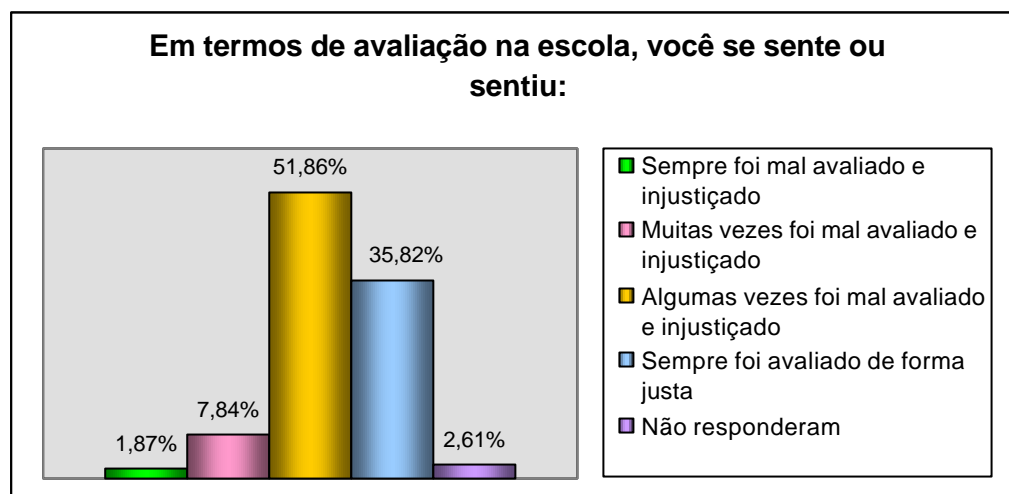


GRÁFICO 21

É sugestiva a análise de uma jovem em relação à situação de avaliação.



“a gente passa o ano todo copiando e copiando...chega no dia anterior a gente decora tudo, ou quem sabe, sabe,... vai ali, faz uma prova escrita,... de repente naquele dia eu não tava bem e aí tirei uma nota baixa, dá um branco e... de repente eu fico com a mesma nota daquele que badernou”
(**Gáucha**, 17 anos) .

A avaliação que é utilizada na escola é uma conseqüência da própria pedagogia utilizada com os alunos: o professor ministra o conhecimento através de aulas expositivas e a seguir, através de avaliações escritas, procura determinar “quanto” o aluno conseguiu reter do que foi apresentado.

Para superar a aula tradicionalmente expositiva, sem a participação do aluno, PORTO (2001) propõe uma pedagogia que estabeleça comunicação com os conhecimentos, com os sujeitos, e que considere os meios de comunicação. Sobre esta pedagogia, KENKI apud PORTO (2001, p.222) ressalta a importância da “mensagem que

a escola precisa recuperar nos alunos para, a partir dela, realizar, completar, ampliar a aprendizagem”.

Outros problemas acontecem na escola, decorrentes provavelmente dessa falta de motivação em que os alunos estão mergulhados. Violência, desrespeito e desafio à autoridade do professor foram citados pelos entrevistados como problemas que ocorrem com frequência na escola.

Para **“DuDi”** (16 anos) a violência aparece com a falta de interesse e motivação dos alunos.



“Lá no colégio eles quebravam as coisas e sei lá, agitavam muito a aula, ba...eu acho que rola dessas é porque a aula tá um saco, porque quando a aula tá interessante ninguém agita, eu acho que é barbada tu dizer que não consegue dar aula porque eles só agitam, ué, mas não consegue dar aula, porque não ta conseguindo fazer o cara prestar atenção”.-

Mais uma vez, as relações pessoais emergem nesse contexto. Os jovens gostam da tecnologia, usam-na cada vez mais, porém eles sentem que a interação entre as pessoas é necessária *“porque senão as pessoas ficam “baratinadas da vida”*.

7.2 O aprendizado

Em relação ao ensino-aprendizagem, MORAN (1997) mostra que a capacidade de comunicação autêntica do professor facilita o processo, pois, pelo equilíbrio, competência e simpatia, ele é capaz de estabelecer relações de confiança com seus alunos.

Muitos professores ainda vêm-se como depositários do saber. Repassam aos estudantes os seus conhecimentos, porque confiam que é a única forma de fazer com

que eles adquiram novas informações; é o “ensino bancário” a que se refere FREIRE (1993, p.58).

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los.

MORAN (1997) assevera que a comunicação é um processo em transformação: “A comunicação torna-se mais e mais sensorial, mais e mais multidimensional, mais e mais não linear”.

O autor enfatiza a importância das relações humanas no processo do aprendizado. Essas relações nos permitem descobrir novas dimensões de significação que antes não percebíamos sozinhos, pois aprendemos quando estabelecemos vínculos, quando organizamos informações soltas que passam a ter significado no contexto da relação (MORAN, 1997).

Também PORTO (1998) refere-se ao fato de que a ênfase da Pedagogia da comunicação está nas relações que são estabelecidas ou possam ser estabelecidas no contexto escolar

Quando não ocorre o aprendizado da forma motivadora como citado pelos autores, os estudantes se sentem desinteressados. Alguns jovens consideraram desnecessário freqüentar a escola ou até mesmo a universidade, pois entendem que podem aprender sozinhos sem o inconveniente de se deslocarem de casa, embora 80,23% dos jovens entrevistados tenham respondido que consideram o estudo importante para sua vida.

Strider (19 anos), parou de estudar por 4 anos quando iniciava o 2º ano do nível médio. Inteligente, autodidata, fala corretamente o português. Tudo que ele sabe (e muito!!!) de Informática aprendeu estudando sozinho, pesquisando e perguntando aos amigos. Retornando à escola nesse semestre, ele fala sobre a escola de seus sonhos:

“Um ambiente tranqüilo, que pudesse sair para comer, e o mais importante...laptops, nada de escrever em cadernos ultrapassados, abaixo os cadernos!...laptops todos em rede, quando quer passar alguma coisa pro professor...tem que ter um meio termo, vamos usar a tecnologia em laptops mas vamos nos reunir, porque senão tu tens pessoas baratinadas da vida...”



Com certeza, “**DuDi**” (16 anos), é um dos jovens entrevistados que não consegue se motivar a estudar:

“
Eu passei por um monte de colégios esse ano passado. Comecei em Curitiba,...eu não tava afim de estudar lá, eu matava muito : aulas e os caras cancelaram minha matrícula. Eu acho tu enjoado...olha os cursinhos, cursinho é legal, os professores são legais. Por que nos colégios eles não fazem a mesma coisa? Tem que ser aqueles professores chatos que só cobram, só xingam, : gritam e só enchem o saco, o clima é uma droga”.



Os jovens também se posicionaram sobre o que aprendem na escola (GRAFICO 22): 58,59% acreditam que aprendem tanto coisas úteis quanto inúteis; 26,12% acham que tudo é importante para o seu futuro profissional; 12,31% acreditam que a maioria do que aprendem é pouco importante e apenas 1,86% considera o que aprende desnecessário e sem utilidade para sua vida profissional.

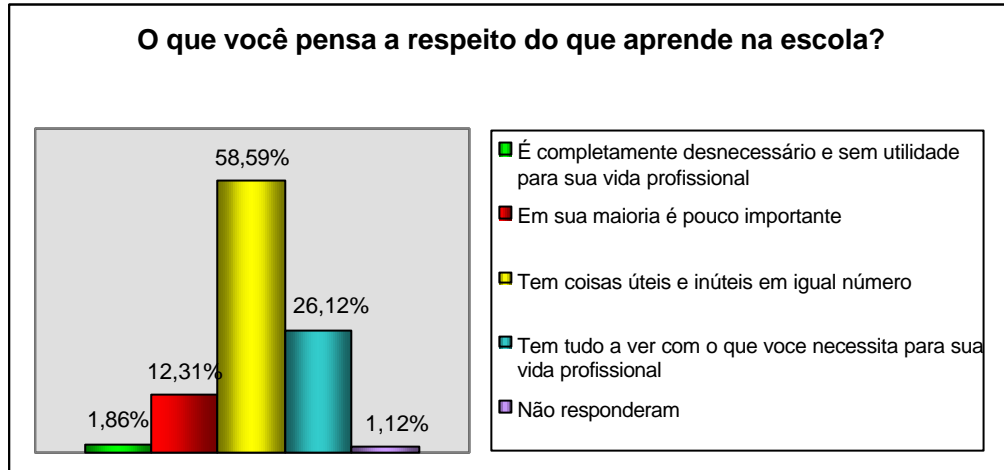


GRÁFICO 22

Questionados quanto à forma de aprender, 43,65% dos entrevistados deram prioridade à forma tradicional em que o professor expõe a matéria. Os professores apontados pelos jovens desta pesquisa como os melhores são os que usam quadro e giz para apresentar a matéria. Outras formas apontadas como interessantes pelos usuários (29,85%) foram pesquisa e preparação de trabalhos práticos (GRAFICO 23).

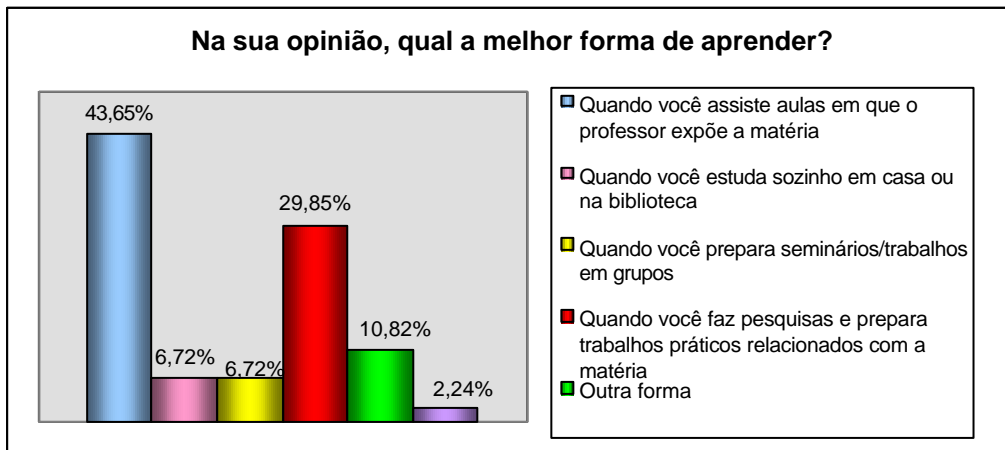
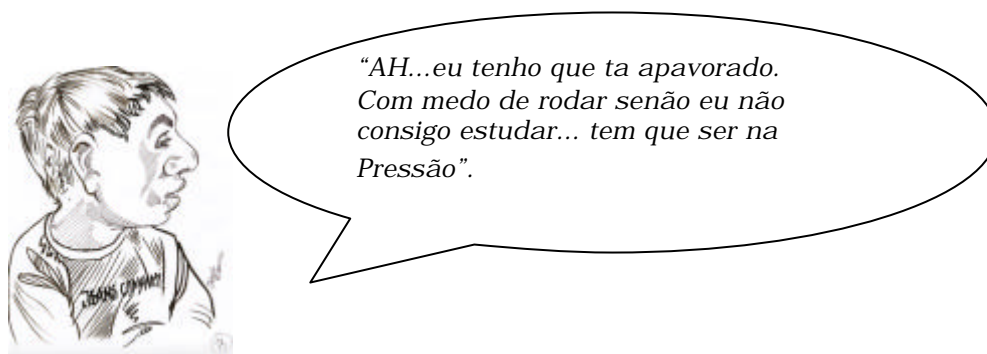


GRÁFICO 23

``DuDi`` (16 anos) gosta de estudar sozinho e em silêncio



Será que o aprendizado tem que ser um processo doloroso como indicado pelo entrevistado? O que faz o estudante esperar até o último momento antes de estudar, sentindo-se então obrigado a absorver tudo de uma vez, às vésperas da prova? Com certeza ``DuDi`` ainda não descobriu a melhor forma de trabalhar com o seu aprendizado.

TIBA (1998) lembra que o aprendizado é pessoal, porque depende do aparelho psicológico do qual fazem parte a motivação ou a indiferença, a facilidade ou a dificuldade para aprender, a capacidade de transformar a informação e a cultura em conhecimento. Para o autor, o aprendizado é um processo que envolve no mínimo duas pessoas: a que ensina e a que aprende. Variando uma das duas, o resultado se modifica.

Embora os estudantes mostrem-se, muitas vezes, desinteressados com o aprendizado formal na escola, ocorre o contrário fora dela. Através da observação e acompanhamento das conversas de jovens em canais de “bate-papo” constatamos a facilidade com que lidam com a informática e com os serviços do *IRC*. Se lembrarmos que na escola os estudantes têm o auxílio de professores, enquanto no *IRC* aprendem sem o auxílio de adultos, não deixa de ser interessante notar o quanto a motivação é um fator facilitador do aprendizado.

Para acessar o *IRC* através de um programa como o *mIRC* ou um *script* são necessários alguns comandos básicos, familiarização e treinamento com a linguagem utilizada. Os jovens não demonstram qualquer dificuldade para assimilar essas

informações. Aprendem rapidamente ou por ensaio e erro, ou por indagações a outro jovem mais experiente.

Em uma pesquisa para traçar o perfil dos 190 usuários do #Pelotas (ALVES et al., 2000) os autores constataram que apenas 1,6 % dos usuários fez algum tipo de curso ou treinamento para usar Internet. Os demais aprenderam sozinhos ou através de amigos.

Na presente pesquisa, esse dado também se confirmou pois 31,72% dos usuários fizeram ou estão fazendo curso técnico de Informática, enquanto que 66,04% não o fizeram.

Uma das entrevistadas, **loirinha_** (17 anos), que recém concluiu o curso técnico de informática admira-se com a capacidade de aprendizado de seu irmão de 13 anos.

“Eu fico impressionada, é que assim, eu to fazendo curso de Informática, então algumas coisas eu aprendi no curso, mas aí o meu irmão menor chega lá e me dá um banho. Esses dias eu estava jogando The Sims... Vai lá e cria outra roupa. Como criar outra roupa? _Daí ele me explicou e era uma coisa complicadíssima”.



JuUu (16 anos), também se mostra perplexa diante da irmã de apenas 6 anos.

“A minha irmã também, ela tem 6 anos...ela vem assim, aí ela quer teclar assim, ela não mexe na Internet, mas ela quer que abra o Paint (um programa acessório do Windows para desenho) pra ela, quer que acesse uma página, ela quer ficar jogando, ela sabe tudo assim, ela tem aquele jogo do Pokemon, ela sabe todos os comandos, desde que tinha uns 4 anos”.



As crianças e os jovens da geração audiovisual aprendem praticamente sozinhas, mas os adultos precisam de cursos para assimilarem essas novidades. E cursos são o que não faltam. Atualmente, são oferecidos gratuitamente na Internet uma variedade enorme de softwares para trabalhar com imagens, sons, movimentos, confecção de páginas. Esses softwares têm inúmeros recursos. É natural que os jovens busquem fazer cursos na área, pois apresentam uma grande quantidade de informações disponíveis na Internet. Os cursos são uma forma de organizar essas informações e selecionar as mais importantes, de forma que rapidamente o usuário consiga ter uma visão geral dos programas e facilitar sua utilização.

Questionados quanto ao seu desempenho na escola (GRÁFICO 24), os entrevistados responderam que nunca repetiram o ano (69,04%), repetiram uma vez (19,77%), reprovaram duas vezes (5,60%), tiveram três reprovações (3,73%) e 1,86% não responderam à questão.

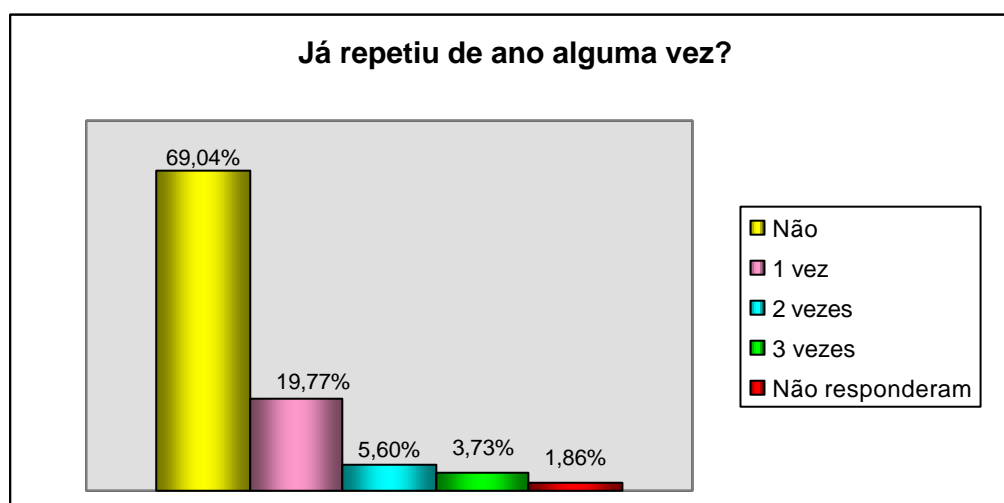


GRÁFICO 24

Se considerarmos a aprovação como uma vitória do aluno, poderemos pensar que o índice de aprovação (69,04%) mostrado no GRÁFICO 24 indica o aprendizado do aluno referente ao conteúdo pelo qual ele foi avaliado. Qual o significado de ser aprovado?

Os números do Enem (Exame Nacional de Ensino Médio) divulgados pelo MEC em dezembro de 2001 (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2002) mostram que, depois de onze anos na escola, somente 11% dos estudantes avaliados conseguem boas notas em

redação. A maioria (57%) tem péssimo desempenho em interpretação de texto. Alguns exemplos de erros cometidos por alunos na redação:

“...não preserve apenas o meio ambiente, mas sim todo ele”
“vamos deixar de sermos egoístas e pensarmos um pouco mais em nós”
“...a natureza foi descuberta pelos homens a 500 anos atrás”
“...o problema ainda é maior se tratando da camada Diozoni”
“...lagos formados por bacias esferográficas também correm risco”
“...o maior problema da floresta Amazonas é o desmatamento dos peixes”

Também o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), divulgado em 2001 (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2002), mostrou o baixo desempenho dos estudantes brasileiros. O exame testou o conhecimento de milhares de jovens entre 15 e 16 anos em 32 países. No Brasil, foram aplicados quase cinco mil testes. Em relação à interpretação de textos, numa escala de um a cinco, ficamos no nível mais baixo, pouco acima dos analfabetos. Ou seja, segundo o Pisa, o brasileiro decifra as letras, lê frases, mas não compreende os significados das mesmas. A avaliação internacional coincide com uma pesquisa do Ibope, realizada em dezembro passado, que revelou que apenas 26% dos brasileiros interpretam corretamente o que lêem.

7.3 Os professores

O papel do professor modifica-se, consideravelmente, com a introdução das novas tecnologias (MORAN, MASETTO e BEHRENS, 2000), sendo necessário que o professor reveja como atuará junto aos jovens. O professor não é mais quem informa o aluno, pois as informações em qualquer área do conhecimento estão disponíveis na rede, nos inúmeros bancos de dados. Como o professor, então, pode atuar neste processo?

Para MORAN (1997), o professor precisa atuar como coordenador do processo ensino-aprendizado, tendo como sua primeira tarefa sensibilizar o jovem. Ao longo deste

trabalho levantamos dados que mostram a falta de motivação dos estudantes e o quanto isto tem conseqüências negativas no aprendizado.

O GRÁFICO 25 mostra como os jovens vêem seus professores. Eles distinguem perfeitamente o nível de conhecimento dos professores e a didática com que trabalham em sala de aula. Em relação a esta questão, os usuários opinaram que tinham professores bons e ruins em igual número (36,94%), tinham professores que conheciam a matéria e sabiam ensiná-la (31,34%); tinham professores que apesar de saber a matéria explicavam mal (21,64%) e tinham professores com pouco conhecimento e também explicavam mal (7,84%).

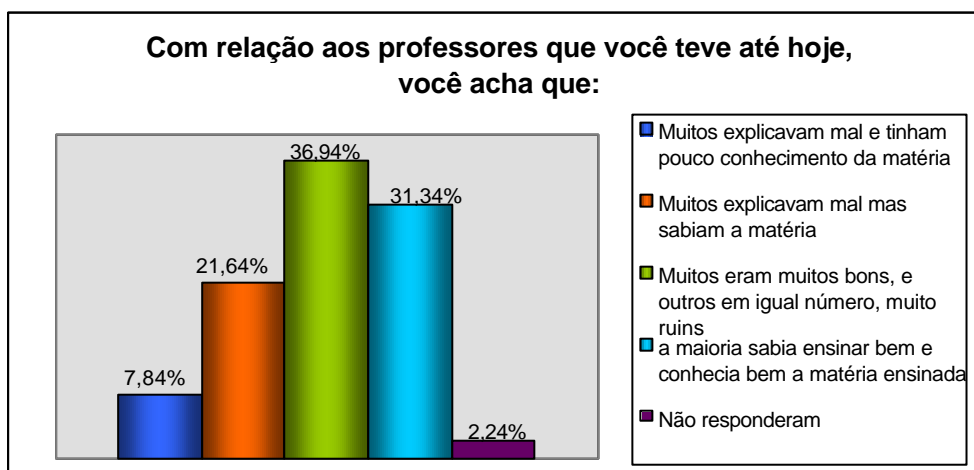


GRÁFICO 25

Ainda em relação aos professores, o GRÁFICO 26 mostra que os alunos não consideram todos os seus professores como “modelo” profissional e/ou pessoal. Dos entrevistados apenas 11,57% consideram-nos como modelo; 45,15% (somando-se os índices 11,57% + 33,58%) disseram não ver os professores como modelo, e 41,42% indicaram que tiveram poucos professores como modelo.

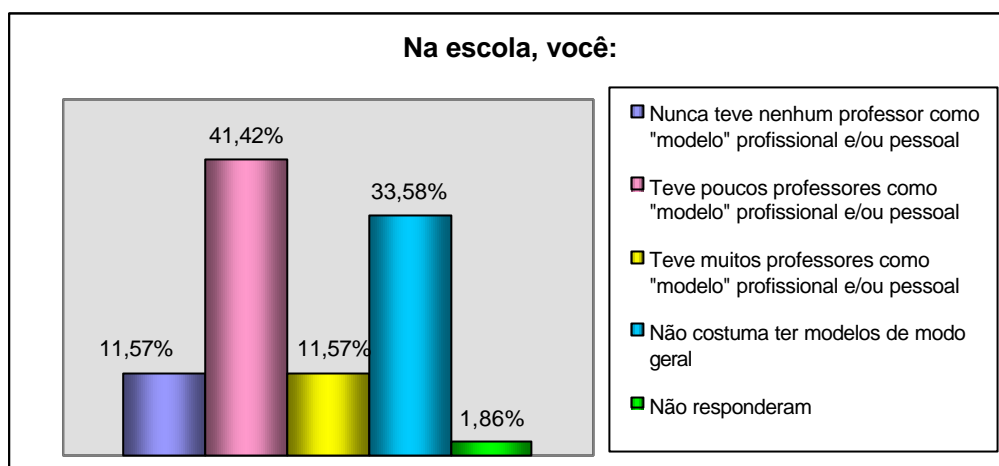


GRÁFICO 26

Concluimos que a maioria dos entrevistados declarou não ter seus professores como “modelo” profissional e/ou pessoal. Poderíamos supor a partir desses dados que os professores deixaram de ser “modelos” para os estudantes porque já não concentram em si o poder e o conhecimento como acontecia antes dessa revolução provocada pelas novas tecnologias.

Porém, os dados da pesquisa revelaram uma surpresa. Apesar de os jovens gostarem de usar Internet e todo tipo de tecnologia, preferiram apontar como bons professores, aqueles considerados “tradicionais” que não usam quase nenhuma tecnologia, mas que impressionam pelo poder de comunicação. Eles disseram gostar de professores do tipo “durões”, que cobram temas feitos, que exigem disciplina, cadernos caprichados e bons resultados nas avaliações escritas.

Os professores, quando questionados sobre quais características eles julgavam que os alunos tinham apontado como importantes para classificá-los como “bons”, citaram: o grande prazer que sentiam com seu trabalho e afetividade que permeavam sempre as relações com estudantes.

O **professor A** (41 anos, Geografia) muito popular entre os adolescentes foi apontado no questionário *on-line* como o “*melhor professor da pesquisa*”. Ele confessa sem pudor não ter nenhuma familiaridade com as tecnologias tanto em sala de aula como no uso pessoal: “*Eu não uso nada, eu sou a coisa mais convencional que possa existir, eu e um pedaço de giz... as tecnologias modernas eu não domino nada*”.

Outra unanimidade, a **professora M** (52 anos, Matemática), considerada uma das melhores professoras de Matemática da cidade relata: “*eu nunca usei até agora, nenhum tipo de técnica... nem TV*”.

Esses dois professores não fizeram curso de mestrado, mas possuem uma cultura geral bastante abrangente e ambos usam muitas informações (para além do conteúdo) em sala de aula. Eles declararam que, embora não utilizem nada de tecnologias, os estudantes aceitam esse fato e não fazem cobranças.

Já a **professora E** (41 anos, História) tem curso de especialização em Educação e costuma usar em suas aulas o retroprojeter, televisão, vídeo, gravador e ultimamente até um projetor do tipo *data show*.

Uma escola particular da cidade de Pelotas exige que seus professores tenham uma melhor formação com as novas tecnologias, principalmente em Informática, como é salientado na fala da entrevistada.



“A escola está impondo: um terço do conteúdo, no mínimo, nós temos que levar nossos alunos até o computador”

(**professora M**, 52 anos, Matemática)

As escolas particulares onde trabalham os dois outros entrevistados não fazem essa cobrança.

“A escola não nos exige o uso da tecnologia, mas sim que a gente seja criativo” (**professora E**, 41 anos, História)





“Eu tenho liberdade total dentro da escola...não tenho nenhuma supervisora perguntando...não, muito pelo contrário...até me perguntam, opinião coisa assim. A escola não me força a usar novas tecnologias” (**professor A**, 41anos anos, Geografia).

Algumas dificuldades ocorrem nas escolas particulares quando o professor ministra um grande número de horas semanais, pois fica difícil para ele afastar-se para cursos de formação. Dificuldades acontecem também nas escolas públicas, que pela legislação dispensam o professor para qualificar-se, porém, não o fazem por não terem professores que o substitua.

A relação que surge na sala de aula entre os professores e alunos é exaltada pelo respeito e admiração ao conhecimento demonstrado pelo professor. É essencial que isso aconteça e faz com que os alunos se sintam seguros e permitam que a relação se intensifique:



“Eu tive uma formação muito boa...eu li muito na minha vida, eu li muito, não assim do que eu trabalho, mas de literatura...boa formação, uma boa bagagem de literatura clássica, de tudo, de línguas...e eu entro pra dentro da sala de aula e ...converso de tudo” (**professor A**, 41 anos, Geografia).

“...o jovem, ele capta isso do professor: quando o professor é competente, quando é qualificado, porque ele fundamenta suas teorias, porque ele pode ser um modelo” (**professora E**, 41 anos, História).



Durante a entrevista com os professores citados como bons, percebi os motivos de admiração que eles causam nos alunos. São exímios comunicadores, firmes em suas afirmações e não demonstram atitudes de acomodação. Eles demonstram adorar “ser professor”, e tive a impressão de que se fossem afastados da sala de aula e de seus alunos, com certeza, se sentiriam extremamente infelizes.

Os estudantes que responderam o questionário *on-line* explicaram alguns dos critérios que usaram para apontar os “bons” professores.

Para eles o **Professor A** (41 anos, Geografia)

...domina o conteúdo, sabe explicar para os alunos, tem tranquilidade e não vem emburrado ou com uma cara de otário pra sala de aula! (Q029, masculino, 18 anos);

... faz os alunos se interessarem por assuntos tri atuais e extremamente necessários (Q069, feminino, 16 anos);

... sempre foi um professor de enorme competência e ao mesmo tempo amigo (Q075, feminino, 18 anos);

...além de ser um ótimo professor de Geografia, fora da aula ele pode ser considerado um amigo muito gente fina (Q086, masculino, 17 anos);

... é uma pessoa fantástica. Faz grande parte da turma se interessar e também como pessoa ele é muito legal (Q300, masculino, 17 anos).

Para os entrevistados, a **Professora M** (52 anos, Matemática)

...eh a melhor professora q eu jah tive (Q070, masculino, 15 anos);

...é uma professora rígida, tem controle da turma, explica mt bem a matéria e é muito amiga dos alunos (Q151, feminino, 16 anos);

...ao contrário do que muitos professores fazem, ela naum deixa ninguém sem pensar na sua aula e explica 100 vezes se necessário pro aluno que não entende a matéria, tornando a aula agradável (Q219, masculino, 15 anos).

Para os jovens, a **Professora E** (41 anos, História)

...ela não se preocupa só com o aluno-aluno e sim com o aluno-pessoa (Q031, feminino, 14 anos);

...é atenciosa, muito simpática faz com q sua matéria seja valorizada (Q122, masculino, 18 anos);

... ensina de um jeito manero (Q206, masculino, 14 anos);

...me deu outra visão sobre a relação aluno x professor. Nos tornamos bons amigos e aprendemos e debatemos assuntos que na maioria das vezes não lera sobre a escola. Foi muito bom conhecer uma professora assim. Foi alguém que lembrarei sempre com muito carinho e admiração (Q292, masculino, 19 anos);

Com estas falas dos jovens, fica claro o quanto eles precisam de professores que valorizem as relações humanas, que consigam enxergar no aluno, um ser com limitações e que precisa de apoio para aprender. Porém, é necessário que o professor comprove a sua eficiência e seu conhecimento para que seja respeitado como profissional.

Os estudantes apontaram, também, que não querem um professor “bonzinho” que os ajude a serem aprovados; pelo contrário, querem um professor exigente, que lhes dê limites, pois assim sentem-se seguros e amparados. É como se o professor, ao exigir-lhes realização de tarefas, disciplina e boas notas, estivesse atestando ao próprio aluno que ele pode e é capaz de exercer seu papel no processo de ensino-aprendizado.

OUTEIRAL (1994, p.34) explica como os limites impostos pelo professor auxilia o aluno:

A criatividade na adolescência articula-se necessariamente com a noção de limites. Limite é uma palavra que tem, muitas vezes, uma conotação negativa, ligada erroneamente à “repressão”, “proibição” etc...No entanto, limite significa a criação de um espaço protegido dentro do qual o adolescente poderá exercer sua espontaneidade e criatividade sem receio e riscos.

As diferenças entre os procedimentos dos professores foram percebidas pelos alunos. **A_F_U_C_K** (19 anos) fala sobre as diferentes posturas de professores:



“Lá no Desenho Industrial tem professores dinossauros que chegam lá com um papelzinho meio amarelado lá de 1508 e vão lá e passam os mesmos exercícios, mas tem outros que chegam fazendo coisas diferentes, tem uns professores lá do Desenho que são muito loucos, que dão História da Arte e dizem ‘Ah!, eu quero que vocês se sintam como o artista se sentiu’ . E esse professor botou uma venda em cada um e fazia os caras caminharem pelo colégio só com o outro guiando”

Na entrevista, os professores demonstraram que para agradar seus alunos têm que serem esplêndidos comunicadores. Todos separam muito bem a hora da brincadeira, da hora de encarar seriamente o processo de ensino-aprendizagem, embora nas duas situações a comunicação seja a tônica.

“Terminou a aula nós estamos ali, na rua, converso sobre futebol com eles, eles sabem que torço para o Brasil ¹³ então no corredor comigo é aquela gozação, nós entramos na sala de aula... o Brasil ganhou ou perdeu...pode ter até alguma coisa escrita no quadro, têm aquele envolvimento inicial, mas é um, dois minutos e acabou, o assunto terminou e começo a aula.” **(professora M, 52 anos, Matemática).**



Os professores entrevistados e considerados “excelentes” pelos alunos acreditam que a falta de limites influi negativamente no aprendizado.

MOLINA-LOZA (1996) esclarece que a falta de limites faz com que o adolescente fique amedrontado e confuso com o poder que lhe é colocado em suas mãos, embora inconscientemente ele deseje que alguém lhe coloque estes limites. É exatamente o que os professores entrevistados e considerados como “excelentes” fazem:



“A minha aula é muito cheia de regras, não pode isso, não pode aquilo, é a aula do não pode, não pode chegar atrasado, não pode sair...e o que é pra eles é pra mim, quem tem que dar o exemplo sou eu” (professora M, 52 anos, Matemática).

“Durante todos os meus vinte anos de magistério, no primeiro dia de aula, eu ponho o pé na porta de aula e digo assim: aqui funciona a coisa dessa maneira. Deixo bem claro como é que é; é transparente assim: aqui a gente pode decidir uma série de coisas em conjunto, tem coisas que dá pra gente decidir em conjunto, agora, tem outras que a minha palavra é a palavra final.deixo bem claro o que se pode fazer, o que não se pode fazer”.(professor A, 41 anos, Geografia).



“Eu cobro muito os alunos, eu sou muito exigente...o professor tem que limitar, tem que exigir...é uma coisa da máxima de La Salle: exigência de pai e ternura de mãe” (professora E, 41 anos, História).

Embora todas as regras, limites e normas impostos aos alunos, transparecessem nesses professores o entusiasmo por suas profissões, o que faz com que tenham prazer em entrar na sala de aula:



“...e vou com o maior prazer trabalhar, porque é o que eu gosto, o que eu escolhi,...até estudei, fiz outro curso, mas eu nunca quis exercer outra profissão, porque queria ser professor, aí, eu vou, faço tudo com o maior prazer” (**professor A**, 41 anos, Geografia)

A aula é o momento mais importante de um ritual, que é preparado com antecedência. O professor traça objetivos a serem alcançados e todo processo é para alcançar esses objetivos. No entender da professora E este ritual processa-se da seguinte forma:

Muitas profissões permitem ao profissional alcançar salários mais altos do que os do magistério; mas isto não é o mais importante para esses professores. As palavras da professora M é uma verdadeira declaração de amor à profissão docente:



“...o salário no final do mês é duro...mas, se eu tivesse que fazer tudo de novo, eu voltaria a ser professora de novo, porque acho que o material que a gente trabalha, o material humano, é a coisa mais rica que a gente tem” (**professora M**, 52 anos, Matemática).

Outra característica dos professores são o afeto e carinho com que tratam os alunos, e que em nenhum momento procuraram esconder:



“...e além de eu ser assim muito “linha dura”, com essa fixação de limites e tudo, eu sou uma pessoa muito afetuosa, sou muito carinhoso com eles, eu não guardo um “milímetro” de nada, de ninguém, pode fazer o que fizer, passou, não existe mais nada, eu saio abraçado com todos.” (**professor A**, 41 anos, Geografia).



“Muito afeto... eu não me contento só em cumprimentá-los, eu abraço...e. além do mais, eu procuro imediatamente conhecê-los, chamá-los pelos nomes, digo que eles são os meus filhos...é filho pra cá, é filho pra lá, e digo que a mãe que gosta do filho não é aquela que “passa a mão por cima” das coisas, pelo contrário...no terceiro eu disse isso: a angústia de vocês é a minha e é verdade” (**professora M**, 52 anos, Matemática).

A atenção e a dedicação dos professores também transparece nos momentos em que eles procuram resgatar a autoestima de seus alunos:

“Ontem no primeiro ano eu disse assim: qual é o meu nome? (...) Não, antes de ser “a professora E” eu sou Sucesso, e anotei a palavra Sucesso na pedra. E o Gabriel é? Gabriel Sucesso, Vitória...Vitória e Sucesso porque se eu não pensar assim, eu não vou ser isso...e eu só vejo isso quando eu entro na sala de aula de vocês e, se eu encontro dificuldades, eu tento solucionar esse problema” (**professora E**, 41 anos, História).



Por outro lado, os adolescentes entrevistados relataram situações que presenciaram (ou mesmo participaram) de desrespeito à autoridade do professor em sala de aula, embora os professores entrevistados tenham admitido que essa situação dificilmente ocorria pois seus alunos sabem exatamente o que lhes é permitido em sala de aula.



“Por incrível que pareça, nunca tive um enfrentamento com aluno. Graças a Deus, isso aí, nunca tive. É uma relação muito aberta e eu digo que as imposições não são só pra eles: eu tenho horário pra entrar, eu tenho horário pra sair” (**professora M**, 52 anos, Matemática).

“Não tenho problemas com disciplina...eu jamais me extresso, nos momentos de tensão que são inevitáveis, eu brigo, eu xingo...e eu consigo voltar, continuo na mesma com aquela pessoa ali dentro, porque dificilmente, raramente, alguém tem qe sair, eu tenho que tirar alguém” (**professor A**, 41 anos, Geografia).



Uma das jovens entrevistadas, **Gaucha** (17 anos), respondeu o que era um “bom professor” em sua opinião:



“professor bom é aquele que puxa o aluno pra aula, ele sabe dar aula com dinamismo, ele não precisa ficar inventando coisa do tipo: tá, vamos pro pátio, porque muita gente pensa que é fazer algo diferente na aula, e não é só isso...”

Para **Cine** (17 anos), ser professor do 2º grau é um grande desafio.



Sabe, eu acho que ser professor do 2º grau é um desafio, porque se ele quer que a gente fique concentrado tem que ser um trabalho bom, não é que a matéria precise ser boa, mas tem que ter um jeito de desenvolver a matéria pra que ela seja boa.”

Para MORAN (2001), na sociedade atual com as novas tecnologias todos precisam reaprender a comunicar-se e ensinar, a aprender, a integrar-se com os demais indivíduos e com o grupo. Para o autor uma mudança qualitativa ocorre quando integramos numa visão inovadora todas as tecnologias: audiovisuais, textuais, orais, musicais, lúdicas e corporais. É um grande desafio ser professor nessa nova sociedade e isto exigirá de ambos protagonistas, professores e alunos, humildade para reassumir os novos papéis.

PORTO (2001, p.221), referindo-se aos saberes necessários para a sociedade atual, salienta que “a formação do cidadão mais consciente e participativo não estão expressos, com regularidade na maioria dos currículos comprometidos com a educação

regular” e que obter informações depende não só da escola, mas das mídias, dos amigos e dos professores. Para a autora, para que essas informações sejam transformadas em conhecimento “depende cada vez mais dos saberes dos professores sobre as modernas tecnologias da comunicação, que abarrotam os jovens de informações” (p.222).

Os entrevistados, tanto professores como adolescentes mostraram-se conscientes da necessidade da mudança nas posturas de professores e alunos.

O professor precisa aprender a lidar com as tecnologias, precisa dominá-las para poder trabalhar com seus alunos, que já as incorporaram no seu cotidiano. O professor, embora muitas vezes tenha menos conhecimento nessa área que seus próprios alunos, precisa auxiliá-los com a sua experiência e maturidade, pois o adolescente tende a ser dispersivo diante da quantidade imensa de informações que têm acesso.

Com certeza, nesse momento em que as tecnologias adentram a escola, o professor tem um papel fundamental: conduzir e fazer com que os jovens descubram a forma mais adequada de utilizar todos os recursos que têm a sua disposição.

8. Conclusões e Reflexões

As limitações do trabalho foram muitas. Senti muita angústia durante a utilização da metodologia por mim escolhida para realizar a pesquisa. Esse sentimento surgiu pois me senti dividida entre o desejo de dirigir, de executar, de ter a iniciativa em pequenas e grandes idéias que fluíam e ao mesmo tempo, de frear a minha participação e aceitar passivamente o “momento” determinado pelos jovens deixando emergir apenas o pesquisador que ali estava.

BABIN e KOULOUMDJIAN (1989) citam a dificuldade da comunicação entre adultos e jovens. Concordo plenamente com os autores, pois é muito difícil trabalhar e dialogar com os jovens sem que tentemos interferir, modificar, “melhorar” (!?) o trabalho deles. Um dos cuidados que passei a ter (e não pensei que seria tão difícil como foi demonstrado) foi o de procurar seguir o “ritmo” e o “tempo” determinado pelos jovens. Eu queria estudar e conhecer os jovens, suas idéias, suas relações com a escola; por isso queria que o resultado da investigação refletisse da forma mais fiel possível, a maneira como os jovens pensam e atuam.

Acredito ter conseguido atingir os objetivos. O que me ajudou foi o fato de ter permanecido por meses observando a movimentação do canal. Eu aprendi a forma como os jovens se tratavam, o modo como se comunicavam, as brincadeiras e os símbolos usados. Isso foi essencial para mim e para a pesquisa.

A aplicação do questionário *on-line* também foi importante, pois consegui ter uma idéia geral do posicionamento dos jovens antes de entrevistá-los.

Durante as entrevistas realizadas presencialmente, pude diminuir um pouco o constrangimento de alguns jovens, pelo fato de estar inteiramente familiarizada com os hábitos do canal Pelotas. Alguns se surpreenderam com o conhecimento que eu adquiri durante a pesquisa. As conversas que tive com eles foram divertidas e produtivas.

As facilidades propiciadas pela Internet estreitam as relações interpessoais?

É necessário refletir sobre esta questão, porque ao observarmos jovens e até mesmo professores que participam de listas de discussões, de **chats** e de outros serviços da Internet, notamos os fortes vínculos afetivos que se estabelecem entre eles não importando a localização geográfica dos usuários.

Essa pesquisa deu indicações de que a Internet antes de isolar as pessoas está sendo um poderoso mecanismo para acentuar as relações e a comunicação entre elas. O professor não será jamais dispensado da sala de aula, porque o ser humano é um animal social, e é pelas relações com outras pessoas que os jovens são estimulados e motivados a aprender.

Trabalhar nessa pesquisa foi extremamente prazeroso do início ao fim. Não foi fácil. Muito pelo contrário, foi extremamente difícil me despir de preconceitos, de verdades estabelecidas, de certos privilégios que adquiri por ser adulta e ter algumas experiências acumuladas (!?!?)...

Descobri que o processo foi valioso, tanto quanto os resultados obtidos. A convivência com os jovens estudantes e adultos professores foi uma experiência gratificante. Eu encerro essa etapa da pesquisa sentindo-me extremamente viva por ter mergulhado nesse mundo de adolescentes e ter aprendido tantas coisas.

Descobri o fascínio que as mídias exercem sobre os jovens e como os jovens se envolvem com a mídia Internet.

Inicialmente, cheguei a desconfiar que o prazer que eu senti estivesse relacionado ao fato de estar resgatando alguns aspectos da minha adolescência ou revivendo certas experiências mas com novos olhares. Agora, com certeza, posso afirmar que mergulhei num mundo novo, repleto de outros conhecimentos. Os jovens de hoje vivem experiências que a minha geração nem sonharia que pudessem existir... É claro que não pude deixar de sentir uma certa nostalgia ao lembrar a minha própria adolescência: TV com imagem em preto e branco, comerciais ao vivo na TV (com os inevitáveis erros e nervosismos das apresentadoras), os enormes *longplays* de vinil (hahahahaha :-).

Eu vibrei por ter oportunidade de conhecer jovens tão bem informados. Alguns, às vezes tão confiantes, outros extremamente inseguros, mas com uma abertura e uma afetividade desconcertante... Esses jovens precisam ser “gigantes” para enfrentar os desafios que se apresentam. Não é fácil ser adolescente no mundo tecnológico de hoje.

Conheci muitos jovens...Alguns com um modo de vestir tão rebelde que me poderiam fazer supor que a escola seria o último lugar onde pudessem estar. No entanto, tinham propostas realmente criativas sobre a forma como a escola deveria funcionar.

Os jovens têm uma consciência muito grande sobre as dificuldades de seus pais e professores para conhecer e dominar as novas tecnologias. Mas não é o uso que eles cobram em primeiro lugar. Eles demonstram que estão ciosos de serem respeitados, de serem ouvidos e às vezes até perdem a paciência com os adultos, que ainda se consideram detentor de todo poder e decisão.

Adorei conhecer jovens *crackers* (verdadeiras “feras” em informática) que imediatamente classifiquei como indiferentes ao que acontecia fora de seus próprios mundo, embora demonstrassem ternura por seus semelhantes e pela preservação da sociedade e do ambiente.

E diferente do que muitos poderiam supor, a tecnologia não está distanciando os jovens. A solidão física de permanecer isolado com seu computador entre quatro paredes não está tornando as pessoas intratáveis (pode ser até que ocorra alguns casos assim), mas está permitindo fluir outras relações virtuais riquíssimas. As pessoas se conhecem, trocam experiências, conversam por longas horas sem se verem fisicamente. A Internet aproxima as pessoas por gosto, afinidades, e a aparência física, que no mundo real causa tanto impacto devido a preconceitos, fica em segundo plano. Os jovens fazem muitos amigos através da Internet. Talvez de alguns deles nem se aproximassem, se não os tivessem conhecido virtualmente.

Os jovens andam em “bandos” (ALVES op cit, 1999) e dificilmente esses “bandos” aproximam-se espontaneamente uns dos outros, porém na Internet essas barreiras são derrubadas.

Eu realmente concordo com essa afirmação, pois lembro-me que no início da pesquisa, eu entrava em vários canais para observar a conversa pública. Pude verificar que a forma de comunicação usada no IRC é a mesma, nos canais que abrangem diferentes regiões do país. Em uma dessas investigações, entrei em um canal chamado “Fernandópolis” do interior paulista, talvez por ter achado o nome curioso. Lá conheci um garoto de 15 anos, André, e ficamos amigos. Nossas conversas giravam em torno da escola, família, sobre características de nossas cidades de origem. Eu conversava com

ele sobre a pesquisa e ouvia suas sugestões a respeito, principalmente sobre o questionário *on-line*.

A primeira etapa, a de desenvolvimento do *site* com o questionário *on-line*, apesar de trabalhosa foi extremamente agradável. Vários adolescentes ensinaram-me e ajudaram-me a refazer (dezenas de vezes) alguns itens do questionário quando me diziam “*esta linguagem é de adulto, não nos diz nada...tenta assim...ou troca esse termo..*”.

Eles sabem muito de informática. Manipulam a tecnologia com destreza, mas mesmo assim permanecem, na maioria das vezes, em escolas em que os computadores já chegaram, mas que permanecem fechadas às novas tecnologias. É preciso, no entanto, levar a escola à tecnologia e não a tecnologia à escola (PRETTO, 2000).

As pessoas, de um modo geral, ainda não estão preparadas para o uso da tecnologia sem traumas, de forma usual no seu cotidiano. Existe uma dicotomia muito grande entre os profissionais da Informática, com uma formação tecnológica (preparação para o uso dos softwares disponíveis) e os profissionais das outras áreas que não têm essa formação. Entre esses incluem-se os professores.

Um dos resultados que emergiu desta pesquisa é a certeza de que todos nós, professores e estudantes, jovens e adultos, precisamos aprender a trabalhar em parceria. Dificilmente conseguimos, individualmente, dominar todas as áreas envolvidas no desenvolvimento de materiais a serem disponibilizados na *Web*.

Precisamos trabalhar com figuras, fotografias, sons, tabelas, gráficos etc. Queremos tornar os sites dinâmicos, com atualizações constantes. Precisamos otimizar as tarefas, racionalizar as atividades, fazer com que os arquivos em uso sejam de tamanho adequado. Tudo isto envolve uma gama de conhecimentos muito grande. Não somos obrigados a saber tudo, mas precisamos ter uma linguagem comum para que haja a comunicação entre as pessoas envolvidas.

É um grande desafio, mas os jovens nos apontam o caminho quando mostram como se auxiliam, como aprendem rapidamente uns com os outros, errando e refazendo, perguntando aos amigos e trocando informações.

Para muitos professores acostumados a trabalhar individualmente durante muito tempo, pode ser um grande desafio aprender a trabalhar em equipe, com profissionais de diversas áreas.

A medida que as tecnologias entram na escola e os professores e alunos se adaptam ao seu uso, as aulas e outras atividades se tornam bem mais dinâmicas e a monotonia que os jovens apontam como causa da falta de motivação para aprender será afastada.

9. Referências Bibliográficas e Eletrônicas

ALVES, Rubem Azevedo. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo : Cortez: Autores Associados, 1985

ALVES, Rubem Azevedo. **E aí? Cartas aos adolescentes e a seus pais**. São Paulo : Editora Papyrus, 1999.

ALVES, Rozane da Silveira; RAUSCH, Laura Regina Villanova; SANTOS, Rita de Cássia; SILVA, Márcia Alves da. **Perfil do usuário do Canal Pelotas**. Pelotas, 2000. Relatório de Pesquisa – Curso de Pós-Graduação em Educação – UFPel.

ANDRÉ, Marli Eliza D.A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas : Editora Papyrus, 1995.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a Educação**. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie-France. **Os novos modos de compreender: A geração do audiovisual e do computador**. São Paulo : Edições Paulinas, 1989.

BABIN, Pierre. **Linguagem e cultura dos media**. Venda Nova : Bertrand Editora, 1993.

BIZZOTTO, Carlos Eduardo N.; BIANCHI, Luiz; LOPES, Mauricio C.; HEINZLE, Roberto. **Informática básica passo a passo : conciso e objetivo**. Blumenau: Visual Books, 1997.

BRASNET. Disponível em:<<http://www.brasnet.org>> Acesso em:12 ago 2001.

CAMPOS, Ivelise Fortim de. **Tudo que você queria saber sobre as salas de chat (bate papo) e não tinha a quem perguntar**. Boletim Clínico da Faculdade de Psicologia da Universidade Católica de São Paulo. Volume 8. Maio/2000. Disponível em <<http://www.pucsp.br/~clinpsicc/batepapo.htm>> Acesso em 21 fev 2001.

CASTRO, Rosalva Ieda Vasconcelos Guimarães de. **Chat de Internet: Uma atividade educativa**. In: Revista Brasileira de Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro : Associação Brasileira de Tecnologia Educacional. Jul/Set-2001, p.46-56.

DOMINGUES, Valéria; HERRERA, Ozana. **Br-business**. 2001. Disponível em <<http://www.br-business.com.br/brb/principal.htm>> Acesso em: 16 jul 2001

EDDINGS, Joshua. **Como funciona a Internet**. São Paulo : Editora Quark,

ELKIND, DAVID. **Crianças e adolescentes** : Ensaio interpretativos de Jean Piaget. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1978.

FERREIRA, Antônio Miguel. **Internet de A a Z** Rio de Janeiro : Brasport Livros e Multimídia Ltda, 1998.

FOLHA ON LINE. **Conheça os vírus e defenda-se das piores pragas virtuais.**

Disponível em: http://www.uol.com.br/folha/informatica/sos_virus.shtml. Acesso em: 14 abr 2002.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** Editora Olho d'água, 1993.

FIGUEIREDO, A. Dias. **O futuro da Educação frente às novas tecnologias.** Resposta, enviada por correio eletrônico, às perguntas da jornalista Paula Banza, da revista Forum Estudante. Coimbra, Portugal, 1995. Disponível em: <<http://www.dei.uc.pt/~adf/Forest95.htm>> Acesso em: 25 jan 2001

GALIMBERTI, Carlo de; GATTI, Fabiana. Nova mídia e família. In: PELUSO, Ângelo (org). **Informática e Afetividade** : A evolução tecnológica condicionará nossos sentimentos? Bauru : EDUSC, 1995.

GUIA Internet de conectividade. 2ª ed. São Paulo : Cyclades Brasil, 1996.

GVT. Disponível em:<http://www.gvt.net.br/index_ie.jsp> Acesso em: 11 jul 2001

IBOPE. Perfil social: As características socioeconômicas da população brasileira. Disponível em: <http://www.ibope.com.br>. Acesso em: 10 set 2001.

IBOPE eRatings.com. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/eartings/menu>>. Acesso em: 25 fev 2001

INFO ONLINE. Disponível em:
<<http://www2.uol.com.br/info/aberto/data/internet.shl>> Acesso em 26 fev 2001

JUNG, Carl G. (org). **O Homem e seus Símbolos.** 10ª ed. Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, 1964.

KENSKI, Vani. O professor, a escola e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias. In: **Educação e tecnologias.** Porto Alegre : Secretaria da Educação, 2000a. [Caderno Temático, 19] [Constituinte Escolar]. p. 6-15

KENSKI, Vani. Novas tecnologias : o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. In: **Educação e tecnologias.** Porto Alegre : Secretaria da Educação, 2000b. [Caderno Temático, 19] [Constituinte Escolar]. p. 15-18.

LAQUEY, Tracy; Ryer, Jeanne C. **O manual da Internet.** Rio de Janeiro : Editora Campus. 1994.

LEONHARDT, Dalva Rigon. **Superdotados.** In: SUKIENNIK, Paulo Berél (Org.), Porto Alegre : Editora Mercado Aberto, 1996. p. 201-226.

LEVACOV, Marília. Bibliotecas virtuais. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org). **Para navegar no século 21** Tecnologias do Imaginário e cibercultura. 2ª ed. Porto alegre : Editora Sulina / EDIPUCRS, 2000.

LÉVY, Pierre. A Revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org). **Para navegar no século 21** Tecnologias do Imaginário e cibercultura. 2ª ed. Porto alegre : Editora Sulina / EDIPUCRS, 2000.

LIEURY, A; FENOUILLET, F. **Motivação e aproveitamento escolar**. São Paulo : Editora Loyola, 2000.

MACEDO, Luciana. **Internet na veia: a rede pode pescar você também**. Disponível em: <<http://www.netpesquisa.com/textos/folhateen.htm>>
Acesso em: 25 fev 2000

MAINARDI, Diogo. **De papo em papo, sem idéia**. Revista Veja, São Paulo, 4 out. 2000

MEDIA METRIX **divulga primeiros dados sobre o internauta brasileiro**. Disponível em: <<http://www.item.com.br/mediamatrix/resultado.htm>>
Acesso em: 09 fev 2001

MARAN, Ruth. **Internet e World Wide Web 3-D Visual**. São Paulo : Berkeley Brasil Editora, 1996.

MOLINA-LOZA, Carlos Arturo. **As relações família/escola e professor/aluno e suas implicações patológicas**. In: SUKIENNIK, Paulo Berél (Org.), Porto Alegre : Editora Mercado Aberto, 1996. p. 45-57.

MORAIS, Jomar. **Armadilha Digital**. Revista Super. 2001a Disponível em: <<http://www.planetajota.jor.br/digital.htm>> Acesso em: 27 fev 2001.

MORAIS, Jomar. **Eu tenho a cura**. Entrevista com a psicóloga Kimberly Young. 2001b. Disponível em:<<http://www.planetajota.jor.br/digital3.htm>> Acesso em: 27 fev 2001.

MORAN, José Manuel. **Leitura dos meios de comunicação**. São Paulo : Pancast Editora Com.e Repres. Ltda, 1993.

MORAN, José Manuel. **Como utilizar a Internet na Educação**. Revista ciência da Informação, vol.26, n.2, maio-agosto 1997, p.146-153.
Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran>. Acesso em: 02 mar, 2002.

MORAN, José Manuel. **Mudanças na comunicação pessoal : Gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica**. São Paulo : Edições Paulinas, 1998.

MORAN, José Manuel. **Aprendendo a viver : Caminhos para a realização plena**. São Paulo: Paulinas, 1999.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus Editora, 2000.

MORAN, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologia**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran>. Acesso em: 10 nov, 2001.

O ESTADO DE S.PAULO. Disponível em: <<http://www.estado.estadao.com.br/edicao/especial/internet/interne1.html>> Acesso em: 17 jul 2001.

OUTEIRAL, José Ottoni. *Adolescer. Estudos sobre Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PELLANDA, Nize Maria Campos; PELLANDA, Eduardo Campos (Org). **Ciberespaço: Um Hipertexto com Pierre Lévy**. Porto Alegre : Artes e Ofícios, 2000.

PIOCH, Nicolas. **Um pequeno manual de IRC**. Edição em Português, Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: www.vircio.org/doc/manualirc.txt> Acesso em: 07 fev 2001

PORTO, Tânia Maria Esperon. **Educação para a mídia/pedagogia da comunicação: caminhos e desafios**. In: PENTEADO, Heloísa Dupas (Organizadora). *Pedagogia da Comunicação teorias e práticas*. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

PORTO, Tânia Maria Esperon. **A televisão na escola... Afinal, que pedagogia é esta?** Araraquara: JM Editora, 2000.

PORTO, Tânia Maria Esperon (org). **Saberes e linguagens de educação e comunicação**. Pelotas : Editora e Gráfica Universitária, 2001.

PRADO, Oliver Zancul. **Pesquisa Internet e comportamento**: Um estudo exploratório sobre as características de uso da Internet, uso patológico e sobre a pesquisa *on-line*. Trabalho de conclusão de curso de psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2000. São Paulo. Disponível em: <www.netpesquisa.com/index2.html> Acesso em: 02 fev 2001.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola sem/com futuro**. São Paulo : Papyrus Editora, 1996.

PRETTO, Nelson de Luca. **Novas tecnologias na Escola** : Palestra proferida no II Seminário de Educação e Comunicação na UFPEL, Pelotas, 01 set. 2000

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades Virtuais no IRC: Estudos dos canais #Pelotas, #Mundo e #Brasil**. Trabalho de conclusão de curso de Comunicação Social - Habilitação Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 1998.

ROSA, César Augusto Salabert. **Internet: história, conceitos e serviços**. São Paulo : Editora Érica Ltda. 1998.

SIBOLDI, Giorgio; SALVO, Mariella di. **A evolução da informática e as relações afetivas do indivíduo**. In: PELUSO, Ângelo (org). *Informática e Afetividade : A evolução tecnológica condicionará nossos sentimentos?* Bauru : Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1998.

SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. **DSL: banda larga pela linha telefônica**. Disponível em: http://www.socinfo.org.br/artigos/sciam/dsl_banda_larga_pela_linha_telefonica.htm. Acesso em: 12 abr 2002.

TIBA, Içami. **Puberdade e adolescência : Desenvolvimento Biopsicossocial**. 6.ed. São Paulo : Editora Ágora, 1985.

TIBA, Içami. **Sexo e adolescência**. São Paulo : Editora Ática S.A , 1986.

TIBA, Içami. **Seja feliz, meu filho!**: Como as expectativas dos pais podem favorecer ou prejudicar o crescimento do adolescente. São Paulo : Editora Gente, 1995.

TIBA, Içami. **Disciplina : o limite na medida certa**. 3ª ed. São Paulo : Editora Gente, 1996.

TIBA, Içami. **Amor, Felicidade & Cia**. Coletânea de textos. São Paulo: Editora Gente, 1998.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Retrato do ensino no Brasil: Língua maltratada**. Disponível em <http://www.unb.br/informativos/a2002/ensino.htm> Acesso em: 20 abr 2002

VIANA, Melissa Elias. **A linguagem dos Chats desafia os Newbies**. Trabalho apresentado à disciplina de Educação e Linguagens. Mestrado em Filosofia da Educação. Disponível em: <http://www.internewws.eti.br/2000/mt000722.shtml> Acesso em: 20 jan 2001.

ZAGURY, Tania. **O adolescente por ele mesmo**. 3ª ed. Rio de Janeiro : Editora Record, 1996.

ZAGURY, Tania. **Educar sem culpa**: A gênese da ética. 16ªed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

ZAGURY, Tania. **Limites sem trauma** : Construindo cidadãos. 20ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

Anexo A - Glossário de termos usados na Internet

Nota: Esse Glossário pretende apenas esclarecer o público leigo para melhor compreensão do texto, sem a pretensão de ser um dicionário de Informática. Foi montado a partir de glossários encontrados nos seguintes sites:

<<http://www.pucsp.br/~clinpsi/batepapo.htm>>
<<http://www.microtecvison.com.br/suporte/dic/suportedic.htm>>
<<http://www.intercorp.com.br/glossario.htm>>
< <http://planeta.clix.pt/fp-informatica/glossario.htm>>
<<http://www.convex.com.br/personal/adsnet/GLOSSARI.HTM>>
<<http://www.e-net.com.br/user/nfl/metal-ba/glossario.html>>

ACRÔNIMOS: São abreviações das palavras mais usadas em português ou inglês. Exemplos: vc (você), td (tudo), tc (teclar), pq(porque), q (que), blz (beleza),

ANÚNCIOS: quando uma pessoa veicula uma mensagem chamando outras pessoas para conversar.

ASCII: American Standard Code for Information Interchange. Padrão muito usado em todo o mundo, no qual números, letras maiúsculas e minúsculas, sinais de pontuação e alguns símbolos e códigos de controle correspondem a números de 0 a 127. Com o ASCII, os documentos criados são facilmente transferidos através da Internet.

B-LOG: abreviatura do termo *web-logger*. É um diário eletrônico onde os jovens, especialmente as garotas, escrevem as novidades, que fica disponível na *web* para que os amigos e internautas possam ler.

BACKBONE: Uma linha de grande capacidade ou uma série de ligações que formam um caminho principal; a espinha dorsal por onde passa a maioria do tráfego.

BANIDO: Quando o usuário é **banido** ele é colocado numa lista de usuários impedidos de entrar no canal.

BROWSER: É o mesmo que navegador, isto é, um programa para navegar na Internet, um programa para a consulta de vários recursos na Internet, em especial, para buscar recursos junto ao WWW. Alguns dos mais conhecidos são Netscape, Internet Explorer, Mosaic, etc

CANAL: É a "sala" na qual as pessoas se encontram *on-line*.

CHANSERV: Um Serviço do *IRC*, usado para controlar canais. Serve como uma espécie de BOT, dando *OP* aos usuários registrados, banindo outros.

CIBERSPAÇO OU CYBERSPACE: É o espaço virtual criado pela rede, pelo qual seus usuários navegam.

CLICAR: Dar um *click* é apertar o botão do mouse sobre um ícone.

DNS (Domain Name System): É um sistema de endereçamento utilizado pelo correio eletrônico e demais serviços da Internet, que permite que, a nível de usuário, um host seja identificado por um nome que é convertido para um endereço numérico

único e vice-versa, através do uso de tabelas de conversão. Um órgão chamado INTERNIC (Internet Network Information Center) é o responsável pela distribuição dos nomes de domínio.

DOWNLOAD: Na linguagem popular seria o mesmo que "baixar". Método para receber no seu computador local uma cópia de um arquivo que existe em um computador remoto. "Fazer o Download" de um arquivo (uma imagem, um programa...) significa trazê-lo de algum ponto da rede e guardá-lo na memória do seu próprio computador.

E-MAIL: Eletronic Mail (correio eletrônico). Sistema de correspondência via Internet.

EMOTICONS: O mesmo que *smileys*.

ETHERNET: Um padrão muito usado para a conexão física de redes locais, originalmente desenvolvido pelo PARC (Palo Alto Research Center) da Xerox nos EUA. Descreve protocolo, cabeamento, topologia e mecanismos de transmissão. Os dados trafegam à velocidade de 19mbs.

EXTENSÃO: Os nomes de arquivos são compostos de duas partes separados por um ponto; a primeira é um nome escolhido pelo criador do arquivo, e a segunda é uma sigla que identifica o tipo de conteúdo do arquivo, ou o programa que o gerou. É útil conhecer-se as siglas mais utilizadas:

✍ Arquivos compactados: .arc .arj .zip

✍ Textos: .doc .htm .html .txt

✍ Imagens: .bmp .eps .gif .jpg .pic .png

✍ Programas: .bat .com .exe

✍ Som: .au .wav .ra .mid .mp3

FIREWALL(barreira de fogo): é um programa que controla as informações trocadas entre duas redes. Usado, normalmente, para dar segurança ao sistema, impedindo que pessoas não autorizadas acessem informações sigilosas.

FOUNDER: pessoa que fundou um canal de "bate-papo", isto é, iniciou um canal e mantém o controle do mesmo.

FLOOD: É uma mensagem repetida desnecessariamente e que pode ocasionar congestionamento de mensagens, perturbando a comunicação.

FREWARE: Programas e jogos que são de utilização livre. Não é exigido qualquer pagamento para a sua utilização.

FTP: File Transfer Protocol (protocolo de transferência de arquivos) Um dos protocolos para controlar a cópia de arquivos via Internet. Tipicamente, quando se fala em "Programas de FTP", está se falando em programas para copiar arquivos de um computador para outro, via Internet.

FTP ANÔNIMO: É o uso do protocolo FTP em localidades conectadas à Internet que oferecem acesso público aos seus arquivos, sem a necessidade de identificação ou senha.

GATEWAYS: Equipamentos que conectam duas ou mais redes, fazendo as conversões necessárias entre protocolos incompatíveis para que haja troca de dados entre as redes.

GIF: Graphical Interchange Format Formato de Intercambio Gráfico. Um formato de arquivo de imagem, criado pela CompuServe. As imagens são mais compactadas do que as do formato ".bmp", entretanto perdem um pouco da qualidade.

HACKER: É um termo que designa pessoas que têm em comum a característica de serem amadores e terem como passatempo preferido o estudo com profundidade dos sistemas de computadores. Essas pessoas podem até invadir computadores, porém com o único objetivo de aprender mais sobre eles. Esse termo tem sido usado erroneamente pela imprensa para designar pessoas que, pelo seu profundo conhecimento na área, são capazes de ludibriar o sistema de segurança dos computadores acessando informações sigilosas ou causando prejuízos como bloqueio do sistema ou roubando informações sigilosas. O termo mais apropriado para esses últimos seria **CRACKER**.

HIPERTEXTO: Uma maneira de acessar dados relacionados em um banco de dados. As interfaces mais comuns são as linhas de comando, os menus de opções e os recursos de apontar e clicar. Em vez de uma estrutura linear, o hipertexto é uma cadeia de informações sem sequência, ligadas de maneira criativa. Lógica parecida a uma pesquisa de sinônimos num dicionário, em que significados remetem a outros significados indefinidamente.

HOMEPAGE: Esse termo é usado com dois significados distintos. Pode designar a página inicial apresentada no momento da inicialização de um browser e também pode designar a página principal de um indivíduo ou instituição na Internet.

HOST: É qualquer computador conectado diretamente à Internet.

HTML (Hyper Text Markup Language): é uma linguagem de programação usada para criar páginas na Web.

HTTP: Hypertext Transfer Protocol (protocolo de transferência de hipertexto) Protocolo que controla o envio de uma página em HTML de um servidor para um cliente.

HUB: Ligam grupos de computadores entre si e permitem que os computadores comuniquem-se uns com os outros.

INFO: Comando disponível no mIRC e scripts que permite obter informações a respeito de um usuário quando fornecemos o seu nick. Um serviço denominado *Nickserv* informa dia e hora em que o usuário identificado pelo *nick* esteve no canal de bate-papo e a mensagem de despedida (*quit*) deixada por ele.

INTERFACE: Conexão entre dois dispositivos em um sistema de computação. Também usado para definir o modo (texto ou gráfico) de comunicação entre o computador e o usuário.

INTERNAUTA: Nome dado ao usuário da Internet.

INTERNET: Rede de computadores a nível mundial, muitas vezes abreviada simplesmente por NET.

IRC: (Internet Relay Chat). Sistema interativo no qual os usuários da Internet podem conversar (através do teclado) em tempo real.

IRContro: Encontro presencial de pessoas que conversam num canal de bate-papo.

IRCOP: IRC+COP; É o Policial da Rede, uma autoridade maior que um Operador. Cuidando de toda a rede, o IRCop procura por encrenqueiros, *nukadores*, e baderneiros nos servidores de IRC. Só ele poderá dar o *Kill*.

IRCques: Linguagem usada na sala ou canal de *chat*, que inclui acrônimos, *emoticons* e palavras específicas sobre computadores.

KICKADO: Quando o usuário recebe um **Kick**, ele é retirado do canal como advertência por um comportamento inadequado, mas pode voltar

KICKBAN: Quando recebe um *kickban*, o usuário além de entrar na lista de banidos, simultaneamente é *kickado*, ou seja, retirado do canal.

KILL: *kill* na rede corresponde ao kick no canal

KLINE: na rede, corresponde ao *kickban* no canal, porém, referente à rede, ou seja, o usuário além de entrar na lista de banidos, simultaneamente, é retirado da rede.

LINK: É um termo usado para indicar uma ligação. Em um documento do WWW uma palavra sublinhada indica um link (ligação) para um outro ponto desse mesmo documento ou para um outro documento, que tenha alguma informação relacionada ou adicional.

MASTER: operador experiente que além de ter as tarefas da função, tem autonomia para nomear outros operadores, podendo ativar outras funções de controle não disponíveis aos *ops*.

MEMOSERV: Serviço da Rede semelhante a um "pager". Serve para deixar recados aos usuários.

mIRC: programa de Chat, desenvolvido por Khaled Mardam-Bey

MODEM: aparelho modulador- demodulador, que converte os dados digitais para serem transmitidos através da linha telefônica.

NAVEGADOR: O mesmo que browser, é um programa que permite navegar (acessar) as páginas na Web, distribuídas em computadores do mundo inteiro. Alguns dos mais conhecidos são: Internet Explorer, Netscape Navigator, NCSA Mosaic e outros.

NEWBIE: É um iniciante que desconhece as regras mínimas de comportamento nos canais de “bate-papo” e acaba agindo de forma inadequada.

NICK: Abreviatura de **NICKNAME**. Designa o nome ou apelido pelo qual o usuário se identifica no canal de bate-papo.

NICKSERV: Serviço da Rede responsável por proteger os *nicknames* dos usuários de *IRC*. Cuida para que o nickname não seja usado por algum usuário mal-intencionado.

NÓ: (computador programado para executar a função de *roteamento e interface* entre o usuário e a rede)

OFF-LINE: Desconectado, fora da rede, fora da Internet.

ON-LINE: Conectado a Internet, presente na rede.

OPs: São os operadores responsáveis pelo canal, autoridades designadas para cuidar do mesmo. São eles que mantêm a ordem no canal, podem kickar ou banir ou usuários conforme a necessidade ; Simbolizados por "@" ;

PONTE: Equipamento que liga redes locais (LANs) umas às outras. Permite que os dados destinados a outra LAN (Local Area Network) sejam enviados a partir dela, enquanto mantêm simultaneamente dados locais dentro de sua própria rede.

PVT: É a abreviatura do termo PriVaTe, isto é, conversa privada. Refere-se a um diálogo mantido com um único usuário. Esta conversa só é vista pelos dois usuários que dela participam.

PROTOCOLO: Uma designação formal dos formatos de mensagens e de regras de dois computadores que precisam ser seguidos para que possa haver troca de mensagens. O padrão de protocolos permite computadores de diferentes usuários comunicarem-se, fazendo com que programas "rodem" em ambos, concordando com os dados contidos.

PROVEDOR DE SERVIÇO INTERNET (ISP: Internet Service Provider): É uma empresa que possui um ou mais computadores servidores conectados à Internet. O usuário cadastrado acessa à Internet através dos servidores do seu provedor mediante o pagamento de uma taxa mensal e possui uma conexão permanente com a Internet.

QUIT: Mensagem de despedida que o usuário tem a opção de deixar quando sai do canal de “bate-papo”.

REPETIDOR: Quando os dados viajam através da Internet, sempre atravessam grandes distâncias, o que pode ser um problema, pois o sinal que os envia pode enfraquecer com a distância. Para solucionar o problema, os repetidores amplificam os dados a intervalos, para que o sinal não enfraqueça.

ROTEADOR: Computador especializado cuja tarefa é garantir que os “pacotes” sempre cheguem ao destino apropriado. Se os dados que estão sendo transferidos entre os computadores estiverem na mesma área local, os roteadores, geralmente, não são necessários, pois a própria rede pode lidar com seu tráfego interno. Entretanto, quando os dados são enviados entre duas redes diferentes, os roteadores são de grande importância. Os roteadores examinam pacotes para descobrir qual é o seu

destino. Levando em conta a taxa de ocupação da Internet, enviam os pacotes para outro roteador, o que estiver mais próximo do destino final do pacote.

SCRIPT: É uma modificação do programa *mIRC* com o objetivo de facilitar o uso, pois essas modificações tornam o programa mais simples e melhoram a interface gráfica para o usuário.

SERVIÇO DE BUSCA: São serviços gratuitos que auxiliam os usuários a encontrar páginas da WEB. Esses serviços mantêm listas das páginas da WEB, organizadas em categorias como educação, literatura, ciências etc.

Alguns dos serviços mais conhecidos:

✍ CADE

✍ YAHOO (Yet Another Hierarchically Officious Oracle)

SERVIDOR: Uma das denominações mais comuns dadas a um computador permanentemente conectado à Internet, que executa uma ou mais funções. Pode ser o "host" onde as páginas de um site ficam hospedadas, pode ser o computador que recebe e envia os e-mails dos usuários domésticos, etc.

SERVIDOR DE IRC: Computador ligado a uma rede compatível que provê serviços de IRC aos usuários que se conectarem a ele.

SHAREWARE: É todo programa que se pode ser copiado e usado experimentalmente, depois de um certo tempo é necessário registrá-lo para continuar usando-o. As limitações mais frequentes dos programas são:

- Tempo: O programa funcionará apenas durante um determinado período, normalmente 30 dias.
- Não guarda: Pode experimentar tudo mas não pode salvar o seu trabalho.
- Limitado: O programa não tem algumas capacidades presentes na versão comercial.

SITE: Apesar de muitas pessoas usarem esse termo como sinônimo de *home page*, este termo é mais amplo e corresponde a um endereço da rede. Por exemplo, o *site* da UFPel, seria o endereço onde se localiza a *home page* da UFPel e também diversas outras *home pages* dos professores, alunos e funcionários dessa instituição.

SITES MIRROR (Sites espelhos): São sites que possuem as mesmas informações dos Sites FTP, pois nesses, às vezes, o tráfego é muito intenso, assim os usuários podem usar esses sites alternativos para buscar as informações desejadas, procurando acessar computadores que fiquem mais próximos fisicamente ao seu computador.

SMILEYS: O mesmo que emoticons; utilizam os sinais gráficos, como acentos, vírgulas, para formar “carinhas” que expressem emoções. O *emoticon :-)* visto de lado representa dois olhos, nariz e um enorme sorriso. No anexo 2, encontra-se uma tabela com os *emoticons* usados mais freqüentemente.

SOFTWARE: são os programas de computador.

TCP/IP: Transmission Control Protocol / Internet Protocol (protocolo de controle de transmissão / protocolo Internet) O sistema de protocolos utilizado para controlar todo o tráfego da Internet. O IP dá um número para cada computador conectado à rede e permite o controle de rota (de onde a informação vem e para onde vai). O TCP controla cada pacote enviado pela Internet.

TECLAR: Falar, digitar o texto da conversa.

TEMPO DE RESPOSTA: É o tempo decorrido entre a introdução de um comando no computador decorrente de um evento externo e a saída de um resultado final após o processamento dos programas relacionados com esse comando.

TÓPICO: Mensagem colocada no topo da janela de diálogo nos canais de “bate-papo”, onde são informadas notícias e avisos para os usuários do canal.

UNIX: Sistema operacional criado em 1969 que suporta um número muito grande de computadores, permitindo que vários usuários compartilhem os recursos de um computador simultaneamente. Teve e tem uma importância significativa no desenvolvimento da Internet. A maioria dos servidores da Internet utilizam o sistema operacional Unix. Através do código fonte do Unix (escrito em linguagem C, foi distribuído livremente) surgiram diversas versões diferentes de Unix:

- AIX (Advanced Interactive Executive): é o Unix da IBM para PCs e workstations.
- Linux: uma versão distribuída gratuitamente que roda em MACs e PCs.
- FreeBSD: uma versão de distribuição gratuita, somente para PCs.
- A/UX: um tipo de Unix criado pela Apple para seus computadores Macintosh.

UPLOAD: É o envio de uma cópia de arquivo para outro computador.

URL (Uniform Resource Locator) – é um endereço exclusivo de cada página armazenada na Web. Uma URL sempre inicia com a sigla `http://` (hypertext transfer protocol), a seguir vem a identificação do computador na rede, depois a identificação da página dentro do computador e por fim pode ser acrescentada a identificação de arquivos ou documentos dentro da página.

Na identificação do computador na rede, uma sigla indica o país ou organização que o computador pertence. Algumas das siglas usadas para organização: **.com** (comercial), **.edu** (educação), **.gov** (governo), **.mil** (militar), **.net** (rede), **.org** (organização).

Para países: **.br** (Brasil), **.us** (Estados Unidos), **.jp** (Japão).

VÍRUS: É um programa ou macro que tem por objetivo atacar a informação armazenada no computador, podendo inutilizá-la, alterá-la e até mesmo apagá-la.

VRML (Virtual Reality Modeling Language): Linguagem usada na criação dos mundos virtuais, ou tridimensionais que vão além dos recursos da WEB, cujos recursos gráficos são bidimensionais. É necessário um programa navegador 3D para a visualização dos mundos virtuais, como por exemplo: o WebSpace ou o WebFX.

WEB ou **WWW** (World Wide Web): é um sistema gráfico que consiste de um conjunto de documentos disponíveis para consulta. Cada documento, chamado de página está armazenado em um dos milhares de computadores que compõem a Internet. Cada uma dessas páginas pode conter texto, imagens, sons, filmes, etc

WEBCCHAT: chat localizado dentro de um *WEBSITE* ou uma *Home page*.

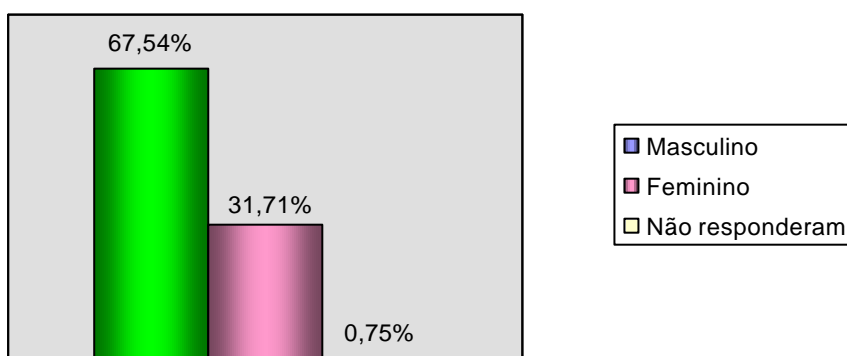
Anexo B – CD ROM com o *site* da Pesquisa contendo o questionário e a pesquisa de opinião.

Anexo C - Resultados da Pesquisa *on-line*

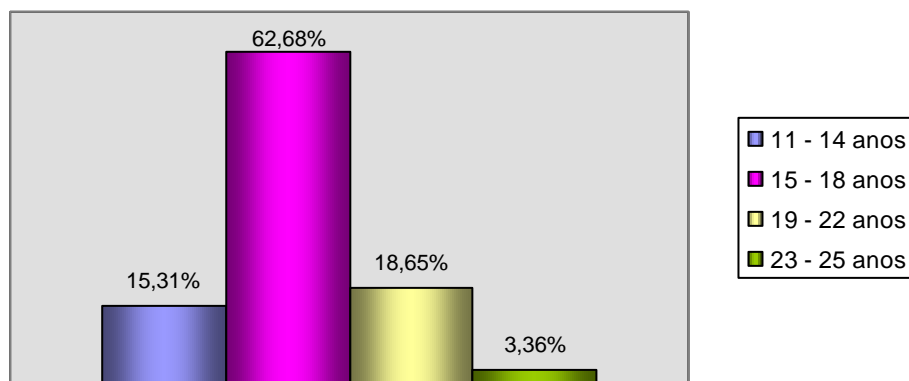
Período : 26/dez/2001 a 29/jan/2002

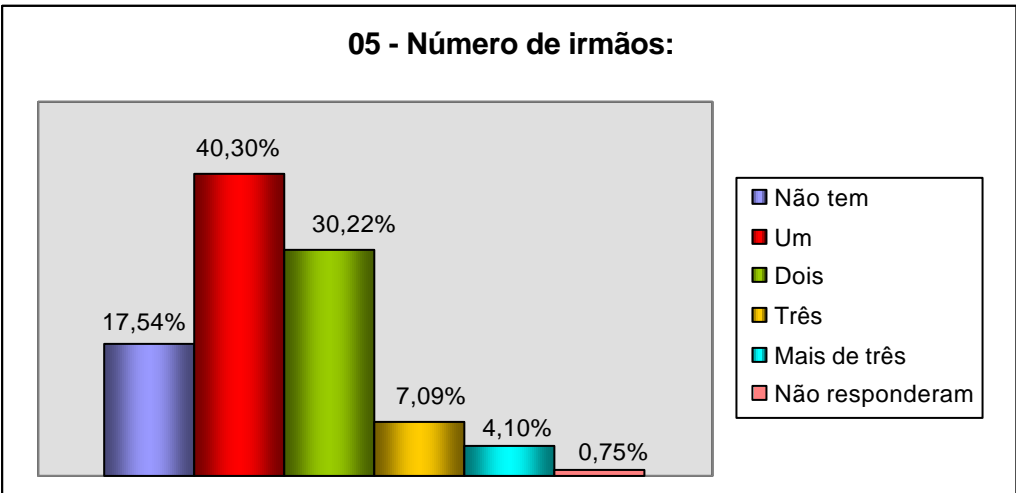
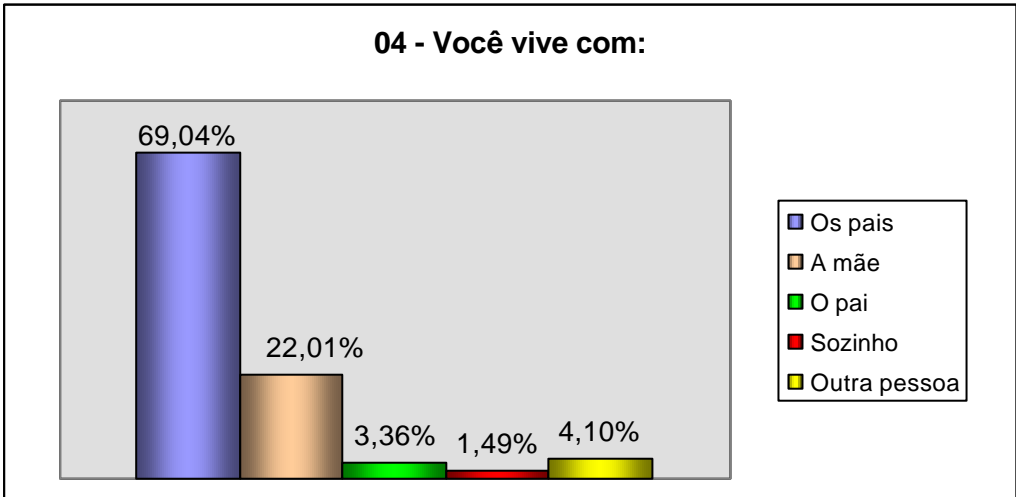
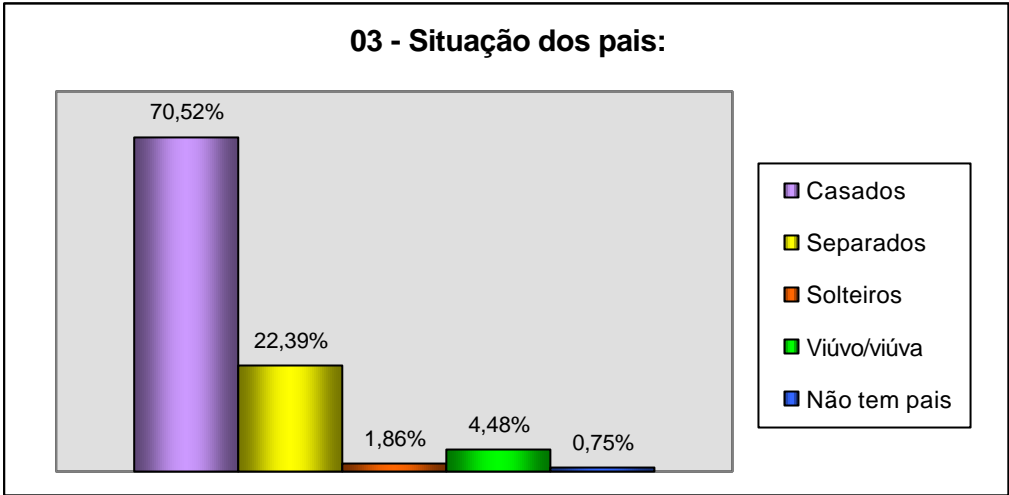
310 questionários respondidos
9 questionários anulados (palavrões/ bobagens)
21 questionários em branco
9 questionários repetidos
2 questionários incompletos

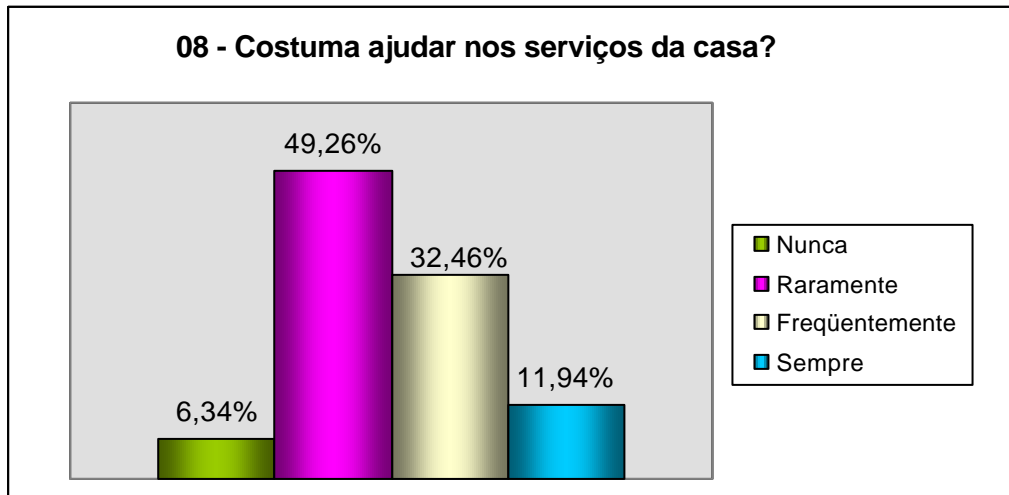
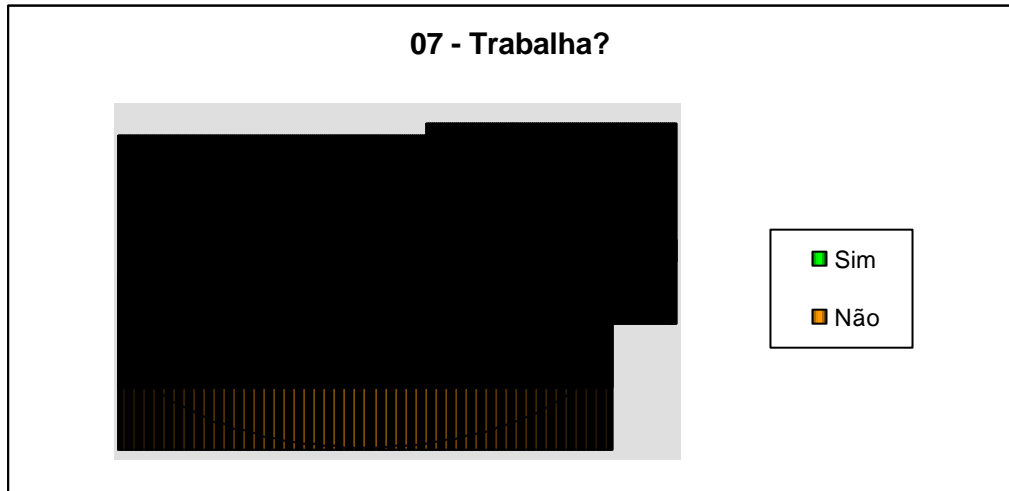
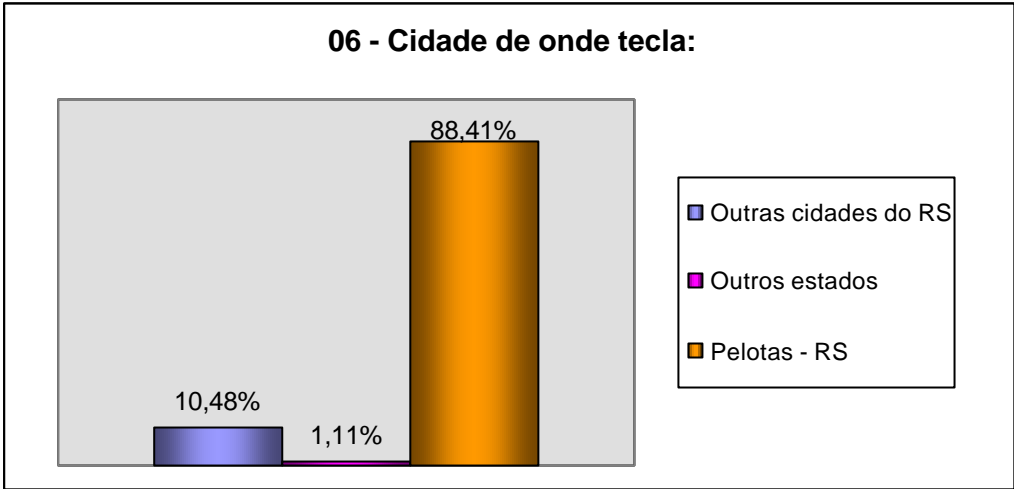
01 - Sexo:

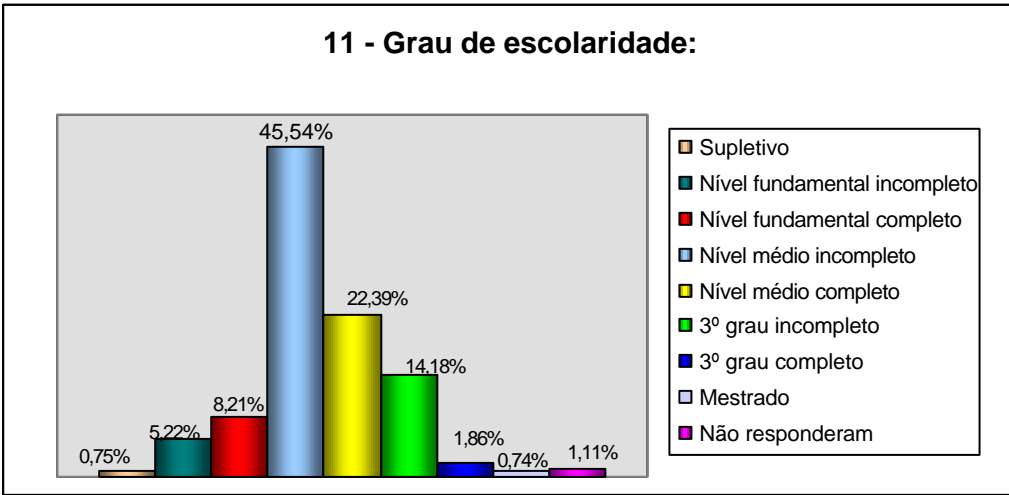
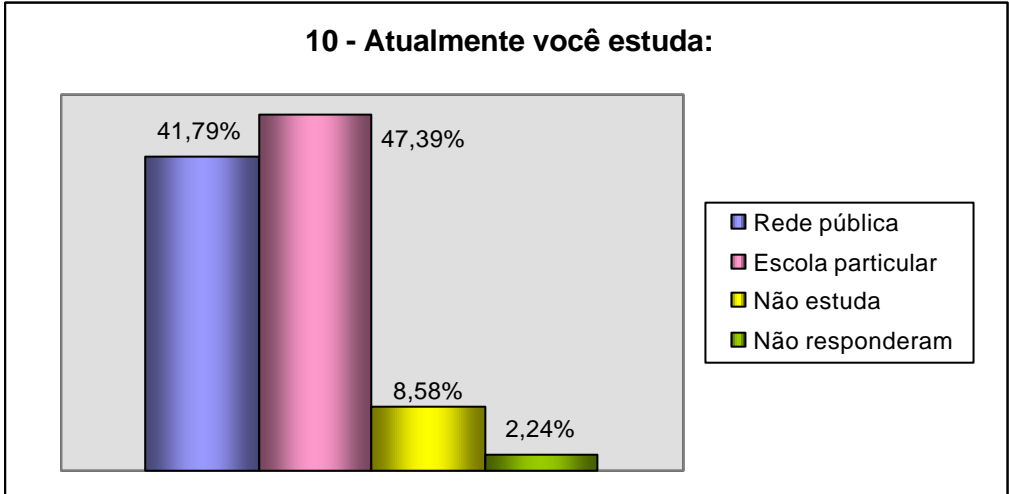
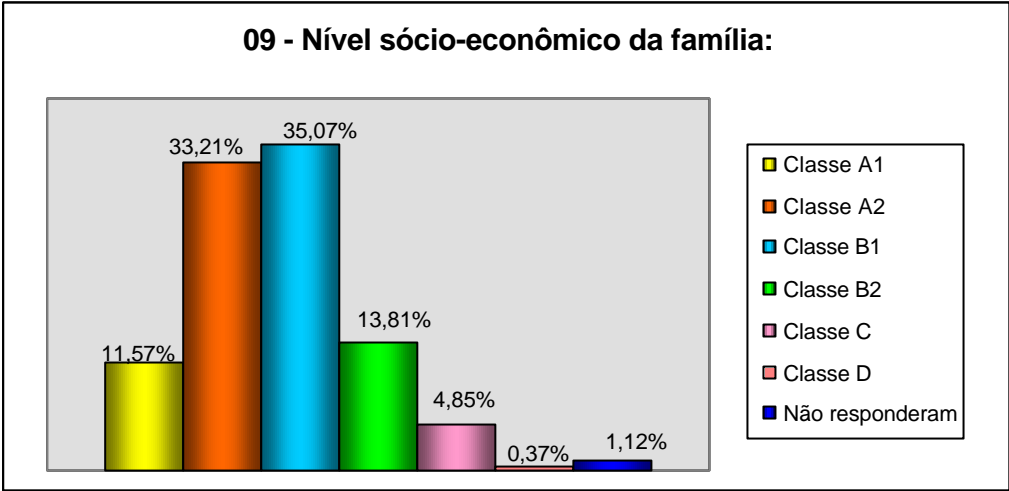


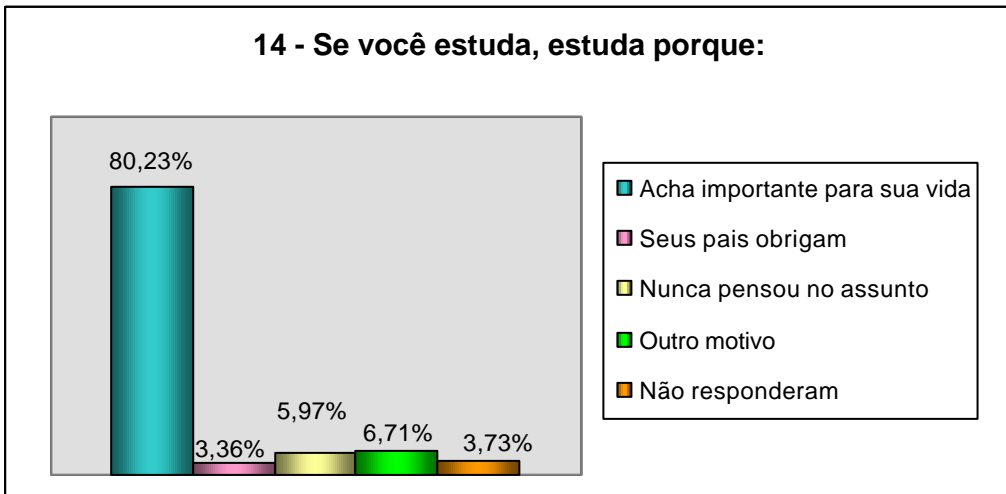
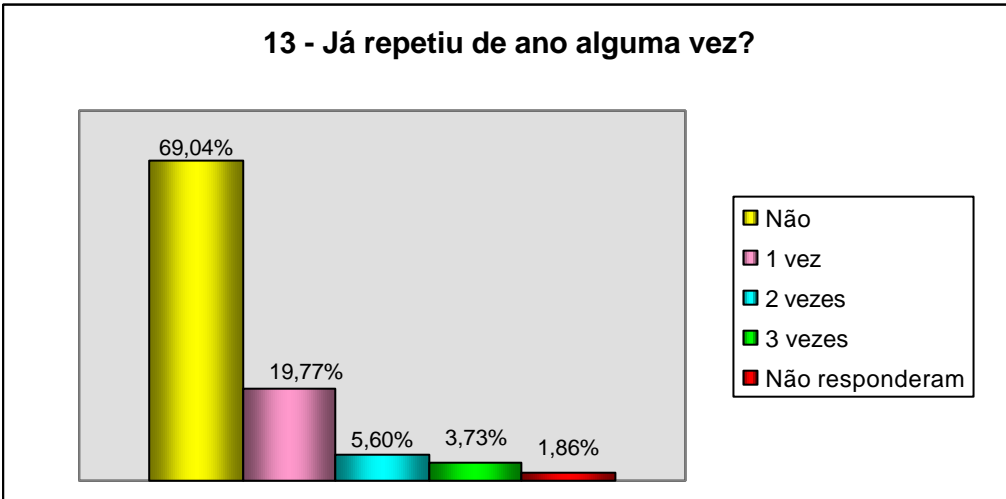
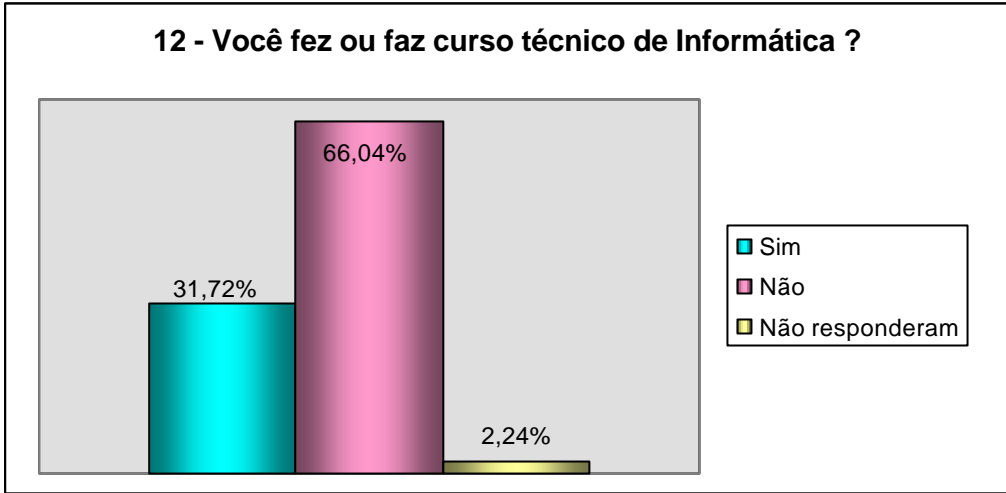
02 - Idade:



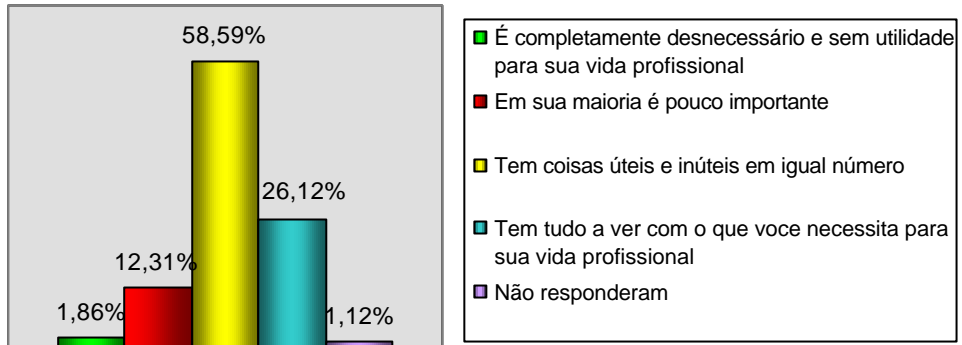




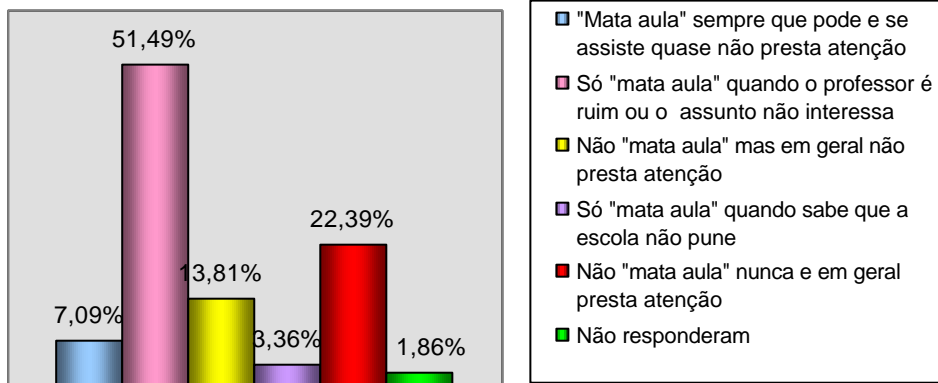




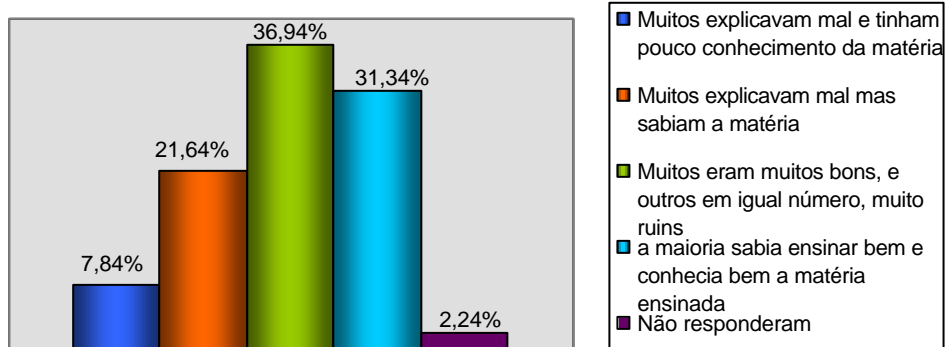
15 - O que você pensa a respeito do que aprende na escola?

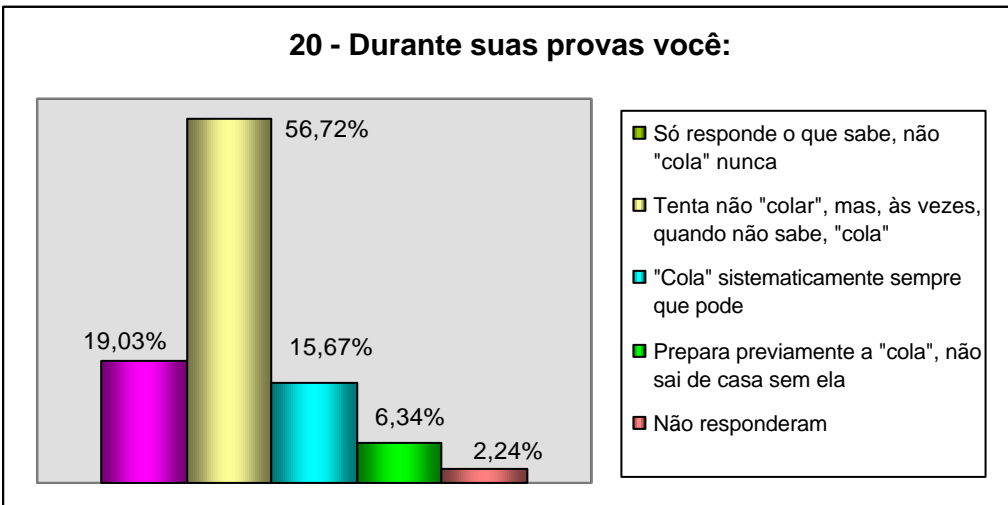
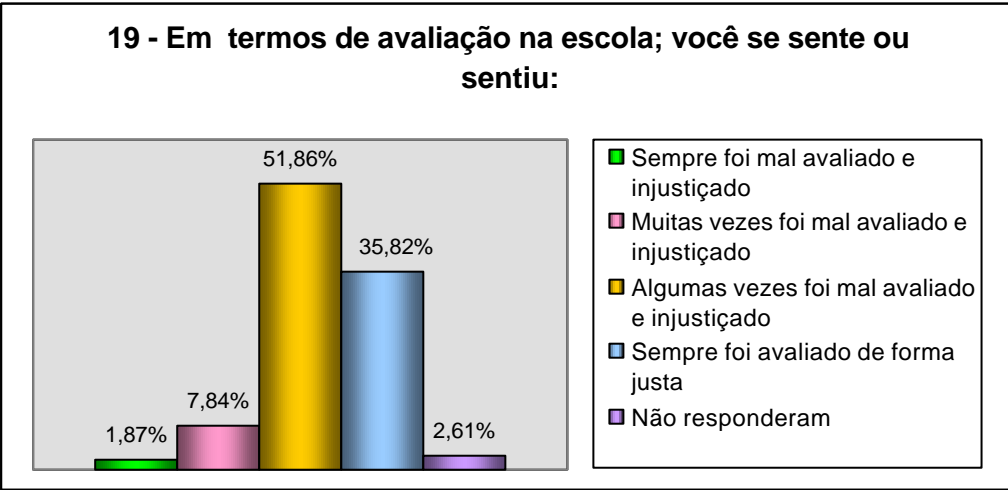
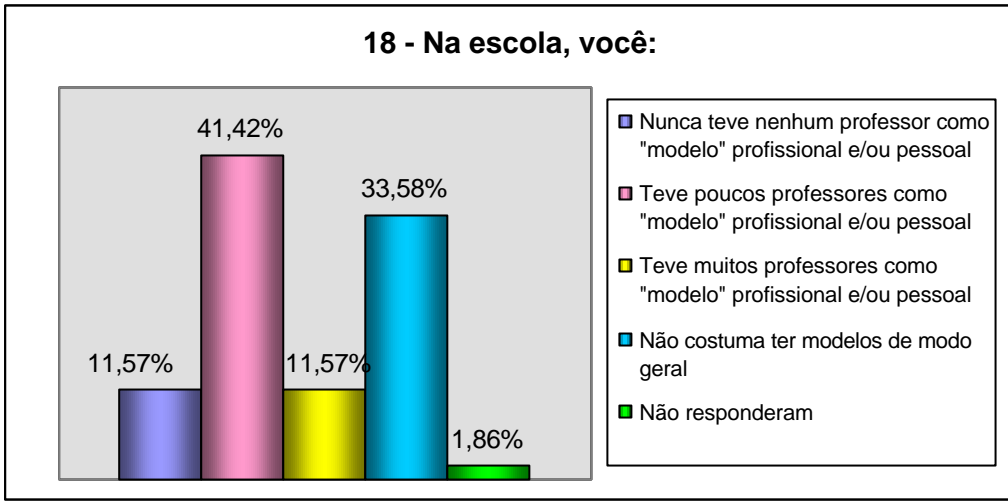


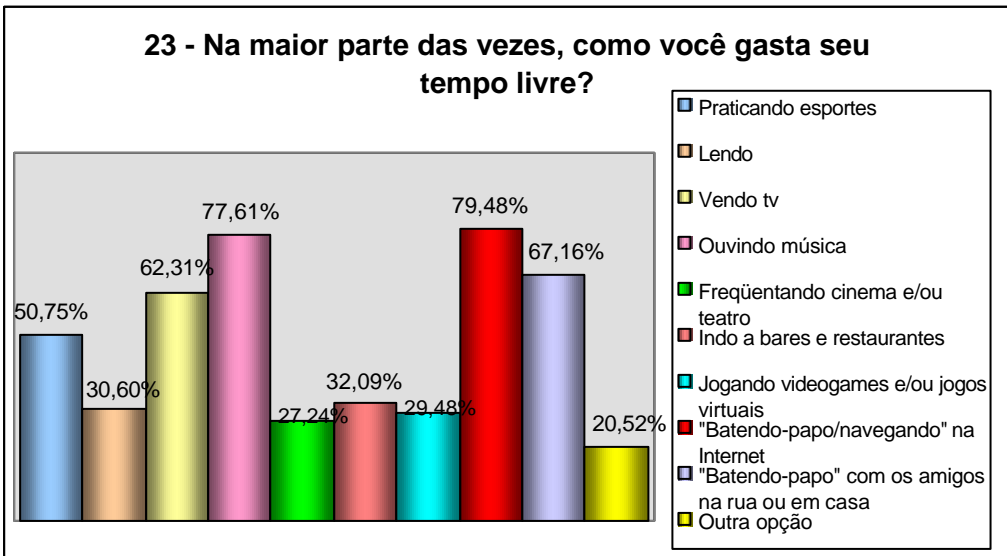
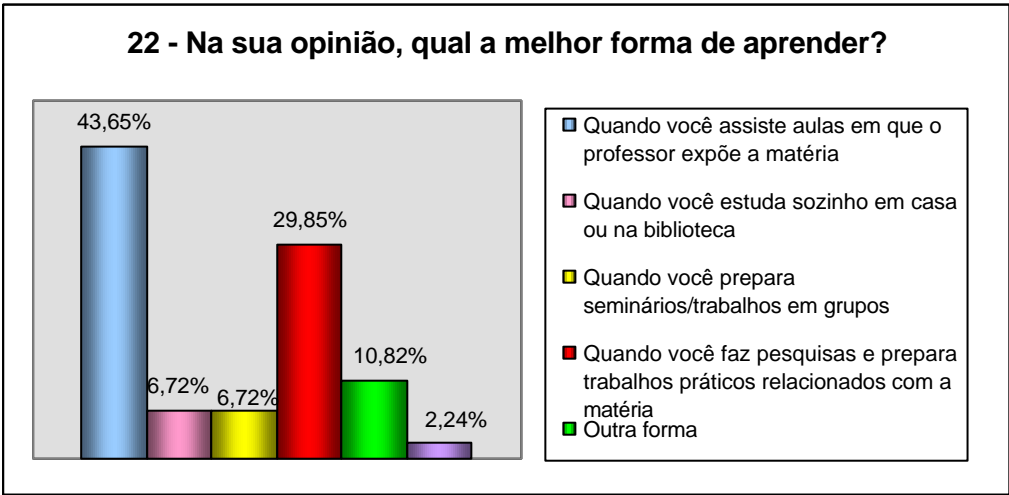
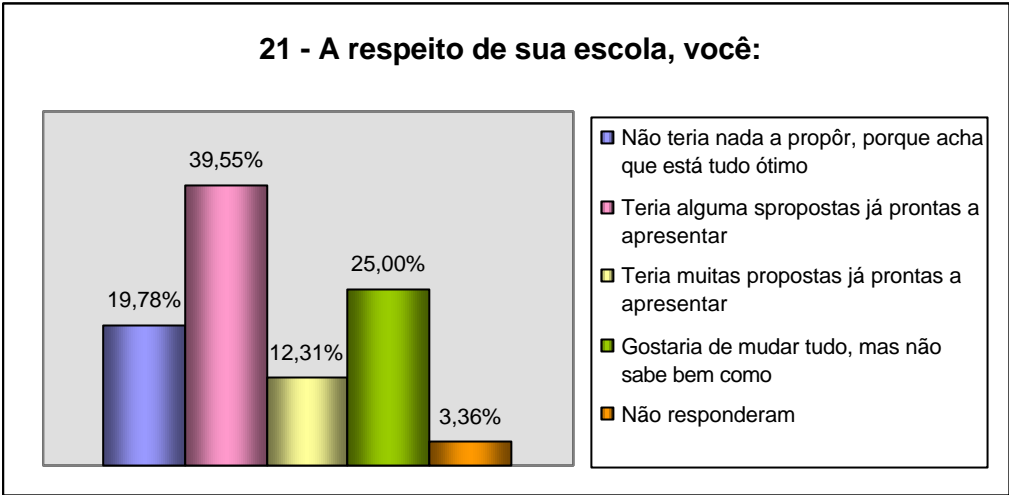
16 - Na escola, você:

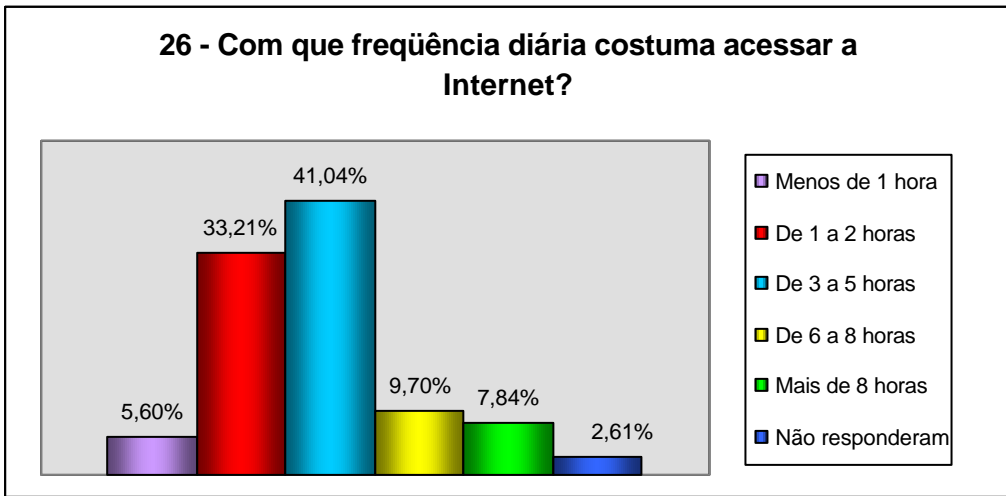
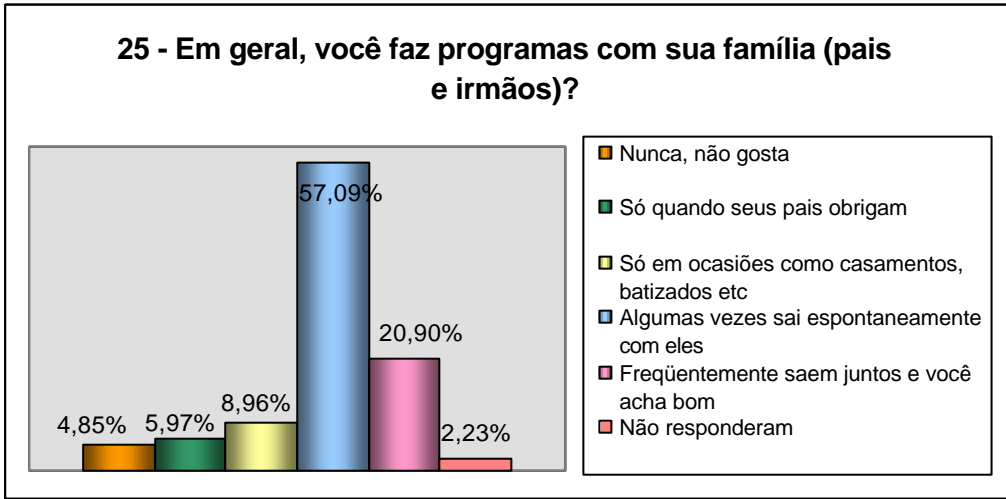
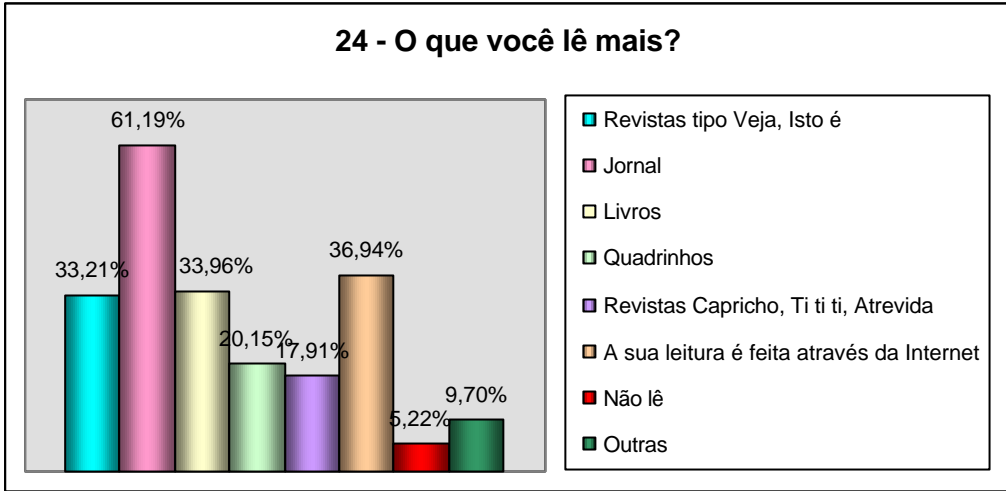


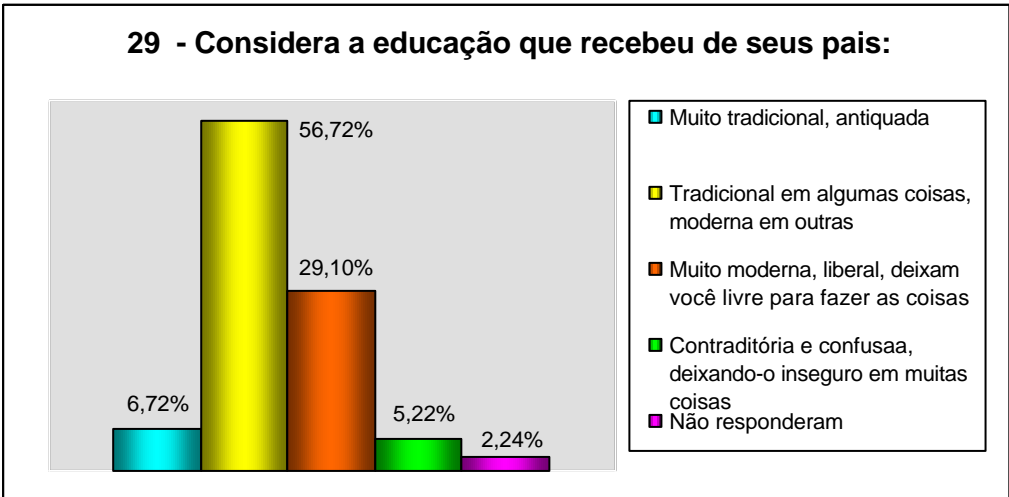
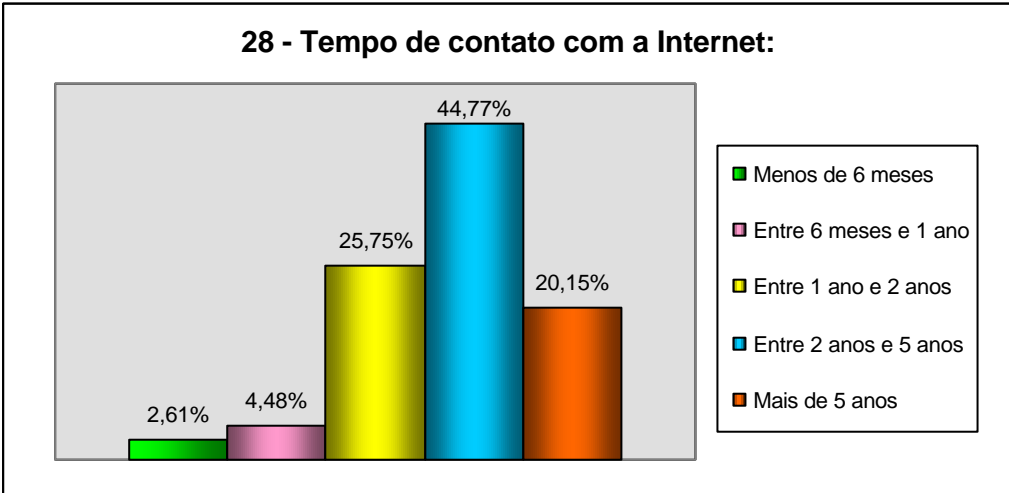
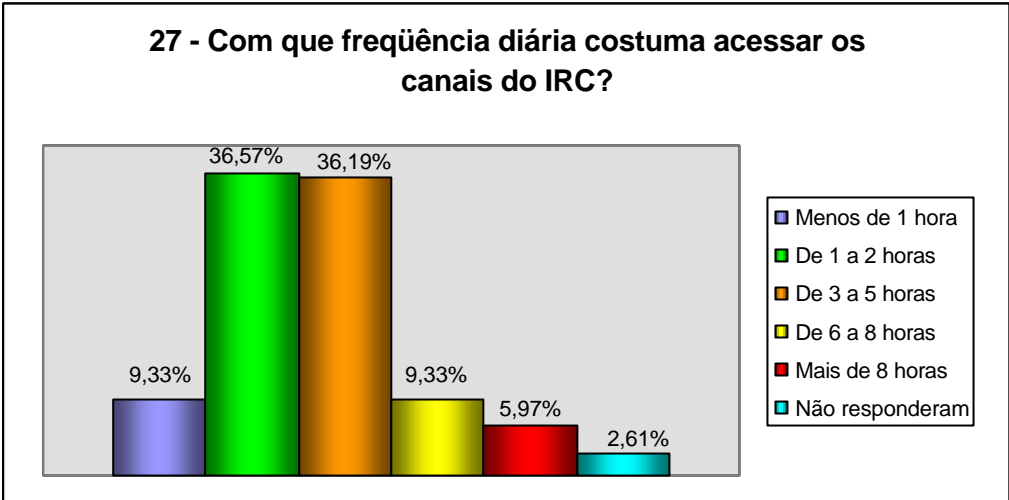
17 - Com relação aos professores que você teve até hoje, você acha que:

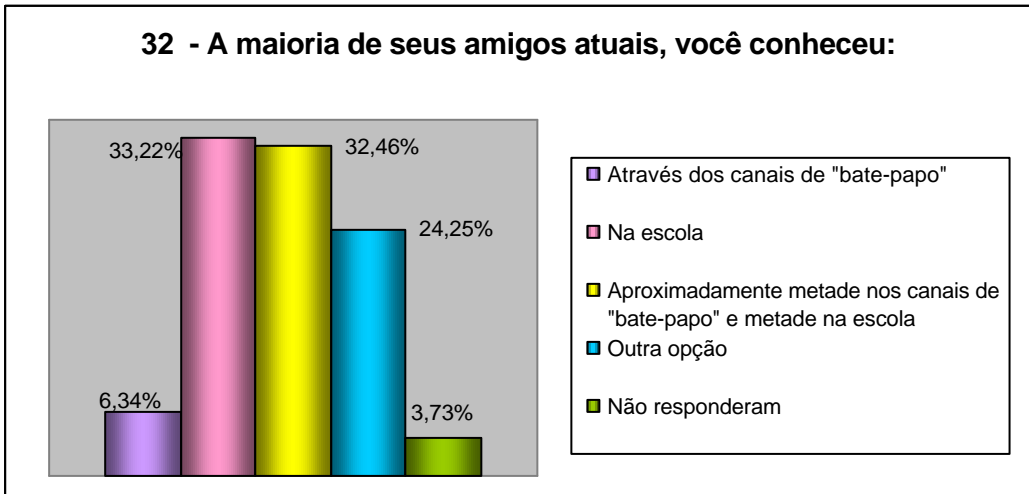
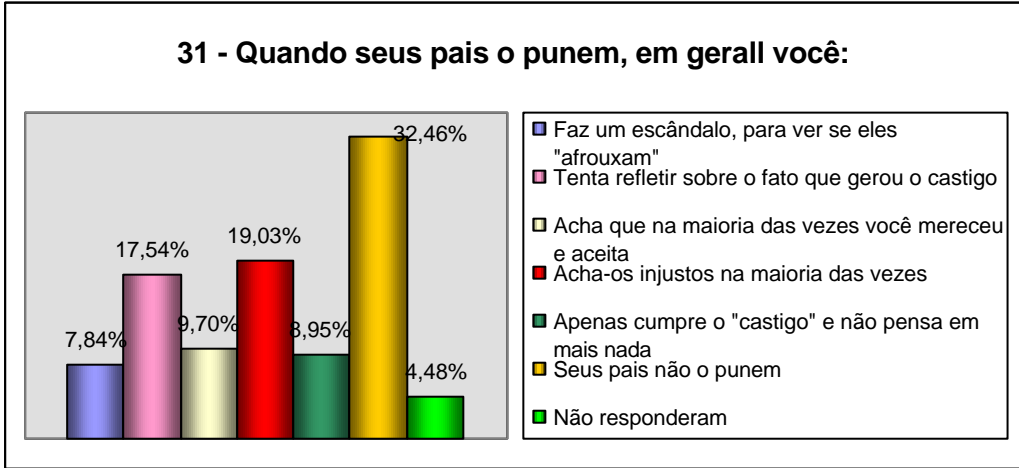
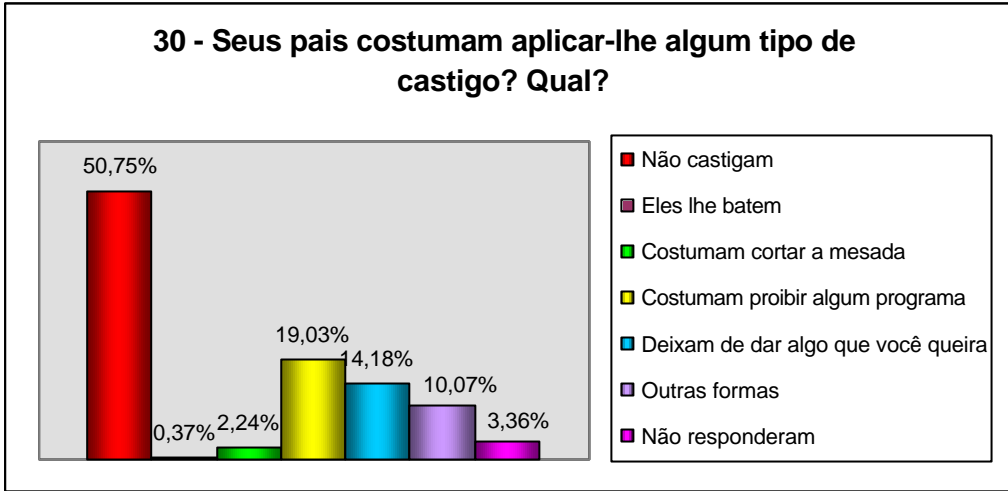


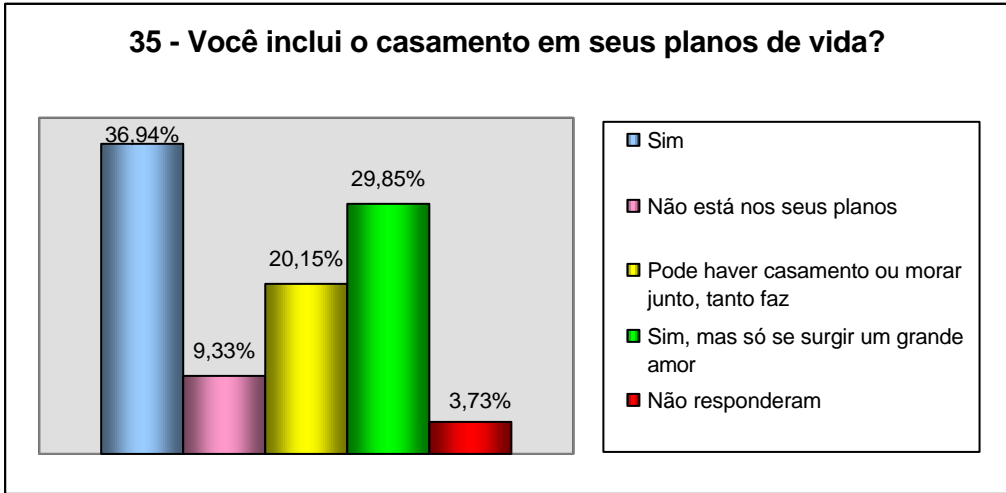
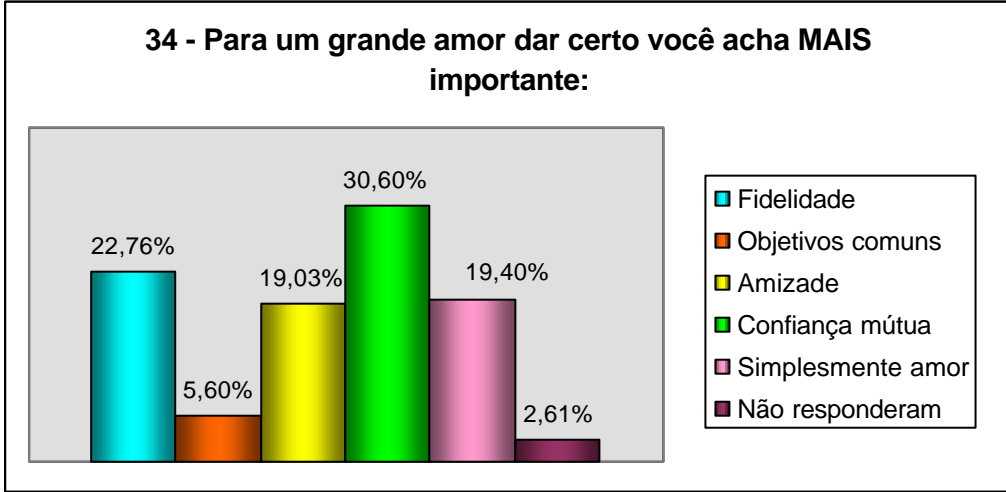
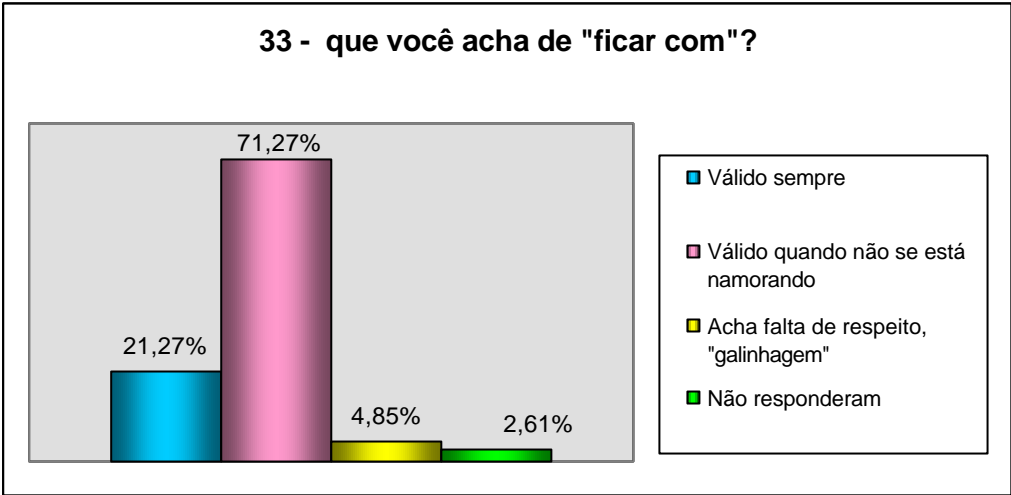




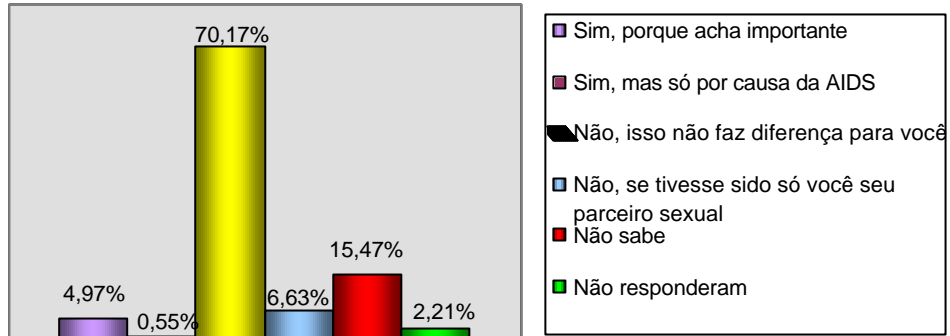




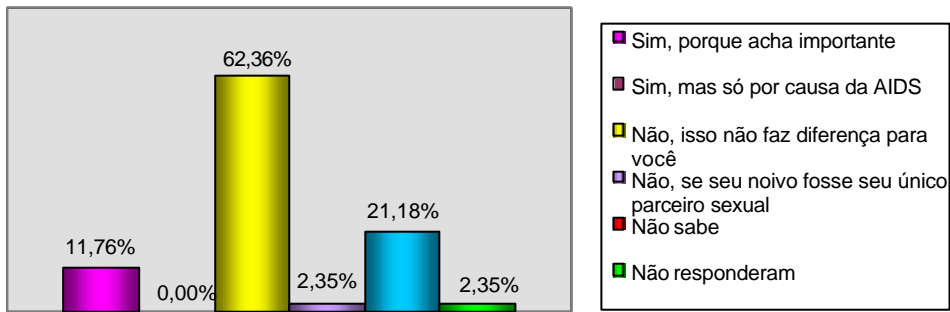




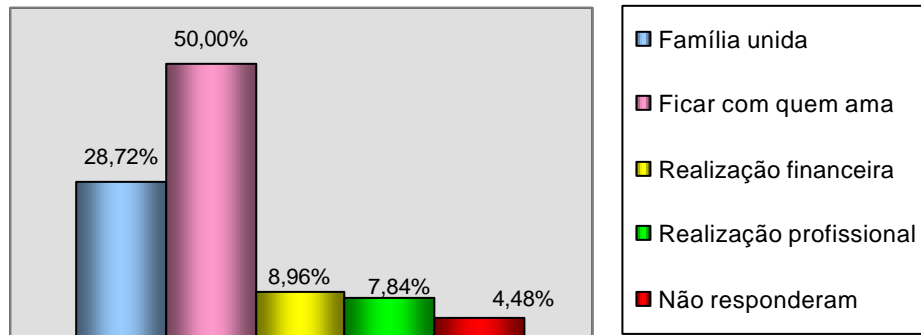
36 - Só para os rapazes: se você fosse casar, daria preferência a uma moça virgem?



37 - Só para moças: se fosse casar, preferiria manter-se virgem até seu casamento?



38 - O que você considera que MAIS precisa para ser feliz?



Anexo D - Roteiro básico da entrevista com os jovens

1. Dados Pessoais:

- a) Idade:
- b) Sexo
- c) Nick:
- d) Escola-série-nível:
- e) Tem namorado(a)?
- f) Com quem você mora?
- g) Você trabalha?

2. A Internet:

- a) Você conecta todos os dias? Quanto tempo por dia? Há quanto tempo?
- b) A Internet faz parte do seu dia-a-dia? Como?
- c) Você se considera um dependente da Internet? E os seus pais e familiares como reagem?
- d) Seus amigos costumam teclar?
- e) No que a Internet o(a) ajuda ou o(a) atrapalha?
- f) Relacionamentos através da Internet: amigos x ficantes x namorados
- g) Ircontros: você vai? Por quê? O que o motiva a participar?
- h) Como é o ambiente do canal?
- i) Relações virtuais: manos-filhos-pais-mães: como funcionam?
- j) Você expõe seu estado emocional nos nicks, tipo: JU_tristinha, JU_toruim? Isso ajuda?
- k) Você acha q rola muita mentira nos papos, ou é uma chance dos jovens serem autêntico, quando se conversa sem se enxergar?

3. A Escola:

- a) Nome da escola, série, nível:
- b) Como se sai na escola: aprovações, reprovações, infreqüências...
- c) Gosta da escola? O que ela tem de bom? O que ela tem de ruim?
- d) Professores: como eles são? Quem é bom? Quem é ruim?
- e) Que tipo de atividade na escola você gosta? E não gosta?
- f) Os professores sabem a matéria? São interessados? São bem preparados?
- g) Avaliações? Conseguem avaliar o que você sabe?
- h) Você usa a Internet em favor de seu aprendizado? Como?
- i) De que forma você estuda: sozinho, com colegas, em silêncio...?
- j) Você tem espaço na escola? É ouvido? Consegue expor suas idéias?
- k) Como é a escola de seus sonhos?
- l) Na sua escola, existem problemas de disciplina? Os alunos respeitam os professores e funcionários?
- m) Na sua escola, existem problemas de violência?

Anexo E - Roteiros básico da entrevista com os professores

1. Dados Pessoais:

- a) Nome:
- b) Idade:
- c) Telefone:
- d) Fez magistério?
- e) Curso de graduação:
- f) Especialização/Mestrado/Doutorado:
- g) Estado civil:
- h) Filhos e idades:

2. Escola:

- a) Nome:
- b) Tempo de serviço:
- c) Horas semanais:
- d) Matéria e série:
- e) Número de alunos:

3. Uso de tecnologias:

- a) Que tecnologias usas na sala de aula?
- b) Costumas usar a Internet?
- c) Tens cursos na área?
- d) Esse uso é por iniciativa própria ou proposto pela Escola?
- e) Os alunos te cobram esse uso?

4. As aulas....

- a) Descreva tua aula:
- b) O que mais te agrada na tua aula?
- c) O que mais te desagrada na tua aula?
- d) Qual o teu segredo para dar uma boa aula?

5. Os alunos...as relações...

- a) Como eles são?
- b) Parece que está na moda a expressão “aluno super ativo” para designar alunos que têm dificuldade para aprender por falta de concentração. Alunos com esse comportamento aparecem com frequência na tua sala de aula?
- c) Aparecem outros tipos de dificuldades de aprendizado? Quais ?
- d) Atualmente, quais são os fatores que atrapalham o aprendizado do aluno?
- e) Existe desrespeito, violência, indisciplina na tua sala de aula?
- f) Como tu lidas com o enfrentamento, com a agressão verbal, com a indisciplina?
- g) Qual o teu segredo para lidar com os jovens?
- h) Na tua opinião por que eles te consideraram um excelente professor?

6. A escola...

- a) Qual é o tipo de relacionamento que tens com a Escola? Tens liberdade para atuar da forma que pensas, ou tens uma linha de atuação norteadada pela escola?
- b) Nessa pesquisa ficou claro que a relação mais forte, mais importante é do aluno com o professor, ficando em segundo plano a relação do aluno com a escola. O que tu pensas a respeito disto?
- c) Formação do professor? Participação em cursos, seminários, congressos?

7. A avaliação...

- a) Como é a avaliação que realizas com os teus alunos?
- b) O que consideras importante ou desconsideras para avaliar o aluno?
- c) Este tipo de avaliação é justa?

Anexo F - Fotos dos IRContros

